



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

KARLA TEREZA AMÉLIA FORNARI DE SOUZA

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EMANCIPAÇÃO HUMANA:
CONTRIBUIÇÕES DO PROJOVEM CAMPO - SABERES DA TERRA
(EDIÇÃO 2008) EM PERNAMBUCO

João Pessoa

2014

KARLA TEREZA AMÉLIA FORNARI DE SOUZA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E EMANCIPAÇÃO HUMANA:
CONTRIBUIÇÕES DO PROJOVEM CAMPO - SABERES DA TERRA
(EDIÇÃO 2008) EM PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito para obtenção do grau de Mestre, na linha de Pesquisa em Educação Popular.

Orientadora: Profa. Dra. Socorro Xavier Batista

João Pessoa
2014

S729e Souza, Karla Tereza Amélia Fornari de.
Educação do campo e emancipação humana: contribuições do Projovem Campo - Saberes da Terra (Edição 2008) em Pernambuco / Karla Tereza Amélia Fornari de Souza.-- João Pessoa, 2014.
150f. : il.
Orientadora: Socorro Xavier Batista
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Educação popular. 2. Educação do campo.
3. Emancipação. 4. Campesinato. 5. Comunidade.

UFPB/BC

CDU:

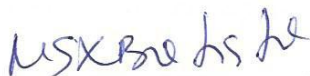
KARLA TEREZA AMÉLIA FORNARI DE SOUZA

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EMANCIPAÇÃO HUMANA:
CONTRIBUIÇÕES DO PROJOVEM CAMPO- SABERES DA TERRA
(EDIÇÃO 2008) EM PERNAMBUCO

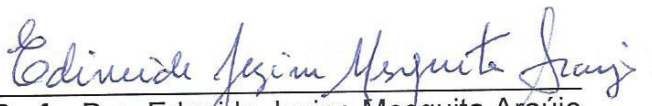
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação como
requisito para obtenção do grau de
Mestre, na linha de Pesquisa em
Educação Popular.

Aprovada em 22/08/2014

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Socorro Xavier Batista
Orientadora – PPGE- UFPB



Profa. Dra. Edneide Jezine Mesquita Araújo
PPGE-UFPB (Examinador interno)



Prof. Dr. Salomão Mufarrej Hage
PPGE-UFPA (Examinador externo)

João Pessoa
2014

Gratidão ao COSMO

Com todas as suas energias positivas emancipatórias e libertárias!

Gratidão AOS POVOS DO CAMPO

que, assim como as sementes, nunca desistiram de germinar e

vivificar, forjando no trabalho, a força da natureza

em suas múltiplas possibilidades de transformação...

Gratidão aos meus: PAI E MÃE!

Cada um, ao seu modo, tem total responsabilidade pelo que sou,

pois sempre viveram, na vida, o discurso que debulham pela boca,

mas que brota no coração e assim me ensinaram...

A SEMPRE LUTAR SEM NUNCA DEIXAR DE SONHAR!

A REAFIRMAR, NO CAMINHAR,

QUE O PROJETO TEM MESMO QUE SER POPULAR!

A CONJUGAR OS VERBOS

AMAR

TRABALHAR

APRENDER E ENSINAR

PARTILHAR

TRANSFORMAR

POIS COM ELES SERÁ POSSÍVEL A EMANCIPAÇÃO REINVENTAR!

Dedico este trabalho,
encharcado de suor e lágrimas,
a meu pai João Francisco, vivo no sangue e nas
ideias,
à minha mãe Inez Maria grande estimuladora da
disciplina e do compromisso.
Aos Povos do Campo que com suas lutas e
conquistas instigam minha militância e fortalecem o
projeto da Educação Popular no Campo.
Aos amigos que encontrei neste Programa e que
alimentaram em várias dimensões, esta produção,
especialmente na figura de Cícero Pedroza.
À professora Rosângela Tenório Carvalho pela
escuta sensível e dicas fundamentais.

Sigamos la marcha!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e sempre a Deus!

Que nos dá forças para seguirmos firmes no propósito da luta.

Aos meus familiares e amigos que acompanharam, de perto e de longe, este trabalho, aguentando crises existenciais, alterações de humor, dúvidas, incertezas e promessas nesta minha caminhada.

Aos educadores e educandos do Projovem Campo - Saberes da Terra de Pernambuco, que se aprendendo sujeitos de direitos, de lutas e de transformações... Fortalecem nossa luta por esta e tantas outras garantias.

Aos professores do PPGE-UFPB, nas figuras de Socorro Batista Xavier (minha orientadora) e José Francisco de Melo Neto, cada um a seu modo estimulou e contribuiu com esta construção e a práxis sobre a Educação do Campo e a Educação Popular.

À Capes por garantir a bolsa de estudos, necessária para a dedicação exclusiva a este processo formativo e de pesquisa.

À equipe da Coordenação da Educação do Campo de PE que sempre me acolheu e foi muito generosa, cedendo informações e materiais, especialmente na figura de Fernanda Alencar (atual coordenadora) e companheira de lutas e de sonhos!

Aos Educadores e Educandos da Comunidade Mendes no município de Quixaba, por dedicarem parte de seu tempo para compartilhar suas histórias de vida, suas conquistas... Retroalimentando assim, nosso sonho, utopia e luta pela Emancipação Humana!

Aos Movimentos Sociais Populares por permanecerem na luta pela dignificação da vida!

Às Deusas e aos Deuses de quem sendo imagem e semelhança nos inspiramos a ser mais e melhores!

RESUMO

Dissertação elaborada em cumprimento às normas do Programa de Pós Graduação em Educação, na linha de Pesquisa em Educação Popular da Universidade Federal da Paraíba. O texto dissertativo aqui apresentado remete à sistematização da pesquisa desenvolvida com foco nas contribuições do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra em PE (edição 2008), para os Educadores do Campo e Agricultores Familiares na perspectiva da Emancipação. O modo de problematizar essas contribuições, no aspecto emancipatório, teve como inspiração principal os estudos de Paulo Freire, João Francisco de Souza, Alder Júlio Calado e José Francisco de Melo Neto no campo da Educação Popular; e, também os estudos de Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Monica Molina e Antônio Munarin sobre Educação do Campo. Do ponto de vista metodológico o estudo privilegiou a pesquisa qualitativa, numa abordagem crítico dialética. Nesse sentido, aspectos como a vida dos participantes, os espaços culturais de vivência e a vida da própria pesquisadora estão em relação contínua. Com esse caminho definimos os conceitos centrais de orientação da análise: Campesinato, Educação do Campo e Emancipação e as categorias temáticas - poderes associados: o argumentativo, o organizativo e o interventor. A partir dessa conceitualização e categorização elegemos como procedimentos de pesquisa a análise de conteúdo da entrevista coletiva (educadores) e do grupo focal (educandos). O processo da análise de conteúdo, dos registros das falas resultantes da entrevista e grupo focal, nos permitiu fazer uma leitura das unidades de significação e subcategorias. A análise interpretativa das falas nos permite dizer sobre as contribuições do Programa Projovem Campo – Saberes da Terra, na perspectiva da emancipação, no contexto dos poderes associados e suas implicações no processo emancipatório. Há indicações de reinvenções nos modos de ver-se como sujeitos da comunidade, a valorização da escolarização, com um currículo integrado, gerando novos conhecimentos e transformações nos modos e relações de trabalho, o sentido de pertencimento ao território onde vivem e trabalham e o desejo mobilizador de mudança, para o enfrentamento dos problemas da comunidade. Pudemos verificar indícios de que na construção e fortalecimento dos Poderes Associados vai sendo reinventada a Emancipação humana, motivada por vontades e sonhos, concretizada em lutas e projetos comuns e tornada prática nos modos e relações de trabalho, de cultura que vão sendo cotidianamente reproduzidas ou recriadas nas contradições mesmo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular. Educação do Campo. Emancipação. Campesinato. Comunidade.

ABSTRACT

The dissertation developed in accordance with the standards set by the Post Graduate Program in Education, Research in Popular Education, of the Federal University of Paraíba. The argument of the text refers to the systematization of research developed with a focus on the contributions of the Programa Projovem Campo – Saberes da Terra [Pro-rural youth – knowledge of the land] in Pernambuco (2008 Edition) for Rural and Farmhand educators from an emancipatory perspective. The way of problematizing these contributions, in an emancipatory way, was inspired by the studies of Paulo Freire, João Francisco de Souza, Alder Júlio Calado and José Francisco de Melo Neto in the field of popular education; and also the studies of Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Monica Molina and Antônio Munarin on Rural Education. From the methodological point of view, the study focused qualitative research with a critical dialectical approach. Thus such aspects as the everyday life of the participants, the cultural spaces of their experience, and even the life of the researcher are in an ongoing relationship. Along this line of study we can define the central concepts of the orientation of our analysis: Rural workers, Rural Education and Emancipation. The thematic categories are the associated powers: the argumentative, the organizational and the intervenor. From this conceptualization and categorization we elected to proceed with an analysis of content of a collective interview (educators) and focus group (students). This process of content analysis, from records of conversations taken from interviews and the focus group, allowed us to make a reading of the significant units and their subcategories. The interpretative analysis of this discourse made us able to tell about the contributions of the Pro-Rural youth – Knowledge of the Land Program through the perspective of emancipation, in the context of the powers associated with and their implications in the emancipatory process. There are indications of re-invention in ways of seeing themselves as subjects of the community, the value of education, with an integrated curriculum, generating new knowledge and transformations in the modes of work and labor relations, the sense of belonging to the land where they live and work and the desire for change, to confront the problems of community. We were able to find evidence that in the construction and strengthening of the Associated Powers human emancipation becomes reinvented, motivated by desires and dreams, realized in struggles and common projects, and made practical in the means and relations of work, of culture which is routinely reproduced or recreated in the contradictions of living.

KEY WORDS: Popular Education. Rural Education. Emancipation. Rural Workers. [peasants]. Community.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAA-UFPE	Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de
CQ	Comunidade Quilombola
EC	Entrevista Coletiva
EP	Educação Popular
FETAPE	Federação dos Trabalhadores na agricultura de Pernambuco
FONEC	Fórum Nacional de Educação do Campo
GF	Grupo Focal
MSP	Movimentos Sociais Populares
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
NFD	Núcleo de Formação Docente
PE	Pernambuco
PI	Projeto de Intervenção
PJC-ST	Programa Projovem Campo - Saberes da Terra
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mandala do Eixo articulador e Eixos Temáticos do Programa.....	33
Figura 2 - Atividade com temas para educandos e educandas.....	34

Figura 3 - Orientação sobre o percurso formativo para o educador	35
Figura 4 - Tríade da Ação Educativa	56
Figura 5 - Práxis pedagógica.....	58
Figura 6 - Noções orientadoras	78
Figura 7 - Categorias Temáticas:PoderesAssociados.....	79
Figura 8 - Poderes Associados: articulam-se e complementam-se.....	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Movimentos Sociais Populares partícipes do PJC-ST (2008)	36
Quadro 2 - Percurso Formativo do Programa	39
Quadro síntese de conteúdos da entrevista coletiva com educadores a partir do referencial: Poderes Associados	84
Quadro síntese de conteúdos do GF com educandos partir do referencial: Poderes Associados	86
Quadro síntese de aproximações e convergências das falas de educadores e educandos a partir das ideias força.....	88

LISTA DE IMAGENS

Imagens 1 e 2 - Organização da Produção Agroecológica Integrada Sustentável (PAIS).....	47
Imagens 3 e 4 - Educandos aprendem a fazer artesanato com jornal	47
Imagens 5, 6 e 7 - Educandos apresentam horta orgânica coletiva.....	49
Imagem 8 - Local das aulas do Sítio Mendes.....	80
Imagens 9, 10 e 11 - Criação de galinhas, de porcos e das hortas dos educandos.	82
Imagem 12 - Cisternas construídas na comunidade	101

SUMÁRIO

1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA, TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS.....	12
2. O PROGRAMA PROJOVEM CAMPO - SABERES DA TERRA (2008) EM PERNAMBUCO E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES	32
3. CAMPESINATO, EDUCAÇÃO DO CAMPO E EMANCIPAÇÃO	63
3.1 Campesinato e educação do campo.....	64

3.2 Educação do Campo e Emancipação.....	71
4. PODERES ASSOCIADOS E OS DESAFIOS DAS PRÁTICAS EMANCIPANTES:	
ANÁLISES E INCONCLUSÕES	77
4.1 As experiências, seus desafios e a construção dos Poderes Associados.....	79
4.2 Os poderes associados se consolidam e se desafiam nas práticas emancipantes	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS?	108
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE	117
APÊNDICE I	117
APÊNDICE II	137

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA, TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS

Nada se constrói por acaso. Nem mesmo um texto acadêmico! Tudo, seja pessoal ou coletivo, é fruto de uma história, de uma imposição social e/ou de uma opção política, que vai se configurando ao longo do tempo e do espaço num esforço de superação dos limites e entraves (SOUZA, 1999, p. 05).

A pesquisa, aqui apresentada, analisa as contribuições das experiências do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra¹ (edição 2008) em Pernambuco, para a vida e o trabalho dos Educadores do Campo e Agricultores Familiares (educandos e educandas) envolvidos, na perspectiva da Emancipação humana. Para tanto, o campo de pesquisa foi delimitado em três turmas coordenadas por Movimentos Sociais Populares (Movimento dos Trabalhadores sem Terra - MST, Quilombolas e Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco - FETAPE), com um aprofundamento junto a Educadores e Educandos da Comunidade Mendes - município de Quixaba, sob a responsabilidade da FETAPE, (na qual realizamos a entrevista coletiva e o grupo focal), por ter sido um dos coletivos que se destacou tanto nos processos de escolarização quanto nos processos produtivos em sua comunidade, evidenciando-se diversas práticas emancipatórias.

Estamos denominando de experiências o conjunto de práticas vividas e refletidas pelos diferentes sujeitos inseridos no contexto do Programa Projovem Campo – Saberes da Terra, inclusive esta pesquisadora. De modo mais específico, nos interessou refletir sobre os diferentes tempos e espaços do Programa, a partir das experiências de Formação de Educadores do Campo desenvolvidas no âmbito dos Movimentos Sociais Populares de Pernambuco, intencionalmente, na perspectiva da Educação Popular como via de emancipação humana, seu objeto. Tem continuidade nos acompanhamentos pedagógicos realizados junto às turmas

¹ O Programa Saberes da Terra integra a Política Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM e passa a se denominar **ProJovem Campo – Saberes da Terra**. O PROJOVEM foi instituído pela Medida Provisória nº 411/07, representa um indutor de políticas públicas de juventude nas diferentes esferas e tem por objetivo promover a reintegração de Jovem ao processo educacional, sua qualificação profissional e seu desenvolvimento humano através de quatro modalidades: I) ProJovem Adolescente; II) ProJovem Urbano; III) ProJovem Trabalhador e IV) Projovem Campo. (Brasil/MEC/SECADI).

de educadores e educandos em suas áreas, culmina com o regresso para verificação da implantação dos Projetos de Intervenção, (os quais foram organizados e executados, sobretudo pelo grupo de educandos partícipes) e finalmente a realização da Entrevista Coletiva (EC) com educadores e do Grupo Focal (GF) com educandos na Comunidade Mendes, município de Quixaba, sertão pernambucano.

O Programa Projovem Campo – Saberes da Terra se originou do Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos, Integrado com Qualificação Social e Profissional para Agricultores Familiares (Saberes da Terra) criado em 2005, em resposta às demandas dos Movimentos Sociais Populares do Campo, em luta permanente pela garantia dos direitos dos povos do campo, inclusive a Educação Básica de qualidade e que atenda às necessidades e respeite a diversidade dos territórios dos diferentes povos do Campo. Integrou-se, dois anos depois, ao Programa Nacional de Inclusão de Jovens, transformando-se no Programa Projovem Campo - Saberes da Terra cuja gestão é da Secretaria Nacional de Juventude. Como consta no portal do Ministério da Educação, o Programa Projovem Campo:

[...] oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental. [...] visa ampliar o acesso e a qualidade da educação à essa parcela da população historicamente excluída do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo (BRASIL, Portal MEC, 2009).

Atualmente, em sua quarta edição, este Programa encontra-se muito fragilizado pelos cortes nos recursos, pela não garantia da formação continuada de professores - profissionais em serviço, entre outros problemas que vêm descaracterizando o Programa que, até então, era o que avalio como mais coerente com as demandas e proposições da Educação do Campo em território, brasileiro numa perspectiva emancipatória.

A motivação para analisar esse programa, no contexto da minha formação no mestrado, está relacionada a minha trajetória de educadora popular. Trajetória construída nos trabalhos e militância docente, desenvolvidos na Formação de Educadores do Campo desde 1997, em diferentes projetos e programas a exemplo: Oficinas de Leitura para professores de turmas multisseriadas no município de Paudalho (Zona da Mata Norte em PE); Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA; Programa de apoio ao desenvolvimento sustentável

da Zona da Mata de PE - PROMATA, PROJOVEM CAMPO - SABERES DA TERRA, entre outros. Além de diversas formações continuadas, para professores de jovens e adultos das redes municipais, em diferentes localidades do Estado de Pernambuco e junto aos Movimentos Sociais Populares, como por exemplo, o MST e a FETAPE. Foi a partir destas experiências que pude acompanhar os desafios da Educação do Campo pernambucano e em território brasileiro, numa perspectiva Popular. Foi também nesse processo que fui fazendo minha formação teórica e metodológica na perspectiva da Educação Popular.

Assimé a partir de meados dos anos 1990, que brota minha trajetória como educadora, mais especificamente na Educação Popular, essa experiência toma corpo junto à Educação de Jovens e Adultos, e cria raízes na Educação do Campo. E, desde então, assumindo-me Educadora Popular, com a finalidade maior de, ao participar junto à classe trabalhadora e aos povos do campo, aprendendo e ensinando, colaborar, propositivamente, com os processos emancipatórios que a Educação - numa perspectiva libertadora - anuncia ser seu objetivo geral. Desta maneira, a emancipação humana, individual e coletiva, vem sendo, ao mesmo tempo, utopia e desafio cotidiano nos processos educativos que me proponho a vivenciar, refletir e sistematizar. Sendo assim, para esta pesquisa, busquei reunir elementos, criar as condições para refletir sobre os processos e resultados, verificar as possíveis contribuições para a Ciência da Educação, podendo evidenciar construções e limitações desta busca na Educação do Campo. No intuito de superar os *discursos* práticos e militantes, buscamos entender este fenômeno tão complexo e os efeitos da pesquisa em Educação, enquanto objeto e abordagem.

Destaco como um aspecto importante nessa minha trajetória o envolvimento com o Programa Projovem Campo - Saberes da Terra, objeto de estudo dessa dissertação. Tive a oportunidade de participar ativamente de sua implementação, desde a elaboração do material didático - compondo a equipe técnica do NUPEP/UFPE coordenada pelo Professor João Francisco de Souza, na organização e execução dos Seminários Nacionais - junto ao MEC, e também na equipe de coordenação pedagógica do Curso de Aperfeiçoamento pelo CAA - UFPE, na formação de formadores e de educadores, e ainda na execução dos acompanhamentos pedagógicos. É, portanto, com declarada intencionalidade de que este trabalho e os conflitos sócio cognitivos, vividos neste tempo e espaço motivados tragam novas informações, argumentos e a criticidade necessária para

fortalecer os saberes/poderes argumentativos, organizativos e propositivos diante dos atuais desafios da Educação Popular e da Educação do Campo. Para assim continuarmos atuando neste campo de conflitos, lutas, construções, sonhos, múltiplas e diversas possibilidades de vida, de produção e de transformação, na perspectiva da Emancipação humana e social articulada aos processos educativos.

O caminho analítico eleito privilegiou os estudos no campo da Educação Popular e da abordagem dialética, considerando que o objeto de estudo envolve a complexidade das relações entre sujeitos, entre sujeito e objeto, o contexto social (território de disputas) e, por se tratar de uma experiência de educação gestada e desenvolvida pelos Movimentos Sociais Populares, envolve a contradição da luta de classes. Esse caminho teórico nos levou a optar por uma abordagem qualitativa como “um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26). Operacionalmente a pesquisa qualitativa nos leva a buscar, no ambiente de participação dos sujeitos, o conteúdo a ser identificado e analisado. Nesse sentido, fomos buscar nos registros (escritos e imagéticos) dos próprios atores do processo, três relatórios de acompanhamento pedagógico e fotografias produzidos pela equipe de coordenadores e projetos de intervenção produzidos pela equipe de educadores, dando destaque às narrativas dos educadores e educandos participantes do programa. Para essa finalidade utilizamos como estratégia de pesquisa elementos da análise de conteúdo para os registros selecionados na transcrição da entrevista coletiva e do grupo focal, realizados em apenas uma das comunidades analisadas.

Nossa opção pela entrevista coletiva e pelo grupo focal teve como respaldo estudos desenvolvidos por Gatti (2005). Segundo a autora, é condição para o grupo focal que os participantes tenham alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas. Esses requisitos foram todos adequados ao grupo pesquisado. Outro aspecto importante da finalidade da pesquisa com entrevista e grupo focal foi perceber, a partir da conversa, das trocas de ideias no grupo, os conceitos, os sentimentos, as atitudes, as crenças, o modo de dizer de suas experiências e reações, questões fundamentais para a pesquisa empreendida (GATTI, 2005, p. 9).

Nossa análise de conteúdo teve como foco a análise temática, ou seja, uma análise dos significados (BARDIN, 2009, p. 37). Articulamos os conceitos de Educação Popular, Educação do Campo e Emancipação às categorias iniciais que

denominamos de Poderes Associados e que dialogam com ideias força que foram emergindo dos registros analisados.

Assim, a análise do *corpus* da pesquisa teve como finalidade evidenciar suas construções, as possíveis contradições (desafios e possibilidades), enquanto contributo para a transformação social, na perspectiva da Emancipação humana e para fortalecer a intencionalidade da Educação Popular - EP, no sentido de uma Educação Emancipatória frente às atuais demandas culturais, por meio do trabalho educativo, politicamente engajado e socialmente vinculado à possibilidade da 'hegemonia popular'. Fazendo percursos de ir e vir nos micro e macro cosmos tanto da pesquisa educacional quanto dos processos formativos voltados para o campo, suas tensões locais e globais, a fim de melhor compreender este cenário e suas nuances. Na leitura dos registros escolhidos os conceitos centrais da pesquisa conformaram o modo de problematizá-la. Interessou-nos identificar quais as compreensões sobre emancipação dos sujeitos educativos e suas práticas? Quais as contribuições do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra para Emancipação dos Educadores do Campo e Agricultores Familiares envolvidos? Quais os avanços e principais desafios na implementação de Políticas Públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos no Campo pernambucano?

Responder a essas questões é a condição para darmos conta do nosso objetivo de pesquisa: a análise das contribuições das experiências do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra (edição 2008) em PE, para a vida e o trabalho dos Educadores do Campo e Agricultores Familiares envolvidos, na perspectiva da Emancipação humana. De forma mais objetiva, nossa intenção é verificar essas contribuições, para a Emancipação dos sujeitos individuais e coletivos envolvidos e, ao mesmo tempo, refletir, a partir da experiência do Programa sobre os avanços e desafios, nos processos de implantação de Políticas Públicas educacionais para o campo pernambucano e suas possíveis contribuições na vida e trabalho de seus sujeitos.

Partimos do pressuposto que a participação, indício e condição de estar em movimento, refletir e agir sobre suas identidades, realidades e projetos futuros, poderá ser eixo articulador de mudanças na vida dos sujeitos participantes. No caso do grupo pesquisado, nos interessa observar desde como tratam as conquistas materiais e, em alguns casos, a transcendência sociopolítica, mas também como evidenciam transformações nas suas representações sociais sobre coletivo,

comunidade, mudança e sujeitos de transformação, assumindo-se como tal. Nossa hipótese inicial é que a Emancipação prescinde o movimento; pois, será em movimento que se tornarão possíveis as mudanças.

Esse pressuposto está sustentado nos estudos sobre Educação Popular, Educação do Campo e Emancipação aos quais recorreremos nessa pesquisa. Esses conceitos evidenciaram-se como fundamentais, apesar de repletos de contradições e diferentes concepções. Sendo assim, optamos por trazer diferentes modos de dizer/discutir emancipação nos escritos de diversos autores reconhecidos, tais como: Adorno (2013), Santos (1999), Freire (1993), Souza (1999 e 2007), Melo Neto (2008), Martins (1995), Carvalho (2005), Caldart (2002), Molina (2006), Silva (2009) entre outros, que pudessem contribuir com a complexificação das reflexões e proposições. Apresentamos a seguir algumas concepções, às quais nos afiliamos, para ir construindo esta análise, também foram agrupadas algumas falas dos educadores e educandos (retiradas da entrevista coletiva - EC e do grupo focal - GF), por considerarmos fundamental dar voz aos sujeitos pesquisados, os quais além de fazer emergir as ideias força nos deram as condições de elaborar reflexões acerca do processo, evidenciando seus avanços e fragilidades.

O conceito de Educação Popular, que destacamos, se referencia no entendimento de Freire (1993), que aqui apresenta algumas de suas especificidades. Elementos como mobilização, organização, poder, transformação, saber-fazer, estão presentes nesta concepção:

Entendo a Educação Popular como um esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares. Capacitação científica e técnica. Entendo que este esforço não se esquece, que é preciso *poder*, ou seja, é preciso transformar [...] para que se possa fazer escola de outro jeito. [...] depois que a entendo como mobilização, depois que a entendo como organização popular para o exercício do poder que necessariamente vai se conquistando, [...] depois que entendo essa organização também do *saber* [...] compreendo o saber que é sistematizado ao interior de um *saber-fazer*. Então se descobre que a Educação Popular tem graus diferentes, ela tem formas diferentes (FREIRE, 1993, p. 19-20).

Os diversos processos descritos por Freire estiveram presentes nas falas de educadores e educandos durante a realização da EC e do GF e nos dão a dimensão do alcance de suas construções. Pudemos verificar estes elementos de diferentes formas; a mobilização foi um aspecto fundamental para se organizarem como coletivo, planejarem as ações e estratégias, executarem e avaliarem. Foram se

empoderando, à medida, em que reconheciam suas realidades, suas identidades, que refletiam sobre seus problemas e buscavam formas de enfrentá-los. Processos estes que foram gerando transformações muito significativas, em suas formas de compreender a realidade, de atuar sobre a mesma e de projetar seu futuro. Fortalecendo o saber-fazer, elemento chave nas aprendizagens, especificamente para Educação Popular, algo que deve ser valorizado e enriquecido, material e simbolicamente.

Já Souza (2007) faz uma elaboração da Educação Popular vinculada à Cultura, na perspectiva da humanização e da Pedagogia, enquanto processo e resultado da análise dos problemas locais, na expectativa de superação dos mesmos. Assim,

Tomaremos a Educação Popular como uma pedagogia que entende a educação como atividades culturais para o desenvolvimento da cultura, contribuindo para a superação das negatividades de todas e quaisquer culturas e para a afirmação e o impulso de suas positivities. A pedagogia é aqui compreendida como resultado de uma reflexão diagnóstica, judicativa, teleológica e rigorosa sobre os problemas socioeducacionais de uma determinada sociedade na perspectiva dos interesses de grupos culturais contedores ou em diálogo. Trata-se, portanto, de uma teoria da educação, de uma proposta pedagógica, de uma condução da pesquisa e de uma compreensão da *práxis* pedagógica. É, enfim, uma teoria do conflitivo da ação educativa (SOUZA, 2007, p. 53).

Destacando-se a possibilidade e o desejo da mudança, por experimentarem, na vida e no trabalho, aspectos destas mudanças, as quais são estimuladoras de outras mais, como nos relata a Educadora de Ciências Humanas:

Na verdade quando eu entrei no programa, a visão que eu tinha do campo, mesmo sendo filha de agricultor, era que a gente deveria correr do campo, até então era o que as nossas escolas ensinavam, que a gente tinha que estudar pra sair do campo, porque no campo, a vida do agricultor num levava muito longe. Então foi essa situação que nós nos deparamos. Tinha toda uma concepção dessa escola, de formar o aluno, de mandar pra cidade... E que na cidade ele ia construir uma vida, como se no campo não existia vida, era esse sentimento que a gente tinha até então, que no campo não se construía vida, no campo estavam ali os pobres e miseráveis que num tinham de que viver mesmo e ficaram ali porque num tinham opção. Até então era a concepção que a gente tinha de educação. E o Projovem Saberes da Terra ele mudou essa concepção, ele fez com que a gente percebesse que no campo também tinha vida, que no campo também se construía, que no campo também se vivia com qualidade, que no campo a gente não só sobrevivia, a gente vivia e vivia bem” (Educadora Adiene).

Melo Neto (2008) nos apresenta uma concepção ampliada, considerando a especificidade humana deste fenômeno, como ele se constitui, se apresenta e a que se destina:

A Educação Popular manifesta-se como um fenômeno humano de apropriação e de produção de bens culturais por meio do trabalho que expressa um sistema aberto de ensino e de aprendizagem com teorias intercomunicantes. Este fenômeno comporta uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, tendo o mundo concreto como anterioridade, com metodologias (pedagogia) incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas. Passa a exigir conteúdos e técnicas de avaliação processuais, permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais. Fenômeno humano que se orienta por anseios de liberdade, justiça, igualdade e, sobretudo, felicidade (MELO NETO, 2008, prefácio).

Sobre estes aspectos de ser um fenômeno humano, que tem sua origem, seu *modus operandis* e suas intencionalidades, destacamos os elementos (fundamentos e finalidades) principais da Educação Popular, sejam eles: a participação e o empoderamento das pessoas, permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais, como afirmou Melo Neto. E nestas transformações foi experienciada a busca pela garantia de direitos, a criação das condições para transformação da realidade, encharcados pelo sentimento de realização e felicidade.

A concepção de Educação do Campo que priorizamos traz a perspectiva emancipatória apresentada por Silva (2009), vinculada às identidades de seus sujeitos e suas bandeiras de luta, para ela a

[...] perspectiva de educação como emancipação humana, compreende que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, tem nomes e rostos, gêneros, raças e etnias diferenciadas, e que ao lutar pelo direito à terra, à floresta, à água, à soberania alimentar, aos conhecimentos potencializadores de novas matrizes tecnológicas com princípios agroecológicos e estratégias solidárias, vão recriando suas pertencas, reconstruindo sua identidade na relação com a natureza, com o trabalho e a cultura (SILVA, 2009, p. 74-75).

Sujeitos estes que passaram a vivenciar processo de busca e construção de práticas emancipatórias, de vínculos de pertença, de coletividade.

Elegemos também Munarim (2008) por fazer referência ao processo de organização do Movimento Nacional de Educação do Campo, o qual tem sua trajetória construída e articulada ao paradigma da Educação do Campo. Movimento este que se caracteriza por ser

[...] de conteúdo político, gnosiológico e pedagógico, sendo construído por determinados sujeitos coletivos ligados diretamente às questões agrárias. Destacam-se como sujeitos dessa prática social organizações e movimentos sociais populares do campo, e somam-se a estes pessoas de instituições públicas, como universidades, que fazem uso da estrutura do próprio Estado em favor de seus intentos e dos projetos políticos a que se associam (MUNARIM, 2008, p. 1).

Consideramos outro ‘diferencial’ deste Programa, apesar dos muitos desafios para sua execução, seu poder de ‘aderência’ com uma proposta pedagógica que tem como ponto de partida e de chegada a realidade dos sujeitos envolvidos, a fim de melhor compreendê-la para transformá-la e conseqüentemente os impactos na vida e no trabalho dos envolvidos e de suas comunidades, chegando a influenciar também as famílias dos que não estavam no processo de escolarização, mas que passaram a envolver-se nos processos produtivos, à época e hoje estão também no processo de elevação de escolaridade. Para os educadores os desafios foram muitos...

[...] fomos as cobaias em relação a um Programa diferenciado em relação ao que chama de **Educação do Campo**... Porque nesta educação **envolvia a parte que era de Ciências Agrárias**, [...] porque trouxe pra eles **a questão da cultura que eles trabalhavam** e como deviam trabalhar. Uma vez que eles já produziam no campo, mas às vezes a forma que eles produziam podia ser uma forma diferenciada, a gente procurava trazer alguma tecnologia que venha a **buscar a melhoria da qualidade de vida** deles [...] você tem que se adaptar a uma realidade diferente, juntamente com eles porque **na escola comum também nunca tiveram essa oportunidade de ter uma área que seja diferenciada** (grifo nosso) e seja em relação mais para o campo e mais para eles (Educador Ênio).

Os princípios defendidos pela Educação do Campo estão presentes nos discursos dos educadores, que avaliam a experiência, apesar de todas as adversidades e desafios, como algo muito positivo, que transformou sua leitura sobre a realidade e conseqüentemente sua ação educativa/*práxis* docente agora, também articulada a uma militância docente.

Fomos encontrar em Adorno (2013) o conceito de Emancipação significando uma ação, na qual as pessoas estão interessadas e nela orientam a sua experiência para os aspectos da contestação e da resistência. Para ele Emancipação está em contraponto ao totalitarismo, remete à democracia e à autonomia do ser humano (ADORNO, 2013, p. 182).

Santos (1999) analisa a Emancipação na modernidade. Nessa análise traz alguns aspectos importantes para a discussão teórica sobre emancipação. Um desses aspectos remete a visão de emancipação no contexto de novas formas de cidadania. Para Santos (1999, p. 247) estas cidadanias seriam prioritariamente “coletivas e não individuais, menos assentes em direitos e deveres e mais em formas e critérios de participação, não-liberais, não-estatizantes em que seja possível uma relação mais equilibrada com a subjetividade”. O autor vai defender que esta

[...] nova cidadania tanto se constitui na obrigação política vertical entre os cidadãos e o estado como na obrigação política horizontal entre cidadãos. Com isso revaloriza-se o princípio da comunidade e, com ele, a ideia de igualdade sem mesmidade, a ideia de autonomia e a ideia de solidariedade (SANTOS, 1999, p. 277-178).

São grandes e atuais os desafios para a existência humana, para as organizações políticas e populares e conseqüentemente para a Educação do Campo. Segundo Feitoza (2008),

Emancipar-se só é possível, no contexto de sociedades democráticas, por exigir um exercício anterior de noções como liberdade, igualdade, autonomia e desalienação, pois para exercer a emancipação, é necessário viver em sociedade, usufruindo direitos civis, políticos e sociais, nos âmbitos individual e coletivo, o que se desdobra em questões morais e éticas (FEITOZA, 2008, p. 36).

Os relatos sobre as transformações nas vidas e no trabalho, sobretudo dos educandos, dão carne e sangue a esta perspectiva da Emancipação, objeto desta pesquisa. Emocionamo-nos escutando os diferentes relatos sobre alguns educandos e seus processos emancipatórios e a importância para a luta pela efetivação e consolidação da Educação do Campo:

[...] foi uma aluna lá dos quilombolas... Logo que a gente chegou, uma das alunas ela tinha medo da gente, quando a gente chegava perto dela, pra ensinar alguma coisa a ela, ela ficava se tremendo, fazia vinte anos que ela tinha deixado a sala de aula, [...] ficava muito nervosa. E a gente chegava, era diferente, fazia carinho nela, ela já era uma senhora e a gente foi construindo aquela amizade. Hoje essa mesma senhora, que tinha aquele medo de falar, hoje ela é presidenta da Associação... E está completando a EJA Médio (Educadora Claudete).

Afinal, para uma pessoa que antes não conseguia se pronunciar, dizer sua palavra diante de outra pessoa, assumir a presidência de uma associação de moradores, decidir continuar estudando, isso é transformador, não só pra ela que viveu esse processo, mas também para os que estão ao redor e acompanham sua trajetória.

A perspectiva teórica adotada corrobora com as experiências aqui analisadas, pois são populações que vivem e trabalham no campo e movimentos sociais envolvidos num programa governamental que surgiu a partir de suas demandas. A experiência do Projovem Campo - Saberes da Terra (2008) em Pernambuco foi muito dinâmica e envolveu, além do MEC, Secretaria de Educação, IES, UFPE e UFRPE, diversos Movimentos Sociais, que contribuíram na organização das 201 turmas, com 4.832 educandos, 804 educadores e 68 coordenadores. No entanto, para esta pesquisa foram escolhidas três turmas (comunidades/assentamentos), representantes de três Movimentos Sociais Populares, por entendermos que a participação dos mesmos foi relevante tanto nas diferentes formações vivenciadas, quanto nas ações desenvolvidas e também, por apresentarem resultados significativos nos processos educativos e produtivos que geraram. São eles: Assentamento Aquários, coordenado pelo MST (Santa Maria da Boa Vista); Comunidade Quilombola do Carvalho (Custódia); e Comunidade Mendes coordenada pela FETAPE (Quixaba). Nesta última, foram realizadas a EC e o GF, a fim de aprofundar o diálogo e trazer mais elementos para análise das experiências e suas implicações, tal como já indicamos neste capítulo.

A nossa motivação para o trabalho de pesquisa, com turmas dos Movimentos Sociais Populares, se dá tanto pela nossa participação no Programa Projovem Campo - Saberes da Terra/ PE, já indicados, como pela possibilidade de fazer um trabalho alicerçado na perspectiva da emancipação. Entendendo os sujeitos coletivos, na luta, como peça chave para as mudanças pensadas e propostas pela Educação do Campo e, concordando com Boneti (2010) quando afirma que os:

(...) movimentos sociais, hoje, diferentemente dos do passado, apresentam-se como uma espécie de contra hegemonia a um projeto econômico e político mundial de homogeneidade social, de produção econômica, de manifestação cultural, de consumo. Nesse contexto, eles se apropriam da noção de cidadania a partir de dois significados interligados: a consciência do entorno, do viver na coletividade, do pertencer a uma organização social, e o direito ao acesso igualitário aos bens e serviços sociais, socialmente produzidos. Ambos

guardam um projeto político explicitado e um processo educativo, os quais se constituem de ferramenta básica de luta dos movimentos sociais hoje (BONETI, 2010, p. 72).

Em especial, o que mobilizou a escolha destes três coletivos foi que durante os diversos processos, desde a formação de educadores, a implantação da metodologia da alternância, a organização e execução dos Projetos de Intervenção e mesmo depois de finalizado o Programa, suas diferentes organizações e ações coletivas, indicavam diversas transformações. No caso dos educadores tanto em sua *práxis* e militância docente, junto à escola, à comunidade, na execução dos Projetos, quanto em sua participação política (em suas diferentes dimensões) no sentido da emancipação individual e coletiva - dos sujeitos e dos Movimentos. Como sintetiza um dos educadores entrevistados:

Pra mim isso foi muito gratificante e muito bom, porque me ajudou profissionalmente, hoje eu tenho uma visão diferente, se eu já tinha uma visão boa do campo, porque sempre fui do campo, fui agricultor, hoje eu tenho uma visão muito melhor ainda, e, eu vejo que a gente tendo a oportunidade de estar mais ali ligado ao campo a gente pode modificar cada vez mais, em relação à vida como também à sociedade por completo (Educador Ênio).

Destaque também para a participação dos educandos que permaneceram envolvidos em todo o processo de escolarização e nas atividades de qualificação social e profissional que culminaram com a organização e implementação de Projetos de Intervenção em suas localidades, os quais atualmente são conduzidos pelos próprios agricultores e agricultoras, destes, muitos continuam no processo de elevação de escolaridade, atualmente na EJA Médio, modificaram seus processos produtivos, numa perspectiva agroecológica, o que tem alterado tanto suas estratégias organizativas quanto aumentado sua renda. E ainda reafirmam um sentimento de felicidade e o desejo de seguir avançando no Campo.

Notadamente, os diferentes sujeitos, mesmo com as especificidades que orientaram sua mobilização e organização, sejam elas: a luta pela terra, a luta étnico racial ou a luta sindical... Em seus percursos enfrentaram muitos desafios e tensões comuns e na reflexão/ação tiveram reações, estratégias diferenciadas. Mas, desde já, podemos afirmar que vivenciaram, fortemente, processos de reconhecimento que implicaram na reinvenção de seus coletivos, organizações, *práxis* diante da realidade com fortes características emancipatórias. Foi possível dar visibilidade a

esses aspectos em seus percursos, quando relacionamos os processos de Emancipação com os definidos por Souza (1999) como Ressocialização:

Os Processos de Ressocialização resultam de dois processos simultâneos: processos de reinvenção e de reconhecimento. A reconhecimento se realiza na reinvenção permanente que o ser humano está a cada momento desafiado a fazer de si mesmo. A **reconhecimento** implica na **construção de uma compreensão diferente do mundo, de nós mesmos, dos outros, da cultura e da existência**. A **reinvenção** implica **novas formas de nos emocionar e agir. Uma nova vontade**. A reconhecimento e a reinvenção conformam, portanto, o processo mais amplo de ressocialização do sujeito humano **na busca de sua humanização [...]** são, portanto, os **processos que se dão mediante o confronto entre conheceres, fazeres e sentires** de uma pessoa ou de um grupo cultural com os de outras pessoas ou grupos culturais. Os resultados desse confronto são novos conhecimentos, emoções e ações que tornam cada um dos envolvidos mais socializados, culturalmente enriquecidos, simbólica e materialmente (SOUZA, 2007, p. 27-28).

Estas reflexões são um contributo para o fortalecimento e reinvenção da Educação Popular, na perspectiva da Emancipação humana e na intencionalidade de consolidação de uma Educação Emancipatória frente às atuais demandas do conjunto da vida social dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e, conseqüentemente, da Educação do Campo. No contexto da elaboração desta dissertação, estas reflexões funcionaram como ferramenta importante de análise na conceitualização e no modo de problematizar o Programa Projovem Campo - Saberes da Terra/PE.

Nos desafios dos caminhos percorridos, na formação de professores, na pesquisa e na militância docente, deparamo-nos com diversas contradições e impossibilidades. Porém, nesta busca, também se evidenciou que a atuação docente e discente exige, além da permanente produção crítica de conhecimentos, o desenvolvimento de mais três “Poderes Associados”: o Argumentativo, o Organizativo e o Interventor, os quais serão retomados no corpo da pesquisa, como elementos chave para nosso trabalho. Essa conceituação emerge aqui como fruto das reflexões que fomos desenvolvendo na relação com os sujeitos da pesquisa em suas ações, falas, vivências, registros, enfim, suas experiências/vivências. De antemão, afirmamos que estes Poderes desenvolvem-se na atuação político pedagógica e que

[...] sua capacidade vai sendo produzida nas próprias exigências de atuação dos grupos e organizações dos movimentos sociais

populares. Essa capacidade exige informações, saberes e decisões que ampliam os horizontes existenciais e sociais de seus membros, aumentando sua competência nos níveis e dimensões mais diferentes da vida pessoal e coletiva (SOUZA, 1999, 74).

Como reafirmou uma das educadoras, ao analisar sua participação no Programa e as mudanças mais significativas na sua forma de pensar:

Então foi um dos paradigmas maior que essa formação trouxe, foi essa quebra de paradigma, essa quebra de visões que já vinha desde os nossos bisavós, avós, e assim sucessivamente, e era dessa forma que a gente também tava passando nas nossas escolas e o Projovem não, ele mostrou que era no campo que a gente poderia crescer, no campo também poderia ter doutores, no campo também poderia ter educação de qualidade e tudo isso só foi possível a gente descobrir por meio desses estudos, dessas formações [...] (Educadora Adiene).

O conhecimento emancipatório, possibilita a *práxis* emancipatória e libertária que é caracterizado pelo *discontinuum*, por movimentos de fragmentação e rupturas, de questionamentos, reconstruções, recognições e reinvenções. Apesar de muitos teóricos e correntes negarem a possibilidade da Emancipação, numa sociedade capitalista, de classes, na qual o fator decisivo das regras e valores (da vida, do trabalho e da educação) são determinadas pela lógica mercadológica, ratificamos, aqui, seus limites e desafios. Porém, ao mesmo tempo, reafirmamos, enquanto opção político ideológica, de existência, de luta e de trabalho, o horizonte emancipatório, na resistência contra a massificação das culturas e pela *práxis* permanente de busca da liberdade e pela garantia do direito de sermos humanos.

Desta forma, desenvolver esta pesquisa deu-nos as condições de

[...] retomar aprofundando [...] o caráter emancipador da *Práxis* Pedagógica, inspirada na Educação Popular, por meio da qual acontece a educação ou os processos educativos, inclusive os escolares, como contributo à construção do direito à equidade na diversidade, o direito do respeito à diferença que define identidades, modos de expressão e realização pessoal e coletiva, inclusive, a partir do tema da vida cotidiana no cenário da luta política que obriga a todos revisarem radicalmente as formas de construção dos papéis sociais que se assumem e das relações sociais que se mantêm ou que se deve lutar para transformá-las (SOUZA, 2007, contra capa).

Por defendermos esta perspectiva e a encarmos como fundamentalmente necessária - ao mesmo tempo em que temos clareza de estarmos num momento de homogeneização dos processos formativos oferecidos pelo Estado, voltados para o

campo, de ‘refluxo’ como aponta Munarim (2006) na Política Nacional de Educação do Campo e diante das fortes demandas atuais, destacamos, em sintonia com Caldart (2004) que:

O desafio teórico atual é o de construir o paradigma (contra-hegemônico) da Educação do Campo: produzir teorias, construir, consolidar e disseminar nossas concepções, ou seja, os conceitos, o modo de ver, as ideias que conformam uma interpretação e uma tomada de posição diante da realidade que se constitui pela relação entre campo e educação. Trata-se, ao mesmo tempo de socializar/quantificar a compreensão do acúmulo teórico e prático que já temos, e de continuar a elaboração e o planejamento dos próximos passos (CALDART, 2004, p. 01).

Passos estes que devem ser documentados, revisitados permanentemente, para ampliar e fortalecer a Educação do Campo nos diversos espaços político pedagógicos. Construída em coerência com meu caminhar na Educação do Campo, parida, nutrida e instigada pela Educação Popular, orientou-se esta Pesquisa em Educação numa abordagem Popular, considerando-a ampla em possibilidades, apesar de suas contradições e limitações, com princípios (como os da participação e do diálogo) e perspectivas (da transformação social, da justiça e da igualdade de direitos...), que permanecem atuais nas bandeiras de luta e nas suas *práxis* educativas, sobretudo dos MSP. Como bem sintetizou Melo Neto a

[...] a educação popular assume proporções outras de reflexões mais acuradas sobre si mesma e sobre as suas condições de possibilidades de realização, em ambientes de movimentos sociais populares, em ambientes institucionais pela escola pública, atingindo inclusive instâncias de governos que assumem políticas voltadas aos mais necessitados de bens culturais e econômicos” (MELO NETO, 2008, p. 09).

De acordo com esta visão e neste contexto, articulamos, invariavelmente, a perspectiva da Emancipação Humana com a da Educação Popular, no sentido apontado por Caldart (2009):

[...] fundamentalmente pela *práxis* pedagógica dos movimentos sociais, que pode ajudar a revigorar a tradição de uma educação emancipatória, retomando questões antigas e formulando novas interrogações à política educacional e à teoria pedagógica. E faz isso, diga-se novamente, menos pelos ideais pedagógicos difundidos pelos seus diferentes sujeitos e mais pelas tensões/contradições que explicita/enfrenta no seu movimento de crítica material ao atual estado de coisas (CALDART, 2009, p. 42).

Pois é na luta cotidiana que precisaremos dar respostas às perguntas e desafios da realidade (local e global). E nesta busca, por elaborar respostas e criar soluções, vamos colocando em cheque nossas certezas, comprometidos com o projeto de emancipação popular, no caso específico dos povos do Campo, será através da reflexão/ação sobre sua vida e trabalho que as transformações serão forjadas.

Nas experiências analisadas, destacaram-se muitos desafios e limitações, tanto nos processos formativos, como na atuação política, na demora da liberação de recursos e incentivos por parte do Estado, entre outros. E ainda assim, diante de tantas adversidades, os grupos estudados avançaram em diferentes dimensões, os educadores concluíram sua formação no Curso de Aperfeiçoamento, os educandos no Ensino Fundamental. Reafirmam ter um “outro olhar” sobre suas realidades, hoje com novas possibilidades de desenvolvimento, conseguiram implementar projetos de intervenção que estão gerando novas alternativas de trabalho coletivo, aumentando a geração de renda dos envolvidos e, conseqüentemente, desenvolvendo um olhar mais crítico e esperançoso sobre suas vidas e trabalho. E por isto mesmo, reafirmamos com Mello (2005, p. 19) que

Entendemos Educação Popular como práticas educativas cujo objetivo principal é estimular o protagonismo e a participação política de grupos sociais populares e subalternos na transformação das relações de exploração, dominação e opressão a que estão submetidos.

Por se tratar de uma pesquisa em Educação, numa abordagem Popular, estivemos sempre alerta às contradições durante a reorganização e desenvolvimento da pesquisa, onde permanentemente ressurgiram os desafios que a mobilizaram, os quais exigem o reconhecimento das novas dimensões da Emancipação Humana, com suas novas expressões da luta social e política, suas novas exigências pedagógicas. As quais, numa dimensão ampliada, questionam a reconfiguração das objetividades e subjetividades da existência humana, social e seus desafios no mundo (*lócus*) e na atualidade (*tempus*), caracterizando, como nomeou Calado (2010) uma ‘*Cultura das ambiguidades*’. A qual levanta diversas problematizações nas nossas *práxis* pedagógicas, tais como: neste contexto de capitalismo neoliberal em crise e de *neodesenvolvimentismo* (LEHER, 2014) acelerado como eleger, orientar, fortalecer processos educativos emancipatórios?

Num momento de homogeneização das culturas, do estímulo ao individualismo, ao consumismo exacerbado, do convite ao descartável, ao *Fast food!* a Educação Popular deverá manter-se na contracorrente, como num movimento de revalorização da coletividade, da cooperação, da solidariedade, na busca de uma vida mais saudável, que respeite os ritmos da natureza, das culturas, do desenvolvimento humano e de suas aprendizagens necessárias...

Articular estas reflexões com o chão da luta e construção da Emancipação dos povos do Campo, a qual carrega consigo desafios históricos, semelhantes aos da Educação Popular, deu-nos ainda mais elementos para ter assumido esta Pesquisa em Educação numa perspectiva Popular. O desenvolvimento desta pesquisa, também foi considerado emancipatório (apesar de pleno de contradições) no sentido do reconhecimento de suas especificidades que, enquanto ciência, exigiu a produção de novos conhecimentos que pudessem ser reconhecidos e aplicados, que pudessem contribuir para uma nova configuração dos processos educativos, podendo ainda, aprofundar a reflexão sobre as políticas públicas do setor, como resultado exaustivamente conquistado, através de muita luta e resistência dos Movimentos Sociais Populares e de uma articulação entre demandas, recursos, teorias e práticas.

Considerando, assim como Charlot (2006, p. 15), que a “educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação”. E mobilizada pela sua afirmação, estabeleço um diálogo com outros modos de dizer da humanização. Recorro a Souza e Freire para dizer da **humanização enquanto um processo cultural**, intencional, diferenciado da hominização enquanto processo natural, de tornar-se mais humano ao ir-se questionando e reinventando neste processo de humanização. Socialização, no sentido de observar como cada qual vai se tornando um ser social (construindo suas sabedorias) em seu encontro com outros seres sociais (e seus diferentes saberes) mediados pela dialogicidade e os conflitos na sociedade em que se vive, o que a caracteriza, seus tempos e espaços, valores e *habitus*. Finalmente, entrando numa cultura (com seus respectivos processos identitários) e, fazendo parte dela, reproduzindo-a ou reinventando-a nas diferentes dimensões mais amplas, ou específicas, aonde vão se construindo suas representações, materiais e simbólicas e se consolidando práticas que refletem projetos de vida individuais e coletivos, de sociedade e de desenvolvimento.

Objetivou-se, enfim, que os conflitos sócio cognitivos, vividos nestes tempos e espaços motivados, trouxessem novas informações e elementos que possam fortalecer os saberes/poderes argumentativos, organizativos e propositivos/interventores diante dos atuais desafios da Educação do Campo e na luta pelo fortalecimento da Educação Popular, cientificamente reconhecida e amplamente vivenciada no campo pernambucano, sobretudo pelos MSP.

As diversas experiências do programa em análise e o atual cenário da Educação do Campo provocam a necessidade e a emergência de permanentes estudos, reflexões, intervenções, em suma, *práxis* que envolvam desde a formação de Educadores do Campo, na perspectiva crítica e propositiva da Educação Popular, à implantação, acompanhamento e controle social das Políticas Públicas. Controle social aqui empregado de acordo com a acepção da teoria política para designar o controle da sociedade (ou de setores organizados da sociedade) sobre as ações do Estado (MANNHEIM, 1971, p. 178).

E a Educação Popular vista aqui, como defende Calado (1999, p. 20), enquanto “uma perspectiva, uma metodologia, uma ferramenta de apreensão, compreensão, interpretação e intervenção propositiva, de produção e reinvenção de novas relações sociais e humanas”. Ou seja, podemos encará-la como provocativa, propositiva de processos emancipatórios, considerando várias características, fundamentos e finalidades semelhantes. Defendemos a possibilidade, como afirma Mészáros (2005, p. 9) de “resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias”.

Assim, desenvolveu-se esta pesquisa desejando seu reconhecimento científico e sua validação, mas acima de tudo buscando contribuir, de forma consciente e consistente com a Emancipação dos povos do Campo, pela consolidação da coerência entre discursos e práticas que transformem suas situações de opressão, negação ou violação de direitos, para o direito maior de sermos humanos, humanizando-nos. Esse modo de dizer desta dissertação está em coerência com as pesquisas qualitativas na perspectiva da Educação Popular, dos estudos sobre pesquisa participativa e dos estudos sobre a concepção reivindicatória e participatória. Nessas concepções, as questões relacionadas à emancipação humana são conteúdo e objetivo “no sentido de que ajuda as pessoas a se libertarem das restrições das estruturas irracionais e injustas que limitam ao autodesenvolvimento e autodeterminação” (CRESWEL, 2010, p. 33).

Diante deste contexto da Educação do Campo e da vivência do Programa, não seria possível analisar estas experiências sem considerar suas contradições nas diversas dimensões, sociais, políticas, as relações de poder, a atuação do Estado e da Universidade, os desafios permanentes dos Movimentos Sociais Populares para garantir a sua auto-organização, uma Educação de qualidade com formação/qualificação profissional que atenda suas demandas na perspectiva da Emancipação.

No desenvolvimento da pesquisa observamos também, a partir das experiências dos Projetos de Intervenção - PI, as ações e organizações motivadas pela vivência no Programa, que tiveram continuidade (após seu encerramento) e buscou-se verificar as contribuições na vida e no trabalho dos sujeitos envolvidos. Alguns relatórios e fotografias foram selecionados, em seguida realizada a análise de conteúdo dos mesmos, a fim de destacar aspectos/elementos recorrentes e relevantes nas experiências. Ao final, realizamos os Grupos Focais, junto à turma da Comunidade Mendes, coordenada pela FETAPE, que manteve algumas das ações ou organizações ali iniciadas, a fim de analisar as contribuições e desafios na perspectiva da Emancipação por meio do trabalho formativo. Entendendo o próprio Programa como resultado exaustivamente conquistado pela sociedade civil organizada, sobretudo os Movimentos Sociais Populares.

Para realização da EC e do GF, foram elaborados dois roteiros, um para a equipe de educadores e outro para os educandos envolvidos no Projeto de Intervenção - PI, os quais se encontram no Apêndice. Os mesmos foram analisados à luz das ideias forjadas junto aos teóricos e correntes abordados, que conduzem à escolha das categorias evidenciadas durante a análise dos materiais, estas nos trazem a possibilidade de elaborarmos reflexões propositivas, sendo assim, este trabalho também assume a responsabilidade, de registrar parte desta construção.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos, organizados da seguinte maneira: neste capítulo um, procuramos desenhar os caminhos metodológicos da pesquisa, suas trajetórias e perspectivas. No capítulo dois, apresentamos o Programa Projovem Campo - Saberes da Terra, a formação continuada oferecida através do Curso de Aperfeiçoamento aos educadores e coordenadores em Pernambuco, destacando aspectos marcantes da edição 2008, objeto desta pesquisa, suas características, desafios, formas de organização. Incluímos algumas falas de educadores entrevistados para iniciar as reflexões e análises sobre os

processos vivenciados, além de recortes de alguns acompanhamentos pedagógicos para irmos configurando o cenário onde foi desenvolvida a pesquisa e os elementos que suas realidades suscitam. O terceiro capítulo discute, teoricamente, o chão e coração da pesquisa, aborda brevemente a evolução do conceito de campesinato, suas relações com a Educação do Campo e a perspectiva da Emancipação, para então dissertar sobre a situação da Educação do Campo no atual contexto brasileiro. O quarto e último capítulo analisa a perspectiva emancipatória a partir dos **Poderes Associados (argumentativo, organizativo e interventor)** utilizando-se do *corpus* encontrado nas transcrições da entrevista coletiva e do grupo focal, em diálogo com os teóricos referenciados e as análises da autora. Buscamos destacar aspectos relevantes para a reflexão propositiva sobre a Educação do Campo em Pernambuco, seus avanços e desafios.

2. O PROGRAMA PROJOVEM CAMPO - SABERES DA TERRA (2008) EM PERNAMBUCO E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

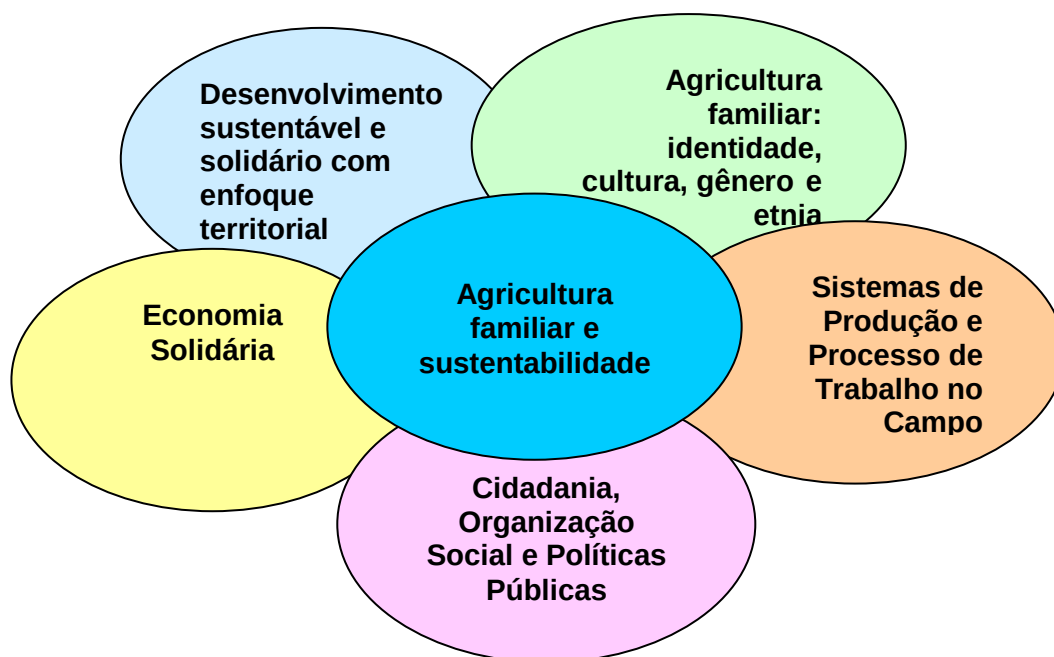
Neste capítulo apresentamos uma síntese do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra - PJC – ST, seu objetivo, elementos do seu Projeto Político Pedagógico - PPP; sua proposta pedagógica, destacando aspectos referentes ao objeto desta pesquisa: a perspectiva emancipatória. Em seguida é apresentada, com brevidade, a proposta de formação de educadores materializada no Curso de Aperfeiçoamento, coordenado pela UFPE, do qual fiz parte da equipe de coordenação pedagógica. Mesmo refletindo sobre seus limites, buscamos analisar as características estimuladoras de processos emancipatórios, em diálogo com falas de educadores (retiradas das EC) e algumas considerações da pesquisa realizada por Alencar (2011). A fim de identificar suas contradições, limites no sentido de avaliar e fortalecer ações ou Programas que possam contribuir com a consolidação da Educação do Campo, em território brasileiro e especificamente em PE.

Como anunciado em seu Projeto Base Político Pedagógico, o Programa foi criado com o objetivo de:

Desenvolver políticas públicas de Educação do Campo e de Juventude que oportunizem a jovens agricultores/as familiares, excluídos do sistema formal de ensino a escolarização em Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, integrado à qualificação social e profissional. Com formação integrada que procurou oferecer uma formação geral aliada à qualificação social e profissional, por meio da construção de um currículo integrado que tem como referência principal a formação humana e o modo de produção e reprodução da vida, ou seja, as relações sócias históricas, políticas e culturais das comunidades do campo (BRASIL, MEC, 2008, p. 20).

Destacamos entre os elementos do Projeto Político Pedagógico a proposta curricular organizada a partir de um Eixo Articulador, em diálogo permanente com cinco eixos temáticos, tanto na formação de educadores, quanto nos processos de escolarização e qualificação social e profissional de educandos. A seguir apresentamos a figura que ilustra os eixos temáticos do Programa.

Figura 1 - Mandala do Eixo articulador e Eixos Temáticos do Programa



Fonte: BRASIL/ MEC (2008)

Essa proposta de organização curricular, por eixos temáticos, no contexto do PPJ-ST, tem como referência o currículo Integrado na perspectiva da Educação Popular, ou seja, um currículo organizado por temáticas como defendeu Paulo Freire (2005, p. 107): “o conjunto de temas em interação constitui o universo temático de uma época”. Defendendo um trabalho pedagógico no qual o tema significa um processo investigativo, ou seja, uma educação para investigação da realidade, o estar vivendo nessa realidade estimula a possibilidade do pensar dos sujeitos sobre a sua realidade, que é a sua *práxis*. Assim, o tema gerador refere-se a temas que “contem em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (Id, p. 144). Vale ressaltar que para Freire a integração curricular se dá pela interação entre os saberes da experiência e os saberes sistematizados. No caso específico do programa em análise, esses saberes sistematizados incluem os saberes relacionados à qualificação profissional.

Os eixos temáticos, orientadores da proposta curricular foram recontextualizados do ponto de vista didático, na produção de Cadernos pedagógicos (de educadores e de educandos) para cada eixo temático. E cada eixo foi trabalhado, tendo em vista a sequência didática que possibilite: problematizações

da realidade a partir dos eixos estudados, leitura e debate de textos, articulação com os conteúdos escolares e trabalho de síntese. A figura que segue apresenta um exemplo dessa organização didática nos Cadernos pedagógicos. No Caderno dos educandos contem textos e atividades com os eixos temáticos. No Caderno de educadores criamos as orientações sobre o percurso formativo.

Figura 2 - Atividade com temas para educandos e educandas

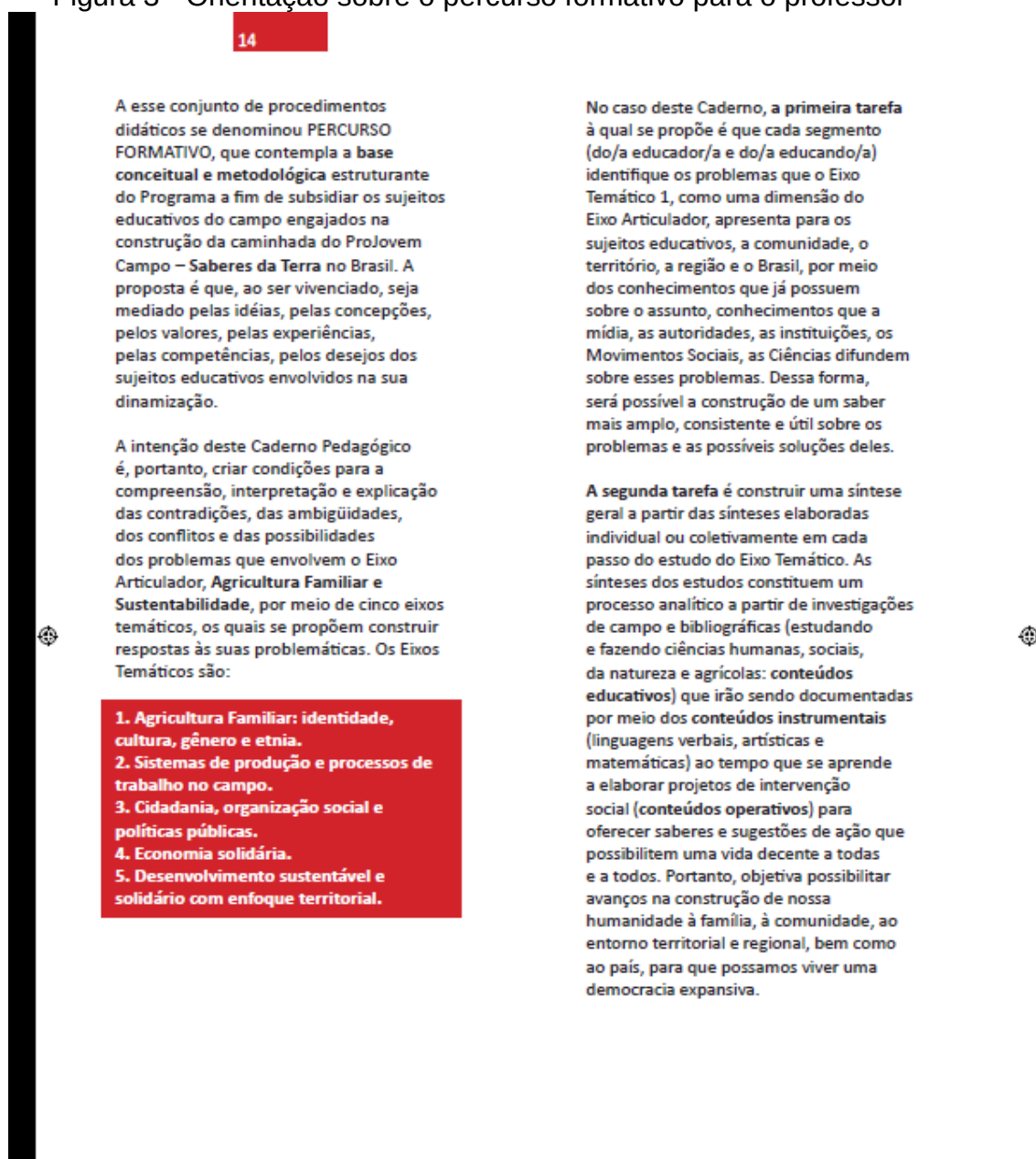


I. EMENTA

Estudo das relações sociais no processo histórico de produção econômica e cultural da Agricultura Familiar. Seus problemas e potencialidades culturais nas dimensões de gênero, etnia, geração e de identidade. Estudo das ocupações e transformações do ambiente, das diferentes concepções de Agricultura Familiar e das relações campo-cidade.

Neste eixo temático, desejamos estudar/pesquisar/intervir a/na Agricultura Familiar, considerando a Cultura que vem sendo produzida pela afirmação dessa forma de ocupar a terra e fazê-la produzir na história do Brasil. Vamos ver como em cada região e município foi se firmando e se configurando o que hoje se denomina Agricultura Familiar. Explicitaremos as dimensões simbólicas da cultura, as questões étnicas, de gênero, de geração e de identidade na relação campo-cidade.

Figura 3 - Orientação sobre o percurso formativo para o professor



Fonte: Caderno Pedagógico Educadores e Educadoras. Projovem Campo – Saberes da Terra. BRASIL/MEC (2008).

No contexto do PJC-ST, na edição 2008, foram aprovados projetos de 19 Estados e 19 Instituições de Ensino Superior públicas, os quais foram executados com a meta de atender, no Brasil, a 35.000 jovens agricultores familiares. Todos esses projetos utilizaram a proposta pedagógica com o currículo integrado por eixos e com sua metodologia sistematizada nos Cadernos Pedagógicos.

Em Pernambuco, os números referentes à implementação do Programa, na sua segunda edição (2008), além de serem bastante elevados, envolveram uma diversidade de realidades, Instituições, Movimentos que configuraram a

possibilidade do Diálogo entre as diferenças, o qual foi repleto de contradições, mas ao mesmo tempo, pleno de possibilidades de avançar no sentido da profissionalização dos educadores, na escolarização e qualificação social e profissional dos educandos, na atuação dos MSP, no cumprimento da função social das Instituições de Ensino Superior e da gestão do Estado, em assegurar a implementação de políticas e recursos públicos.

Vejamos alguns números da edição 2008 do Programa em Pernambuco:

1. Municípios envolvidos: 156;
2. Instituições de Ensino Superior: UFPE, UFRPE;
3. Turmas: 201;
4. Educadores e coordenadores formados: 872;
5. Estudantes: 4.832.

No quadro a seguir apresentamos uma síntese dos Movimentos Sociais Populares partícipes da edição 2008 do Programa e o quantitativo de educandos e de turmas correspondentes:

Quadro 1 - Movimentos Sociais Populares partícipes do PJC-ST (2008)

PARTÍCIPIES EDIÇÃO 2008	EDUCANDOS	TURMAS
Quilombola	800	35
Indígenas	307	11
MST	1125	39
FETAPE	725	32
MLST	25	01
CPT	325	13
Associações	50	02
UNDIME	1300	61
Centro de formação Escolas do campo	50	02
Pescadores	125	05
TOTAL	4.832	201

Fonte: Coordenação de Educação do Campo SEE/PE (2011)

No caso do Estado de Pernambuco, a formação continuada dos educadores foi realizada pelo Núcleo de Formação Docente – NFD do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco - CAA-UFPE, materializou-se por meio do Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo, coordenado pelas professoras Dr^a. Iranete Lima e Dr^a. Allene Lage. Organizado em torno do Eixo temático: Agricultura Familiar Camponesa e Sustentabilidade, em diálogo com os

cinco eixos temáticos, nas áreas de conhecimento: Ciências Agrárias, Ciências Humanas, Ciências Naturais, Linguagens e códigos, como preconizado no Projeto Base do Programa ProJovem Campo – Saberes da Terra (BRASIL, MEC, 2008).

Os princípios político pedagógicos que nortearam a formação dos educadores no âmbito do ProJovem Campo – Saberes da Terra, foram orientados pelas Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, entre eles destacamos o princípio que orienta a escola formadora de sujeitos articulada a um projeto de emancipação humana. Esse princípio define uma educação que:

Pauta-se pela necessidade de estimular os sujeitos da educação em sua capacidade de criar com outros um espaço humano de convivência social desejável. Possibilitando aos sujeitos constituírem-se enquanto seres sociais responsáveis e livres, capazes de refletir sobre suas atividades, capazes de ver e corrigir os erros, capazes de cooperar e se relacionar eticamente, porque não desaparece nas suas relações com o outro. Portanto, a educação como formação humana é também uma ação cultural. Esse processo que envolve atitudes, valores e comportamentos, deve refletir também na dimensão institucional de forma permanente e sistemática e deve atravessar toda a vida escolar (BRASIL, MEC, 2008, p. 33-37).

Em Pernambuco, a estrutura das formações oferecidas, baseada no Percorso Formativo do Programa, aplicou a Metodologia da Alternância e trabalhou por Eixos Temáticos que dialogavam entre si, movidos pelas diferentes realidades (pesquisadas nos tempos comunidade) dos sujeitos partícipes. Característica que fortaleceu a compreensão dos eixos, assim como trouxe várias informações sobre as diferentes realidades e elementos que foram decisivos nas *práxis* dos educadores em suas comunidades. Sobre este aspecto da organização e vivência dos eixos temáticos o educador social, compreendendo como eles dialogavam e eram essenciais um ao outro, (podendo ter destaque de acordo com cada realidade), avaliou que

[...] cada formação ela tinha relação com o eixo temático, o projeto em si é num sistema *feed back*, que tem um processo que volta sempre ao início, o último eixo ele pega todos, engloba. Em relação a ter um específico, todos foram importantes. Como se inicia com identidade, que eles vão conhecer a si próprios, a comunidade que eles tão vivendo, porque às vezes eles conhecem por cima, mas quando se aprofunda em algo naquela realidade é diferente. Vai num processo que se começa pela identidade, muda para outros processos até se chegar a um eixo temático chamado Sistema de

Produção, que é onde eles vão botar um pouco da realidade que eles trabalham isso se torna importante porque a gente pode ter uma visão e eles outra da realidade deles, diferente da que a gente tem (Educador Ênio).

A proposta pedagógica da formação desenvolvida pela UFPE implantada em 2009 e concluída em julho de 2011, foi organizada considerando os profissionais em serviço,

[...] para atender ao objetivo de formar educadores/as para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental, em consonância com a realidade social e cultural específica das populações que trabalham e vivem no e do campo, foi implantada uma diversidade de ações pedagógicas que consideramos ser importantes contribuições para o desenvolvimento social e humano (RELATÓRIO FINAL, 2011, p. 04).

Buscou, também, exercitar o Percurso Formativo proposto pelo Programa, partindo da pesquisa na realidade dos sujeitos, tratando os dados coletados na perspectiva de construir uma nova compreensão da realidade aliada à escolarização, trabalhada por áreas de conhecimento, elegendo conteúdos necessários para análise dos fatos ou problemas estudados desafiando-se a experimentar diferentes formas de sua integração, fazendo a revisão crítica da realidade, na intencionalidade da intervenção transformadora da mesma. Esse percurso formativo está orientado pela Metodologia da Alternância como já indicamos nesta dissertação. Mas, é importante dizer que essa metodologia é uma orientação na política pública para o Programa PJC-ST tal como está mencionado pelo MEC, no Projeto Base:

A execução da proposta pedagógica e curricular do ProJovem Campo – Saberes da Terra ocorrerá por meio da organização dos tempos e espaços formativos, considerando os pressupostos, os princípios e o currículo elencados neste Projeto Base que tem como sua razão de ser a formação de jovens da Agricultura Familiar. A utilização da alternância de tempos e espaços pedagógicos é considerada matriz pedagógica de organização do trabalho para a realização do processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, MEC, 2009, p. 51).

Essa orientação, do ponto de vista da política pública educacional, está sustentada legalmente nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo que estabelece no Art. 7º:

§ O ano letivo, observado o disposto nos artigos. 23, 24 e 28 da LDBEN poderá ser estruturado independentemente do ano civil.

§ As atividades constantes das propostas pedagógicas das escolas preservadas as finalidades de cada etapa da educação básica e da modalidade de ensino prevista, poderão ser organizadas e desenvolvidas em diferentes espaços pedagógicos, sempre que o exercício do direito à educação escolar e o desenvolvimento da capacidade dos alunos de aprender e de continuar aprendendo assim o exigirem (BRASIL, MEC, 2009, p. 51).

Essa proposição está, portanto, direcionada as modalidades EJA e da Educação do Campo, que em suas especificidades tem assegurada como princípio, “a organização adequada dos tempos e espaços formativos à realidade do campo, estratégias específicas de garantia do direito à educação e a flexibilização da organização do calendário escolar” (BRASIL, 2009, p. 51). A alternância é uma das possibilidades por ser considerada a mais adequada para o campo, por conjugar períodos alternados de formação na escola e na família e pelo uso de instrumentos pedagógicos específicos. No caso do PJC – ST a alternância acontece por meio de dois tempos-espaços específicos: Tempo escola e Tempo-comunidade. Apresentamos abaixo a proposta do Percurso Formativo para o Programa baseado na Metodologia da Alternância.

Quadro 2 - Percurso Formativo do Programa

COMPONENTES FORMATIVOS	ATIVIDADES	TEMPO FORMATIVO
a. Plano de Pesquisa	a.1. Definição das Problemáticas de Pesquisa a.2. Organização da Pesquisa a.3. Realização da Pesquisa	Tempo Escola Tempo Escola Tempo Comunidade
b. Círculo de Diálogos	b.1. Sistematização da Pesquisa b.2. Realização das Jornadas Pedagógicas b.3. Produção de Sínteses	Tempo Escola Tempo Escola Tempo Escola
c. Partilha de Saberes	c.1. Comunicação dos resultados da pesquisa por meio de atividades variadas	Tempo Comunidade

Fonte: BRASIL/ MEC (2008)

Cada coletivo poderia fazer as devidas adaptações aos tempos formativos, de acordo com suas especificidades. Como apresentado no relatório geral do Curso de Aperfeiçoamento, a implantação do Projeto visou,

[...] responder a uma demanda de formação continuada de educadores/as do Campo, marcado historicamente pela ausência de políticas voltadas para esta realidade. Desta maneira, se caracterizou, acima de tudo, como uma ação voltada para a garantia

do direito ao acesso dos povos camponeses à educação escolar e à permanência na escola, respeitando/ considerando seus contextos de vida e de trabalho (RELATÓRIO FINAL, 2011, p. 04).

Esse objetivo está de acordo com o decreto nº 7.352/2010 que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA que em seu Art. 2º apresenta os princípios da Educação do Campo, dos quais damos destaque para:

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas (BRASIL. MEC, 2010).

Contudo, vários desafios e entraves evidenciaram-se durante sua execução, entre eles; a morosidade na liberação de recursos; dificuldades de diálogo entre os partícipes (Estado, Prefeituras, Universidades, Movimentos Sociais); fragilidades na compreensão e a pouca experiência sobre as especificidades da Educação do Campo de alguns formadores do curso de aperfeiçoamento; a não adequação da estrutura regimentar da Educação do Campo, no Estado para reconhecer e certificar a carga horária da metodologia da alternância e o currículo em construção por áreas de conhecimento adotado nas salas de aula, entre outros.

Alencar (2011) desenvolveu uma pesquisa nomeada: Princípios pedagógicos da educação do campo e o currículo da educação de jovens e adultos do campo: discurso e prática, para sua tese de doutorado, onde evidencia que a experiência do Programa Projovem Campo carrega muitas contradições e fragilidades. Entre elas afirma que, as formações gerais e específicas, apesar de serem fundamentais não dão conta das realidades do campo, enfrentadas pelos educadores em suas salas de aula. Reconhecendo os limites da Universidade ao abordar as questões próprias do campo, com seus formadores, na maioria das vezes sem experiências com a Educação do Campo. Mesmo que se tenha utilizado a estratégia de formações de formadores, durante toda execução do curso, estas não deram conta de todas as demandas e peculiaridades do Programa. Segundo Alencar (2011), os educadores

Reconhecem que a formação acadêmica não dá conta de uma proposta pedagógica como a do Projovem Campo - Saberes da Terra, situado na concepção da Educação do Campo, tendo em vista não proporcionar em tempos curtos e aligeirado conhecimentos necessários sobre a concepção de educação para o campo, a

educação do campo, a realidade do campo, a realidade dos estudantes do campo e sobre uma metodologia possível a essa concepção: currículo integrado, pedagogia da alternância, trabalho com eixos temáticos, a pesquisa como princípio educativo e a relação entre os diferentes saberes (ALENCAR, p. 2011, p. 230).

Estes elementos constituintes da Educação do Campo estavam sendo pesquisados e aprendidos por todos os sujeitos envolvidos nas formações, inclusive os formadores, mas de fato ainda com muitas fragilidades. Contudo é uma experiência, que insistimos em destacar, pois apesar de todas suas limitações, promoveu o diálogo entre os diferentes sujeitos e instituições partícipes, o envolvimento e muitas aprendizagens com a Educação do Campo, suas demandas e possibilidades. Concordamos, ainda, com Alencar (2011), quando afirma que:

[...] verificamos que as experiências de formação ocorridas no Brasil por necessidade do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra podem trazer bons frutos aos professores, estudantes do campo e a política da Educação do Campo. Um desses frutos é a necessidade de composição de quadros dentro das IES que possam desenvolver pesquisas sobre educação do campo, políticas públicas para o campo, educação popular e sobre as experiências não formais de educação desenvolvidas pelos movimentos sociais. O segundo fruto pode ser a aproximação dos gestores estaduais e municipais aos Centros Acadêmicos, aproximação esta necessária para o fortalecimento do diálogo entre gestão pública e Universidades visando o atendimento e a qualidade da educação voltada aos povos dos campos. O terceiro fruto é a participação dos Centros de formação de professores nos Comitês estaduais de Educação do Campo apresentando planos de formação continuada, discutindo, sugerindo, ouvindo as vozes que por anos buscaram ser ouvidas na composição de currículos e de programas de cursos de formação continuada de professores; e o que podemos chamar de quarto fruto, a aproximação da universidade com os entes federados, instituições públicas e particulares e, principalmente, os movimentos sociais. Este momento talvez contribua para encontrar caminhos de novos fazeres possibilitadores da desburocratização dos processos que cuidam dos excluídos e do que é diferente (ALENCAR, 2011, p. 262).

O Currículo Integrado foi outro aspecto do Programa que merece destaque, pois não foi assegurado à instituição que faria a Qualificação Social e Profissional em Pernambuco, restando à Universidade e aos Movimentos Sociais trabalharem esta perspectiva durante suas diversas formações. Para os educadores em sala de aula apresentava-se o desafio de garantir a escolarização em articulação com o mundo do trabalho, à medida que realizavam o exercício de imersão nas comunidades ou assentamentos, na tentativa de conhecer mais a fundo suas

realidades, seus sistemas produtivos para poder (questionando-os) contribuir com o diálogo entre os diferentes saberes e conhecimentos.

Durante a realização da pesquisa, especificamente a EC educadores entrevistados abordaram diferentes aspectos referentes às formações, entre eles destacaram: a metodologia; as contribuições para sua atuação; os eixos que mais influenciaram em sua *práxis*; o diferencial entre as formações da UFPE e dos MSP e os principais desafios.

O grupo de educadores entrevistados, no contexto desta pesquisa, apresentou outro diferencial, o fato de também terem participado da primeira edição do Programa Projovem Campo - Saberes da Terra, sendo assim já tinha um acúmulo de experiência que pôde ser fortalecida. Sobre o fato de estar novamente no mesmo Programa afirmaram:

Foi bem mais fácil, comparando o projeto de 2006 com o de 2008, é claro que foi um processo bem mais fácil porque a gente tava sendo orientado, é claro que querendo ou não, tem assim uma disparidade muito grande entre teoria e prática. Lá a gente tava recebendo a parte teórica, a parte científica e aqui a gente tava fazendo uma junção, dessa parte teórica mais com o prático. [...] Lá a gente estava estudando conteúdo, aqui a gente tava trabalhando saberes, há um diferencial, existe! Porque aqui aqueles conteúdos, aquelas palestras tudo aquilo que a gente via na lá na Universidade, com o curso, aqui na comunidade a gente iria enriquecer, enriquecer como? Com a vivência do aluno, com a experiência que o aluno tinha, com a vida dele no campo... Foi um período muito gostoso, foi muito porque a gente além de estar vendo o teórico, tava fazendo a junção do teórico com o prático. Contribui demais até... A gente tinha um norte, tinha como dirigir, tratar toda aquela pesquisa científica, trazer para o popular, trazer pra o campo e desmistificar. Então, foi um processo muito bom, muito gostoso (Educadora Adiene).

Promover o diálogo entre os diferentes saberes: populares e científicos tem sido um grande desafio tanto da Educação Popular quanto da Educação do Campo. Há uma permanente luta cultural pela valorização do **saber pensar e saber fazer** popular em diálogo (às vezes conflituoso) com o conhecimento historicamente construído pela humanidade através das ciências.

Essa tensão existente entre os diferentes saberes, a serem reconhecidos no campo pedagógico, e tratados na formação de educadores repercutiu no modo dos educadores perceberem seus educandos e as realidades nas quais estão inseridos.

Questionados sobre a experiência de participar das formações coordenadas pela UFPE destacaram que:

[...] foi por meio dessas formações, desses estudos, desse acompanhamento da universidade e até mesmo da secretaria do Estado que a gente pôde mudar essa visão e mostrar pros nossos alunos, que eles podiam fazer diferente, eles podiam viver bem e viver no campo e uma das maiores conquistas nossa, pelo menos eu considero como profissional, foi mudar o paradigma que a comunidade tinha (Educadora Adiene).

Pode-se afirmar que as mudanças de paradigmas, numa perspectiva emancipatória, foram vivenciadas por diferentes sujeitos, durante os processos de implementação do Programa e deram continuidade na vida e no trabalho dos jovens do campo, algo que foi posto em evidência tanto nos diversos registros dos processos vivenciados quanto nos diferentes momentos avaliativos dos Grupos Focais. Defendem esta perspectiva nos seus discursos (fortalecendo seu poder argumentativo) e na descrição das ações que foram desenvolvidas e seus resultados (demonstrando seus poderes organizativo e interventor).

O educador social explica sobre a importância das formações e da sua área (Ciências Agrárias) para se trabalhar com agricultores, dando destaque ao eixo temático **2: Sistemas de Produção e processos de trabalho no campo**; sua articulação com os outros eixos temáticos, no sentido de melhor compreender a realidade na qual estão inseridos, seus problemas e possibilidades para buscar, coletivamente, formas de superação.

[...] todas estão interligadas, no meu ponto de vista todas foram importantes, mas como a gente trabalha com o produtor rural, e uma questão que hoje a gente trabalha muito é como ele se fixar no campo, então é a questão da produção, infelizmente o que a realidade mostra é isso, porque se ele não tem como se fixar, as vezes ele produz mas 'não vou vender não' porque ele produz mas quando vai vender é esse preço e quando vai comprar é o dobro. E nesta parte de Economia Solidária, tudo tem a ver, mostra que se eles se unirem e fizerem um tipo de associação de produção, eles podem ter um valor agregado àquela produção que ele produziu, então todos os eixos temáticos buscaram a realidade da comunidade como uma realidade que pode ser vista e pode ser trabalhada muito melhor (Educador Ênio).

À medida que iam se apropriando dos eixos temáticos sentiam-se estimulados a organizar diferentes ações coletivas no sentido de fortalecer suas aprendizagens, intervir nas suas realidades/comunidades. Tanto educadores como

educandos destacaram, por exemplo, a importância de estudar o eixo temático **3: Cidadania**, organização social e política pública, reafirmando que passaram a conhecer seus direitos e aprenderam formas de lutar para garantir o acesso aos mesmos, luta esta que, doravante, deverá ser permanente.

[...] o eixo de Política Pública, é um eixo muito complexo, principalmente quando você vive em um mundinho... as formações tratavam a política pública como política pública de verdade, o lado positivo, o lado negativo, qual o papel também do social envolvido nessa política. Então, uma das formações assim que me orientou bastante, que eu pude fazer bem melhor em sala de aula, foi o eixo de política pública. Quando eu digo que é bem complexo, porque a gente não pode esquecer também das formações, dos eixos que trataram de Identidade, que é o ponto principal, o ponto chave... Pra você ver como uma coisa vem puxando a outra... Como eu vou trabalhar política pública, se eu não entendo a questão de identidade, de gênero, a questão de raça?... Então, uma coisa vem complementando a outra, classificar o que mais contribuiu ou não é um pouco complexo. Todas as formações foram ótimas e eu acredito que é isso que faz ser um profissional diferente, de ter esse olhar (Educadora Adiene).

De fato, o trabalho por eixos temáticos deu condições aos educadores de se apropriarem das discussões, trazerem mais informações e poderem atuar de maneira mais consistente em suas realidades, possibilitando um aprofundamento, de acordo com as necessidades apresentadas pelo grupo de educandos, desafiados a promover o diálogo entre si, como afirmou o educador de Ciências Agrárias:

[...] envolve todos os eixos temáticos, um interliga com outro, um sistema de retroalimentação, de *feed back*, se não tiver um não vai ter o outro nunca. Então é uma realidade diferente de quando você vai lá na rua (referindo-se às escolas da cidade).... Conteúdo é isso, ele já faz o programa do conteúdo que vai se trabalhar o ano todo, aqui não! A gente vai trabalhando com a realidade de cada aluno, com a realidade de cada comunidade... A diferenciação que existe (Educador Ênio).

Essas narrativas sobre a formação dos educadores nos mostram como a Integração de Saberes foi sendo construída em cada sala de aula, em cada comunidade. E que, apesar de inicialmente parecer algo muito complexo, foi dando elementos para fortalecerem sua *práxis* pedagógica e fazer a crítica ao modelo predominante de organização do currículo escolar.

Vale, ainda, destacar que em Pernambuco, durante a edição 2008, foi garantido um processo denominado: Formações específicas, com recursos disponibilizados pelo MEC, via Secretaria de Educação do Estado, organizadas

pelos próprios Movimentos Sociais. Além de trabalhar os eixos temáticos e suas abordagens a partir de cada Movimento, caracterizava-se como uma formação genuinamente política, pois muitos dos educadores que foram locados em áreas de assentamentos, comunidade quilombolas ou indígenas, não eram militantes e muitas vezes nem conheciam suas realidades. Nestas formações também foram utilizadas as estratégias de jornadas pedagógicas, que problematizavam o eixo estudado, realizavam rodas de diálogo, visitas técnicas, Partilha de Saberes, entre outras atividades.

Os educadores percebiam as diferenças entre as formações da Universidade e dos MSP, mas compreendiam a possibilidade do diálogo entre os diferentes saberes, diferentes sujeitos, diferentes instituições, que criariam as condições para o Programa acontecer efetivamente. Segundo estes educadores,

[...] o diferencial entre as formações da FETAPE e as formações da Universidade, é que os formadores da FETAPE eram justamente aqueles formadores que estavam ali ligados ao campo, eram experiências do campo, eram levadas experiências do campo mesmo. E a Universidade ela trata, que é o papel dela mesmo, tratar mais de uma questão acadêmica, não que houvesse uma disparidade entre as duas, uma complementava a outra, uma vinha complementando a outra. A FETAPE trazia pra gente a questão da experiência, da prática, da vivência mesmo do campo. Universidade tratava tudo aquilo que a FETAPE trazia, mas de forma acadêmica, que o papel dela, é claro. Então, dizer qualificar o que é melhor, o que é pior, de forma alguma. Elas vieram a contribuir na nossa prática. E o que é que a gente fazia, naquele momento, fazia uma união, uma junção entre o teórico e o prático. Que foi o que contribuiu que é isso que a gente vem sentindo falta hoje (Educadora Adiene).

Nos processos de acompanhamento pedagógico verificou-se que apesar das várias condições adversas e desafios enfrentados: a baixa escolarização dos agricultores, diversas situações de pobreza, a falta dos meios de produção, dificuldades de acesso aos recursos e às políticas públicas, fragilidades nas organizações locais e no diálogo com os entes federativos (em suas três instâncias). Ainda assim, em muitas turmas aconteceu o envolvimento com a proposta pedagógica, trabalhou-se a metodologia da alternância, aprofundando, através das pesquisas no tempo comunidade, o conhecimento sobre sua realidade, seus problemas e possibilidades, apropriaram-se dos conhecimentos escolares, discutiram e organizaram alternativas de intervenção no sentido do enfrentamento

ou resolução dos problemas vivenciados e estudados. Pesquisaram sobre as políticas públicas voltadas para a Agricultura Familiar e a Educação do Campo e estudaram formas de acessá-las.

Desta maneira, durante a implementação do Programa, muitas ações coletivas foram articuladas e postas em prática, como: hortas comunitárias em assentamentos, casas de mel, cooperativas de agricultores, associações de artesãos, criatórios coletivos, etc. Ações estas que conseguiram gerar uma nova reflexão sobre suas realidades, motivados a transformar/fortalecer seus processos produtivos, respeitando suas características locais, suas potencialidades e muitas vezes numa perspectiva do cuidado com o meio ambiente.

A seguir apresentamos fotografias (arquivo pessoal da pesquisadora), as quais foram registradas durante os processos de acompanhamento pedagógico, de algumas ações coletivas organizadas pelas turmas a fim de evidenciar tentativas para diversificar seus sistemas produtivos, ampliando a geração de renda e possibilitando a permanência na terra, nos períodos de entre safra ou estiagem.

No primeiro exemplo (imagens 1 e 2) educandos e educador social, da Comunidade Quilombola da Ilha do Maçangano em Petrolina, preparando a terra para organização de uma horta do sistema PAIS (Produção Agroecológica Integrada Sustentável), após terem acessado os recursos via Conselho de Desenvolvimento Rural. Na parte central foi construído o galinheiro e ao redor, em forma de mandala, foram plantados diferentes cultivos.

A proposta era transformar esta experiência numa Unidade Demonstrativa para a comunidade e, futuramente, os moradores interessados reproduziriam a estratégia em suas pequenas propriedades. Garantindo inicialmente que pudessem colher o próprio alimento (orgânico) e futuramente comercializar o excedente.

Imagens 1 e 2 - Organização da Produção Agroecológica Integrada Sustentável (PAIS)



Fonte: Arquivo pessoal

No caso que segue (imagens 3 e 4), educandos do Assentamento Nossa Senhora da Conceição, coordenado pelo MST participaram de oficinas de trabalhos manuais na Escola Municipal Alexandre Oliveira, onde aconteciam as aulas do Projovem Campo, para produção de artesanato com reaproveitamento de papel e passaram a comercializar seus produtos:

Imagens 3 e 4 - Educandos aprendem a fazer artesanato com jornal



Fonte: Arquivo Pessoal

Neste assentamento a produção era basicamente agrícola, mas enfrentava muitos desafios, vários assentados desta região os trabalhadores são assalariados na fruticultura irrigada dos grandes latifúndios, então esta atividade foi escolhida como alternativa para a diversificação da produção e para o aumento da geração de renda das famílias.

A escolha por incluir partes dos relatórios de acompanhamento pedagógico deve-se pela reflexão que foi sendo construída desde a implantação do Programa e que complexificou-se no desenvolvimento da pesquisa. Assumindo que a Emancipação aproxima-se com a forma que Galeano descreve a *Utopia*, está ali no horizonte e nos mobiliza a caminhar, a buscar, mas a cada passo que damos em sua direção e concretização mais um ou dois passos ela se afasta, empurrada pelos desafios do caminho, e assim *seguimos la marcha*.

Estão aqui reunidas algumas reflexões a cerca do território de pesquisa, diferentes situações onde o Programa Projovem Campo - Saberes da Terra contribuiu com a atuação dos sujeitos partícipes, à medida que são contextualizadas as experiências e apresentados os desafios enfrentados, vão-se evidenciando processos de mudanças, construindo uma reflexão articulada às diferentes situações vivenciadas pelos coletivos, para identificar os desafios, as reações e organizações dos coletivos diante dos problemas (enfrentados ou estudados) e as conquistas ou lições dos processos que evidenciam práticas emancipatórias/emancipantes. As ações e experiências escolhidas apresentam as características e os desafios de práticas emancipantes, sejam elas através da realização de estratégias que alteraram os modos de produção local, diversificando-o, aumentando a geração de renda, sejam a organização de ações coletivas de reações aos processos impostos por agentes externos às comunidades a partir dos interesses dos grandes projetos de 'desenvolvimento' e de suas empresas executoras. Em alguns casos, determinados processos não tiveram continuidade, o que não anula sua importância e valor para seus coletivos, para a história de suas comunidades e na busca da Emancipação dos povos do Campo que a cada novo tempo tem lutado contra as diversas formas de exploração, opressão, expropriação, tornando ainda mais importante a necessidade de documentação, socialização e análise destes processos como estimuladores de outros por vir!

A seguir trechos de relatórios que nos dão a caracterização das comunidades, exemplos de alguns conflitos vivenciados e o fortalecimento dos poderes associados no exercício da busca pela Emancipação.

No **assentamento Aquários - MST**, que tem 140 famílias assentadas, localizado no município de Santa Maria da Boa Vista, a grande maioria dos assentados são trabalhadores rurais assalariados na fruticultura irrigada das grandes propriedades e não conseguiam desenvolver quase nenhum tipo de cultivo

em suas parcelas, pois passavam os dias inteiros trabalhando fora. Ao estudarem o eixo temático **2: Sistemas de Produção e processos de trabalho no Campo**, organizaram uma horta coletiva com o apoio do educador social, no quintal da casa de um dos educandos do Projovem Campo que também é presidente da Associação de moradores do assentamento. Atualmente a produção está muito boa e os/as estudantes muito orgulhosos e entusiasmados.

Imagens 5, 6 e 7 - Educandos apresentam horta orgânica coletiva.



Arquivo pessoal

Este aspecto foi muito marcante neste assentamento, pois, tem sido muito difícil alterar a lógica do trabalhador assalariado para a organização do pequeno produtor, o qual na maioria das vezes não possui os meios de produção, tem grandes dificuldades para circular e comercializar sua produção e basicamente leva tempo para alterar a lógica da agricultura tradicional para uma agricultura agroecológica, perspectiva estudada e defendida pelo Programa.

Na visita à horta fomos informados que todos os defensivos utilizados foram produzidos pelos próprios educandos antes mesmo de organizarem a horta, durante as aulas de Ciências Agrárias. Já ampliaram o tamanho da horta, diversificando ainda mais seus cultivos, consorciando-os e instalaram energia elétrica no local (pois muitas vezes cuidavam da horta à noite, depois do trabalho na fruticultura) com recursos adquiridos através da venda dos produtos. Um dos desafios foi definir o que seria feito com o que era produzido, decidiram coletivamente que as primeiras produções seriam comercializadas para gerar um capital de giro que seria investido nas ampliações da produção, para que futuramente possam também consumir o que estão produzindo. Já estão comercializando os produtos e apontam como melhorias, fruto das vendas, a compra da iluminação e de alguns materiais para irrigação da produção. Estas informações foram partilhadas durante a realização dos acompanhamentos pedagógicos. No qual os educandos presentes sentiam-se

orgulhosos em dar seus depoimentos sobre as mudanças ocorridas em suas vidas e sobre suas aprendizagens:

Eu mesmo tinha parado de estudar a 20 anos, aqui na escola já aprendi muita coisa, inclusive sobre a comunidade onde moro há anos e não sabia, sobre como a gente produz;

Atualmente, além de estarem conseguindo manter a produção orgânica na horta, a qual está permitindo que ocupem seus espaços, conquistados na luta pela Reforma Agrária, tornando-os realmente produtivos, diversificando a produção numa perspectiva mais agroecológica e gerando novas possibilidades de renda. Anunciam também o desejo de futuramente não terem que trabalhar 'para os outros' e estão se organizando para isso. O Projeto de Intervenção deste assentamento foi voltado para a criação de galinhas, que além de serem utilizadas na alimentação das famílias, estão sendo comercializadas.

A equipe de educadores do assentamento apresentou no PI a justificativa da escolha do tipo de produção articulada às necessidades das famílias assentadas, segundo eles:

Diante do desafio que temos nas áreas de Reforma Agrária em relação à sustentabilidade ambiental, a inclusão social e produtiva, dos educandos e suas famílias, percebeu-se uma urgente necessidade de fomentar na comunidade do assentamento Aquários que tem 140 famílias assentadas, processos de desenvolvimento que, além de servir de experiência de produção agroecológica coletiva venha permitir o fortalecimento da identidade camponesa e melhorar as condições de vida no campo, seus valores e o modo de produzir, a partir do aprendizado de uma matriz produtiva sustentável condizente com a especificidade ambiental onde vivem estas pessoas.

Para o enfrentamento desses desafios e demandas, na perspectiva de **superação**, deve-se considerar a complexidade e a integração de saberes, criando condições e reconhecimento, aliados ao contexto da educação para além do seu universo específico, contribuindo para que os educandos e suas famílias adquiram consciência e conhecimento quanto ao uso dos recursos naturais, que desenvolvam atividades e habilidades técnicas na produção de alimentos saudáveis para o consumo e para comercialização do excedente.

Destacam aspectos fundamentais da identidade camponesa na luta, reafirmando o Projeto de Reforma Agrária, pensando em como proporcionar uma 'inclusão produtiva' através das aprendizagens sobre a perspectiva agroecológica. Estes têm sido desafios permanentes nos processos formativos (escolares ou não) da Educação do Campo, tanto entre educadores, quanto entre educandos. E mesmo

considerando as diversas contradições e limitações, as mudanças geradas nos modos produtivos, articulada a uma reflexão sobre seus coletivos, tem estimulado transformações entre os sujeitos educativos. Como defende Caldart (2002) para que os agricultores - assentados possam assumir o comando de seus destinos na terra conquistada, mas ainda tendo que reinventar suas relações e processos produtivos.

A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seus destinos (CALDART, 2002, p.27).

Outro caso é o da **Comunidade Quilombola do Carvalho**, reconhecida desde 2009, localizada em Custódia, município do sertão central que está sendo ‘atropelado pelo desenvolvimento’. São 194 famílias morando na área onde exatamente cruzará a Transnordestina e o Projeto de Integração do Rio São Francisco, com as bacias hidrográficas do Nordeste setentrional (financiado pelo Ministério da Integração Nacional) mais conhecido como a Transposição. Os moradores da Comunidade quilombola estavam, à época do acompanhamento pedagógico, em estado de alerta e divididos entre o ‘desenvolvimento e a preservação de sua história’. Segundo o educador social Antônio Anderson: “A grande maioria dos moradores da cidade eram agricultores, hoje isso mudou, principalmente os jovens estão trabalhando nestas obras e não querem mais saber da terra!” alertou o responsável pela área de Ciências Agrárias. Quem ainda trabalha na agricultura está plantando goiaba, pois segundo ele, “temos uma fábrica Tambaú aqui na cidade e eles doaram 150 mudas de goiabeiras para cada agricultor interessado, em troca os mesmos devem pagar cada um com uma caixa de goiaba da primeira safra, pois as goiabeiras de Petrolina estão todas morrendo por conta de “Nematóides”. Fato que exige atenção e criticidade, pois os agricultores que passaram a produzir em suas terras estão sendo estimulados pelas grandes indústrias instaladas na região a trabalhar o monocultivo. Muitas reflexões foram feitas sobre os sistemas produtivos, seus benefícios, riscos e problemas, mas a decisão dos agricultores muitas vezes está ligada à garantia das condições básicas da sobrevivência.

Muitos foram os acontecimentos ocorridos no período de implantação do Programa em torno da Comunidade, diante deles, educandos e educadores

destacam a proposta que receberam de demolição de uma igrejinha antiga localizada na entrada da comunidade, para construção de uma pista que facilitaria o transporte dos materiais que seriam utilizados nas obras, várias ações foram pensadas e organizadas pela turma para defendê-la. À época estavam estudando a história da Comunidade, dos moradores mais antigos, como eram suas práticas antes e as transformações ocorridas com o tempo, o que segundo educadores e educandos deu-lhes condições de valorizar ainda mais sua história e de melhor refletir e analisar os riscos da proposta. Alguns moradores foram radicalmente contra a demolição, os quais afirmavam ser a construção mais antiga do município de Custódia. Mobilizaram-se junto aos educadores do ProJovem Campo motivados por estarem trabalhando a história da comunidade e acionaram o Ministério Público. A solução encontrada foi a ODEBRECHT, empresa construtora, contratar arqueólogos para realizar estudos na edificação e no seu entorno. Identificaram que a construção era do século XVIII, tinha mais de 150 anos, de antes mesmo da fundação de Custódia.

A seguir a notícia: “MPF acompanha perícia realizada nas obras da Ferrovia Transnordestina”, divulgada pelo Ministério Público Federal, através da Procuradoria da República em Pernambuco via correio eletrônico sobre a investigação:



O Ministério Público Federal - MPF em Serra Talhada/Salgueiro, por intermédio da procuradora da República Sílvia Regina Pontes Lopes, acompanhou, na última quinta-feira (8), perícia judicial realizada nas obras da Ferrovia Transnordestina, em Custódia - PE. O objetivo da perícia é analisar se a estrutura da Igreja de São Luiz Gonzaga (foto), localizada na comunidade quilombola do Carvalho, será impactada com a implantação da Transnordestina. Para realização do estudo, foram designados policiais federais para atuar como peritos judiciais.

De acordo com a procuradora da República Sílvia Lopes, o intuito do MPF é que seja declarado o valor histórico, artístico e paisagístico da Igreja de São Luiz Gonzaga. “Caso isso aconteça, espera-se que seja anulado o licenciamento ambiental para a construção da Ferrovia Transnordestina na Comunidade Quilombola do Carvalho”,

ressaltou. “Atualmente, a igreja e seus arredores estão ameaçados de demolição e degradação em razão das obras da Ferrovia Transnordestina”, acrescentou. Ainda segundo ela, até o final do ano deverá ser concluído o resultado da perícia.

A perícia é fruto de ação civil pública ajuizada pelo MPF, no ano passado, contra a União, o IBAMA e a Transnordestina Logística S/A. Segundo consta no processo, a Igreja de São Luiz Gonzaga possui grande importância para a preservação da memória quilombola do Carvalho e para a continuidade histórica de práticas religiosas e culturais na região. Em seu entorno, foi descoberto um sítio arqueológico denominado “Fazendinha”, onde foram achados diversos vestígios históricos ligados à resistência negra na região.

(Disponível em: <http://www.prpe.mpf.mp.br/internet/Serra-Talhada/Noticias/MPF-acompanha-pericia-realizada-nas-obras-da-Ferrovia-Transnordestina>. Acessado em:13/11/2012)

Segundo os educadores, por conta destas descobertas, ficaram mais de dois meses realizando escavações, coletas e documentação de tudo que era encontrado, chegando a registrar alguns restos mortais enterrados ao redor da igrejainha. O que gerou grande atenção para a localidade, visitas de escolas e universidades, reportagens para acompanhar os trabalhos dos arqueólogos, “que davam verdadeiras aulas de história, geografia, do corpo humano e como identificar o tempo dele... nós mesmos muitas vezes fomos acompanhar os trabalhos e aprendemos muito sobre a história e sobre nós mesmos!” foram afirmando os educandos. “E agora sabemos do verdadeiro valor da nossa cidade, do nosso povo e a igreja vai ser tombada como patrimônio da Humanidade” completou uma educadora. Algo que parecia ser muito difícil de conquistar; sobretudo entre os jovens da comunidade foi a valorização e defesa do patrimônio local em disputa com um ‘grande projeto de desenvolvimento’. Mas que só foi possível diante da articulação, mobilização das pessoas e grupos que eram diretamente atingidos pelas relações impostas, como afirma Bogo (2008), no exercício para criar as novas circunstâncias.

O agente da cultura faz e é feito por ela, não basta educar e politizar o ser social, é preciso intervir sobre as circunstâncias em que ele vive para criar as novas circunstâncias. Ele e o meio são partes interligadas da mesma mudança; para conhecê-los, é preciso arriscar-se a ‘andar por todos os lados do finito’ na busca de que o imaginário se torne acessível (BOGO, 2008, p.155).

E, ao tornar-se acessível, possível, a mudança, a superação, poderão ser estimuladoras de novas ações transformadoras, gerando uma nova postura, uma nova vontade diante da vida e dos problemas que surgem, uma nova cultura.

Ainda na Comunidade do Carvalho, durante a implantação do Programa, também foram organizadas várias oficinas de trabalhos manuais, a fim de possibilitar a diversificação da produção local, muito voltada para o cultivo, a qual enfrenta sérios problemas, garantindo muito mais a subsistência dos moradores. Afirmaram que as oficinas propiciaram além de momentos muito agradáveis de aprendizado a descoberta de alguns talentos da comunidade, as quais deram seus depoimentos: Janaína Barbosa tem 27 anos e sete filhos, e sua companheira de trabalho, Maria Aparecida estavam sem estudar e não trabalhavam, com o Programa voltaram a estudar, estão lendo e escrevendo, aprenderam muitas coisas, inclusive a pintar e, há três meses, estão comercializando seus trabalhos até para Brasília e Rio de Janeiro. Atualmente estão à frente da Cooperativa de artesãs que foi organizada na Comunidade. “E isso mudou completamente a nossa vida!” concluiu satisfeita Janaína. Afirmaram que agora conseguem se manter financeiramente, sentem-se felizes, produtivas e com o desejo de permanecer onde vivem e lá criar seus filhos.

Pudemos verificar nos acompanhamentos pedagógicos que muitos educandos e educandas, agricultores familiares, assentados, quilombolas, entre outros, ao se envolverem com o Programa, além de garantirem a elevação de escolaridade e qualificação social e profissional, passaram a discutir seus problemas e a intervir em suas realidades, alterando processos em curso, como afirma Caldart (2002):

Os sujeitos da Educação do Campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos desta realidade perversa, mas que não se conformam com ela. **São os sujeitos da resistência** no e do campo: **sujeitos que lutam** (grifo nosso) para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária, sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo; sujeitos de resistência na terra dos quilombos e pela identidade própria desta herança; sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro, em terras demarcadas e em identidades e direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas, pedagógicas... (CALDART, 2002, p. 29).

Sendo assim, além de sujeitos de resistência na luta, não aceitam passivamente as condições impostas e se organizam para transformá-las. São sujeitos de transformação!

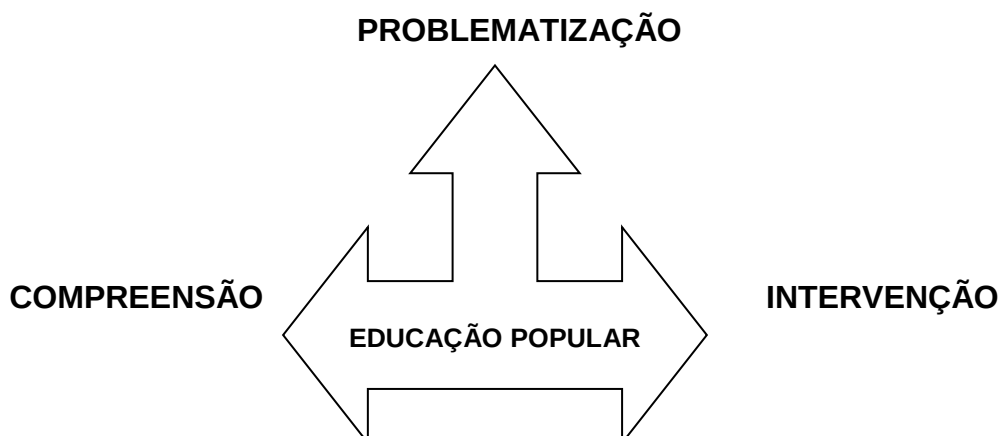
Os processos de acompanhamento pedagógico além de darem as condições de conhecermos as diversas realidades dos sujeitos envolvidos no Programa, de

poder avaliar e reorientar os processos formativos de educadores, também foram muito estimulantes para nossa militância docente. Pois nestes encontros, pôde-se perceber o brilho nos olhos das pessoas que conseguem fazer um retrospecto de suas vidas, analisar as possibilidades de mudanças, fazer suas escolhas, projetar seu futuro, intervir nos problemas enfrentados pela comunidade, mobilizar, festejar a vida e as conquistas. É muito animador e esperançoso para continuarmos na luta pela construção de um campo diferente, com dignidade, produção consciente, coletividade, garantia de direitos e gente feliz!

Essas ricas experiências, aqui interpretadas no contexto da pesquisa desenvolvida, trazem mais elementos para as discussões e proposições voltadas para a Educação do Campo na perspectiva da Educação Popular em Pernambuco. Mesmo verificando-se que algumas das iniciativas não tiveram continuidade, porém, faz-se necessário fortalecer e dar visibilidade aos processos estimuladores de transformações nas vidas e trabalho dos sujeitos envolvidos. No sentido de que se possa pensar a transformação como necessária e possível, mas que dependerá dos projetos de Campo, de sociedade, de país e de desenvolvimento que se corporificam nas lutas pela terra, pelo trabalho, pela igualdade social, pela dignificação da vida dos povos do campo, que ocupam e transformam seus territórios, lutando inclusive por uma revisão no projeto de reforma agrária, seu vínculo de origem.

Diante dos atuais desafios da Educação do Campo, bem sintetizados na tríade Campo, Educação e Política Pública proposta pelo Fórum Nacional de Educação do Campo – FONEC, durante o Seminário Nacional realizado em Brasília/2012, para análise da atual conjuntura, entendemos que além de um aprofundamento na compreensão destes elementos; suas características e inter-relações investimos na ideia de que será necessário pensarmos em outra tríade em articulação:

Figura 4 - Tríade da Ação Educativa



Fonte: Organograma elaborado pela autora da dissertação

Essa segunda tríade, ao nosso modo de ver, poderá ser fortalecida e consolidada através de processos formativos, inspirados na Educação Popular, que estimulem a problematização da realidade, a tomada de consciência, a construção de novas compreensões, para participação crítica e a organização coletiva na perspectiva emancipatória da transformação social, na busca da Humanização. Tanto nos processos formativos/educativos, como na luta política será necessário olhar para a realidade, problematizando-a - suas características, relações e inter-relações - podendo assim desenvolver uma nova compreensão e explicação sobre esta mesma realidade (espera-se) mais crítica e complexa, desenvolvendo assim seu poder argumentativo. Propiciando organizar-se coletivamente para intervir (exercitando seus poderes organizativo e interventor) no enfrentamento dos problemas ou na criação das condições materiais e simbólicas para sua existência reinventada, Humanizada.

Articulando estas reflexões com o chão desta pesquisa e considerando, que na experiência do Projovem Campo – Saberes da Terra em Pernambuco (edição 2008), tínhamos um grupo muito heterogêneo, perfazendo um total de 872 pessoas entre educadores e coordenadores, alguns vindos do Programa piloto (Saberes da Terra), mas muitos deles recém formados, sem experiência com Educação de Jovens e Adultos - EJA nem com Educação do Campo. Neste contexto foi difícil envolver a todos. Alguns chegaram com várias resistências ao processo formativo, outros o desejando muito, outros ainda sem envolvimento nenhum e tantos outros que durante o percurso tentaram vivenciá-lo em seu local de trabalho e na sua

comunidade. Percebemos que no percurso formativo do Programa, a maioria dos educadores envolveu-se com educandos e suas comunidades, com a proposta pedagógica, na Educação do Campo enquanto um movimento, chegando a se auto afirmar ‘educadores e educadoras do campo’ e defendendo esta perspectiva, como afirmam os educadores Adiene e Ênio:

E nos ajudou a construir uma nova educação, ajudou e ajudou bastante, hoje a concepção que eu tenho do campo, mesmo sendo filha de agricultor, não é a mesma que eu tinha em 2006, quando comecei com o Projovem, o Saberes da Terra. Foi uma mudança totalmente, mesmo sendo filha de agricultor, mesmo morando no campo, que eu morei no campo na minha adolescência, mas foi uma mudança radical, uma mudança de vida, uma mudança de identidade, foi uma mudança geral (Educadora Adiene).

As visões da Educação do Campo, elas estão sendo modificadas [...] porque estão vendo que em muitas comunidades dá certo, basta nós como educadores com os alunos, agricultores, com os políticos, a gente tem aí, várias comunidades que estão progredindo, devido a um Programa que poderia se tornar uma política e que estivesse ligada à vida do agricultor. Tem que ser do campo para o campo... senão jamais vai dar certo! [...] uma comunidade rural pode ser uma referência para o Estado. [...] Vamos fazer isso, mostrar as realidades que estão dando certo... Os movimentos estão aí lutando pra isso (Educador Ênio).

Discursos que foram revelando mudanças identitárias e nas práticas durante a formação de educadores do Programa. Foi um processo bastante complexo; discutir, compreender e vivenciar uma *práxis* pedagógica baseada na Educação Popular, a metodologia da alternância, a integração de saberes, as especificidades de cada comunidade, o desenvolvimento das pesquisas didáticas e a influência disso para a melhoria tanto dos processos educativos quanto da vida dos sujeitos educativos envolvidos. Consideramos sujeitos educativos todos os participantes do processo formativo, todos que vivem a experiência educativa direta ou indiretamente, constituem-se autores da realização da *Práxis* Pedagógica. Essa perspectiva da *práxis* pedagógica tem como finalidade a “CONSTRUÇÃO DA HUMANIDADE DO SER HUMANO; ou seja, contribuir com a conformação de outras relações sociais e o florescimento de outras subjetividades, mais ricas e consistentes de seus sujeitos e de outros sujeitos sociais” (SOUZA, 2007, p. 216).

Acrescenta Souza que essa *práxis* se constrói em diálogo com outras *práxis* em toda sua complexidade, a docente, a discente, a gestora e a epistemológica

no interior de um CONTEXTO econômico, social, interpessoal e institucional, perpassadas pela afetividade (amor, raiva, ódio), o que pode ser caracterizado de DIVERSIDADE CULTURAL ou pluriculturalidade, é o desafio científico a ser enfrentado, também na análise e realização da *Práxis Pedagógica* (SOUZA, 2007, p. 201)

Souza (2007) apresenta no diagrama a seguir uma sistematização dessa visão de *práxis* pedagógica, vejamos:



Fonte: SOUZA (2007, p. 201)

Essa complexidade, indicada por Souza, nos ajuda a entender os desafios do percurso formativo, seus avanços e limites. Uma das fragilidades que tivemos neste processo foi em relação ao momento inicial do percurso formativo, quando eram realizadas pesquisas nas comunidades referentes aos eixos temáticos, poucos deram continuidade aos planos de pesquisa iniciados durante as formações, dando a entender que eram encarados apenas como estratégia para escolha dos conteúdos a fim de garantir a elevação da escolaridade, sem considerá-los como

elementos chave para a compreensão mais aprofundada de suas realidades (suas possibilidades de transformação) e, conseqüentemente, não davam um retorno para a comunidade. Outra dificuldade encontrada, por alguns, foi no momento da organização dos planejamentos coletivos, atividades que exigiam uma compreensão de escolarização por área de conhecimentos, a necessidade da integração de saberes e, finalmente, que é necessária outra escola para o Campo. Em muitos casos, havia predominância de conteúdos por disciplinas, e não de conteúdos das áreas do conhecimento necessários ao debate propositivo das diversas possibilidades de integração de saberes que contribuíssem na resolução dos problemas enfrentados ou estudados.

Porém, as experiências com os Projetos de Intervenção foram, gradativamente, alterando o sistema produtivo das comunidades. Não apenas diversificando, mas paralelo a isso, contribuindo com o repensar (reconhecimento) do modelo de desenvolvimento que estavam vivenciando. O que garantiu uma melhoria tanto na geração de renda quanto no tipo de produção, numa perspectiva do cuidado com o meio ambiente, partindo das potencialidades locais e pensando em toda a cadeia produtiva, na seguinte expressão dos dois educadores:

O olhar diferente do Programa foi apresentar novas opções de vida, foi apresentar novas situações de vivências... Eles começaram com a criação de galinhas caipiras, viram que dava certo, que tinham as condições de serem produtores e não apenas só consumidores [...]. Então foi aí que se abriu novas visões... Na verdade, qual foi o nosso papel aqui? A gente ensinou ao aluno a pescar, agora se ele ia pescar o peixe ou não ia ser da vontade dele, ia depender do trabalho dele... Então a gente trouxe todas essas situações, foi através do Projeto de Intervenção, do Saberes da Terra, que eles viram a possibilidade de se viver e se viver bem! (Educadora Adiene).

Como deu certo, graças a Deus e ao nosso trabalho e ao trabalho dos alunos e de outros que quiseram. E com isso, dando continuidade, as pessoas vendo isso criou-se até um algo novo na comunidade porque tava dando certo. Pra você ter uma ideia, na época que a gente começou a trabalhar, a criar com os recursos próprio dos alunos, alguns moradores da própria comunidade começaram a investir na criação de galinhas, através de um polo que foi feito lá, aí começaram a produzir, aí se comunicavam com a gente e eu ia lá ver e dava algum tipo de orientação, não só aqui como na comunidade vizinha. Quando foi chegar o outro projeto (referindo-se ao recurso do Estado), a gente foi fazer uma ampliação do que já existia, porque já existia um, só que a gente foi ampliando para que os outros alunos pudessem criar e ter algum meio de subsistência também (Educador Ênio).

Buscamos compreender, junto aos educadores, os maiores desafios para a continuidade das ações, depois de finalizado o Programa no sentido de verificar as reais contribuições na vida e trabalho dos agricultores envolvidos. As possibilidades de continuarem seus processos produtivos e emancipatórios, segundo eles o maior desafio é a necessidade de manter o acompanhamento técnico e o apoio financeiro:

Eu acredito que o maior desafio é a questão do incentivo mesmo, e aqui pra Quixaba, esse incentivo continuou, pois a gente continuou fazendo as visitas, incentivando, querendo saber como estão os criatórios, como estão comercializando, comprando também os produtos deles, é claro... incentivando outras pessoas a comprarem... Então mesmo depois da saída da Secretaria de Educação e do término da turma nós não deixamos eles sozinhos, nós continuamos, e um dos principais desafios deles, que a turma viveu foi todo esse processo de seca... Foi muito difícil investir, porque tudo tem um custo, e o custo da criação não é pequeno, o principal desafio deles foi todo esse processo, foi sobreviver a três anos de seca e depois de tudo isso ainda estão aí produzindo e com novos caminhos também (Educadora Adiene).

Discutimos também com os educadores sobre os Programas que anunciam criar as condições para fortalecer a Educação do Campo e a Agricultura Familiar, financiados pelo Governo Federal. Nessa discussão ficou evidenciada, a capacidade crítica desses educadores ao dizerem que mesmo conseguindo acessar alguns desses programas, muitos são inviáveis. Eles dizem que após o envolvimento com o Programa Projovem Campo, podem perceber melhor os limites desses programas. Dentre esses limites está, segundo os mesmos, à dimensão burocrática e o fato de não serem programas que favoreçam as mudanças estruturais necessárias. Contudo, relataram que após os estudos de eixos temáticos e a articulação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quixaba as famílias da Comunidade Mendes acessaram o Programa um Milhão de Cisternas - P1MC, que faz parte do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido e busca universalizar o acesso à água potável e já beneficiou cerca de cinco milhões de pessoas em todo o semiárido brasileiro. Em relação a esse programa parece não haver crítica.

Uma das questões que aparecem na discussão e remetem a diferentes aspectos das políticas públicas; as que não estão consolidadas nos elementos importantes e estruturadores dificilmente darão continuidade às ações. Nomeiam, também como problema, o modo de atuação das diferentes instâncias responsáveis

pela implementação das políticas de Educação do Campo, tal como podemos ver no depoimento abaixo:

[...] Na minha concepção as políticas de Educação do Campo, elas tem que ter uma definição maior, a política sai lá de cima de uma forma, [...] mas quando ela vem chegar pro agricultor familiar, ela já vem tão comida pelas beiradas, que chega pra eles praticamente nada! E o papel dos conselhos é tentar potencializar para que essas políticas cheguem até o agricultor. [...] Na verdade tem que ter um olhar diferenciado mesmo, principalmente pras regiões do sertão. Em todo esse processo de evolução que o Brasil vem passando [...] não tem como a gente produzir bem, estar bem se não tiver esse apoio técnico, esse apoio pedagógico, esse apoio financeiro, não tem como (Educadora Adiene).

Essas afirmações da educadora são refletidas por Alencar (2011) que vai pontuar aspectos relevantes do Projovem Campo como um programa diferenciado, por várias razões:

Em primeiro lugar, porque o Projovem Campo-Saberes da Terra é o único programa implantado, como política pública, pelo Ministério da Educação (MEC), nos Estados, que se orienta pelo paradigma da Educação do campo: a concepção, as diretrizes, os princípios, o proceder didático-pedagógico. Em segundo lugar, porque Pernambuco desde as primeiras discussões, em 2005, promovidas pelo MEC, participa dos diálogos em relação a uma política diferenciada para o campo, momento em que implantou o Programa Saberes da terra e tem o comitê de Educação do Campo atuante na discussão da política de Educação do Campo no Estado. Em terceiro lugar porque, atualmente, o Estado de PE tem um atendimento no Projovem Campo-Saberes da Terra de 4.832 educandos, 804 professores contratados, distribuídos em 201 turmas (ALENCAR, 2011, p. 181).

A autora faz referência aos dados quantitativos da edição 2008 do Programa, suas peculiaridades e contribuições na busca da efetivação da Educação do Campo no Estado. Talvez, numa análise quantitativa deste Programa que compare dados em relação ao número de estudantes matriculados e concluintes do Ensino Fundamental e, destes, quantos continuaram na EJA Médio, possam parecer resultados frágeis. Além de ser um programa de governo, portanto, pontual, com data de validade. Mas, ao mesmo tempo, representa uma mudança de paradigma; a consolidação da garantia dos direitos aos povos do campo à Educação Básica, estimuladora de mudanças na vida, nas relações humanas, no trabalho, nos modos de produção. Consideramos o caso do grupo de educandos da Comunidade Mendes que vivenciaram diversas mudanças na sua vida a partir da participação do

Projovem Campo, tanto no cotidiano da comunidade, como nas *práxis* escolares, e também na exigência de Políticas Públicas para este setor. Especificamente, em relação à Comunidade Mendes, o fato das famílias reencontrarem-se como coletivo e assim transformarem as formas de produção (diversificando-a), as relações de trabalho, elevando a geração de renda, abrindo novas possibilidades para criar as condições materiais e simbólicas de suas existências, sentindo-se felizes, realizados e desejando prosseguir esta construção no Campo, alimenta a perspectiva da emancipação, como afirma a educadora de Ciências Naturais:

E a gente vê a realidade que tem mudado. Eles não tão mais saindo do campo, estão aqui no campo e estão sobrevivendo do que eles trabalham, eles não precisam mais sair, deixar os seus filhos, as suas esposas, como muitas vezes eles saiam... Mas estão aqui sobrevivendo com as suas famílias. E através do projeto [...] as outras pessoas da comunidade também estão sendo influenciadas (Educadora Claudete).

Esses relatos marcaram muito a história dos educadores, seres humanos em busca da humanização, da emancipação... Defendemos ser necessário criar formas de documentar estes processos, cada comunidade, cada turma, escrever suas histórias de vida, de aprendizagens... Garantir formas de tornar isso 'público' e, conseqüentemente, retroalimentar esta luta!

3 CAMPESINATO, EDUCAÇÃO DO CAMPO E EMANCIPAÇÃO

A liberdade da Terra não é assunto de lavradores.
 A liberdade da Terra é assunto de todos.
 Quantos não se alimentam do fruto da Terra.
 Do que vive, sobrevive do salário.
 Do que é impedido de ir à escola.
 Dos meninos e meninas de rua.
 Das prostitutas, dos ameaçados pela cólera.
 Dos que amargam o desemprego.
Dos que recusam a morte do sonho
 A liberdade da Terra e a Paz no campo tem um nome [...] (Pedro Tierra)

Neste capítulo discutiremos alguns aspectos do processo histórico da luta pela terra, da construção da identidade e organização do Camponato, seus desafios, conquistas, rupturas e permanências. Buscando analisar, nestes processos, traços de sua busca pela emancipação, algumas características gerais e específicas de tais ‘entidades sociais’ na construção e consolidação da Educação do Campo. Assumindo, conjuntamente com Caldart (2009) que

sua natureza e seu destino estão profundamente ligados ao destino do trabalho no campo e, conseqüentemente, ao destino das lutas sociais dos trabalhadores e da solução dos embates de projetos que constituem a dinâmica atual do campo brasileiro, da sociedade brasileira, do mundo sob a égide do capitalismo em que vivemos. E ainda que ‘muitos não queiram’, esta realidade exige posição (teórica sim, mas, sobretudo prática, política) de todos os que hoje afirmam trabalhar em nome da Educação do Campo (CALDART, 2009, p. 36-37).

Retomamos também elementos da trajetória da Educação no Campo em território brasileiro, a fim de evidenciar traços marcantes na consolidação do Movimento Nacional por uma Educação do Campo e dar visibilidade a algumas de suas conquistas, no caso, em território pernambucano, sobretudo com a análise da experiência do Projovem Campo Saberes da Terra. Tornou-se, assim, fundamental para esta pesquisa a sua teorização no sentido de avançar também com a reflexão sobre o momento atual da Educação do Campo e as influências dos Movimentos Sociais Populares nestas lutas e construções. Para isto, Concordamos com Arroyo (2007, p. 157) que:

Os movimentos sociais do campo estão colocando na agenda política dos governos, da sociedade e dos cursos de formação dois

pontos básicos: **o reconhecimento do direito dos diversos povos do campo à educação e a urgência do Estado assumir políticas públicas que garantam esse direito** (grifo nosso).

Para além de compreender, mas assumindo que, ao fazer uma leitura crítica, estamos desafiados a intervir nestes espaços, a fim de contribuir com o trabalho de revisão do projeto do campo, em sua finalidade maior: a da emancipação humana. Desta maneira os estudos, leituras, debates, problematizações e o desenvolvimento propriamente dito da pesquisa, permitiram-nos aprofundar nossas compreensões sobre os processos históricos e políticos e as demandas da atualidade, potencializando as possibilidades de construção de conhecimentos emancipatórios e de uma consequente intervenção mais crítica e criativa nestes processos.

3.1 Campesinato e Educação do Campo

Para esta pesquisa, assim como para nossa caminhada junto aos povos do campo, tornou-se indispensável discutir a trajetória do conceito de camponês e sua perspectiva emancipatória, ressaltando alguns momentos e aspectos na busca da emancipação, compreendendo-a enquanto categoria central nas produções e discussões da Sociologia Rural e da Educação do Campo. A Educação do Campo, por sua vez, é entendida enquanto território de disputas e conflitos, mas também de construções, reflexões e proposições, no sentido de um novo projeto de sociedade.

Considerando os diferentes momentos da trajetória camponesa, os acontecimentos específicos, as conquistas e recuos, enfim, a não linearidade dos processos sociais, econômicos e políticos, buscou-se compreender diferentes visões sobre este conceito fundamental no processo de luta pela terra. Nesse movimento em direção à apreensão desse conceito pretende-se desfraldar um pouco mais a complexidade das relações históricas, políticas, econômicas, sociais, suas correlações de forças, suas permanências e transformações. Contudo, não seria possível analisar estas relações sem considerar a Mãe desta disputa: A TERRA. No prólogo de seu livro *O Trabalho da Terra*, Woortmann (1997) anuncia:

A Terra, para muitos, objeto de especulação imobiliária, é para o camponês, um ser vivo. Um ser que se alimenta, respira e exige cuidados, devolvendo com generosidade o fruto deste amor. Nesse universo, de trocas intensas, não há como separar para o camponês, vida e trabalho: relações sociais, de gênero, familiares,

comportamentais e espaciais que se engendram a partir das necessidades da terra (WOORTMANN, 1997, p. 22).

Na luta pela terra será fundamental entender as diversas maneiras como, historicamente, foram-se introjetando nos povos do campo, vários crimes contra sua capacidade camponesa de pensar, recordar seu passado, elaborar suas ideias e estratégias, partindo das próprias experiências e, conseqüentemente, projetar seu futuro. Diferentes formas de exploração, expropriação e negação dos sujeitos na luta, que nunca deixaram de lutar! Ainda assim, o latifúndio foi estabelecendo condições/situações de ‘incrível miséria sobre uma terra de fabulosa riqueza’, repleta de possibilidades, porém subjugada à lógica do mercado e ao cultivo da monocultura híbrida e estéril do Latifúndio, atualmente sinônimo de Agronegócio com o seu modelo de desenvolvimento em vigor. Para essa reflexão encontramos eco perfeito em Martins (1995):

Essas palavras - *camponês e latifúndio* - são palavras políticas, que procuram expressar a unidade das respectivas situações de classe e, sobretudo, que procuram dar unidade às lutas dos camponeses. Não são, portanto, meras palavras. Estão enraizadas numa concepção da História, das lutas políticas e dos confrontos entre as classes sociais. Nesse plano, a palavra **camponês** não designa apenas o seu novo nome, mas também o seu **lugar social**, não apenas no espaço geográfico, no campo em contraposição à povoação ou à cidade, mas na estrutura da sociedade; por isso, não é apenas um novo nome, mas pretende ser também a designação de um destino histórico (MARTINS, 1995, p. 22 e 23).

Esta história não é recente e na contracorrente das relações capitalistas de produção está o campesinato, que segundo Shanin (1979), “constitui a maioria da humanidade”, o qual apresenta em seguida uma definição analítica de Redfield (1956) *apud* Shanin (1979):

La sociedad y la cultura campesinas tienen algo de genérico. Son un tipo de arreglo de la humanidad con algunas semejanzas en todo el mundo[...]. El campesinato se compone de pequeños productores agrícolas, que con ayuda de equipo sencillo y el trabajo de sus familias, producen sobretudo para su propio consumo y para el cumplimiento de sus obligaciones con los detentadores del poder político y el económico [...] una estructura ocupacional específica, con influencias de la historia pasada y patrones específicos de desarrollo (REDFIELD, 1956, p. 25).

Sem negar estes aspectos comuns, em outro texto do mesmo livro, Sutti Ortiz *apud* Shanin (1979, p. 289) vai questionar: “podemos emplear el término campesino para describir a la mayoría de los pequeños productores de América Latina?” Por

certo, poderemos encontrar aspectos semelhantes, examinar muitas demandas comuns e a negação de muitos direitos na trajetória destes sujeitos, de diferentes contextos e tempos, porém as respostas, reflexões e propostas terão que dar conta das especificidades locais, temporais, culturais, entre outras incluindo o projeto de campo e de sociedade, mesmo que estes não estejam evidenciados.

Referindo-nos ao campesinato, devemos lembrar sua importância política e reconhecer suas contribuições na transformação dos sistemas produtivos e nas formas de organização da vida e do trabalho no campo. Historicamente, mesmo sob forte pressão do sistema capitalista, o campesinato tem em certa medida, resistido à submissão imposta.

O termo camponês adquire lugar de destaque no Brasil, a partir dos anos 1950 do século XX e se afirma quanto identidade política e ideológica. Bem representado naquela época pelos trabalhadores rurais, organizados nas “Ligas Camponesas” (MARQUES, 2008), num momento bastante tenso política e economicamente, pois acontecia a ascensão do comunismo em algumas partes do mundo, como Rússia e Cuba, além de um forte estímulo ao monocultivo exportador e uma ‘prática comum’ de exploração dos trabalhadores no meio rural. Com o golpe militar, a partir de 1964, a força e mobilização dos camponeses foram fortemente reprimidas e fragilizadas. Somente tomando fôlego novamente com a redemocratização do Brasil no final dos anos 80. Continua Marques:

Contudo, desde meados dos anos 1990 a crescente crítica ao modelo de agricultura industrial capitalista e aos seus impactos negativos sobre a diversidade cultural e ambiental do planeta, além de seu caráter de espoliação, tem dado lugar ao ressurgimento do campesinato como identidade política (MARQUES, 2008, p. 05).

Nessa trajetória os sistemas de produção foram modificando-se de acordo com o desenvolvimento dos modelos tecnológicos e os interesses econômicos dos donos do latifúndio, o que gerou muitas revoltas e também controvérsias, pois segundo Gorky apud Shanin (1979, p. 330):

[...] não conseguiram transformar os mecanismos do Estado, as estruturas de compreensão e de organização dos camponeses, vários de seus valores e costumes. Com o passar do tempo foi-se consolidando a ideia do *novo campesinato*, que apesar de manter alguns de seus valores e tradições, são os pequenos proprietários, cada vez mais dependentes da lógica do mercado, pois sua existência é “mediatizada por uma terra já convertida em mercadoria”..

Atualmente, se fortaleceu uma discussão teórica e política quanto ao conceito de campesinato, diferenciando da categoria da agricultura familiar (como descrito na citação acima), na qual esta última tem uma relação atrelada e dependente do mercado, submetendo-se às regras da modernização da agricultura, sem nenhuma autonomia. Vejamos:

O campesinato, enquanto unidade da diversidade camponesa constitui-se num sujeito social cujo movimento histórico se caracteriza por modos de ser e de viver que lhe são próprios, não se caracterizando como capitalista, ainda que inserido na economia vigente (CARVALHO, 2005, p. 171).

E, muito possivelmente, tenham sido estas características que lhe deram condições, em diferentes momentos históricos e econômicos, de sobreviver até os dias atuais, mesmo diante do tsunami da modernização X globalização. O que vem homogeneizando as culturas, massificando as populações tradicionais, submetendo-as às regras de um capitalismo autodestrutivo, competitivo ao extremo e que torna descartáveis, seres humanos, meio ambiente, valores e culturas. Ainda sobre a definição de campesinato, Bogo (2008, p. 94) acrescenta:

Na ótica sociológica, se caracteriza por ter uma parcela de terra à disposição para produzir; utiliza a força de trabalho familiar e a unidade de produção é também referência de consumo. Mas, por outro lado, devemos acrescentar a essa interpretação as caracterizações culturais e as perspectivas políticas, que permanentemente se abrem e se colocam à frente como desafios.

Parafraseando Carvalho (2005) entendemos que, mesmo sendo histórica a luta dos camponeses pela conquista da terra, seu vínculo de origem, a luta do camponês vai além, do querer a posse, o título, os direitos, de poder se apropriar dos meios de produção e dos produtos de seu trabalho. A luta cotidiana deu-lhe condições de desenvolver sua linguagem (ou dialeto), de manter ou transformar suas tradições, histórias, festas... Consolidando um patrimônio cultural fortemente expresso nas suas maneiras de organizar a produção e a reprodução da família e da comunidade, na visão e divisão do trabalho (e o acesso aos produtos gerados), dentro da família ou na comunidade. Características que mostram para a sociedade sua força e organização política, evidenciadas na valorização da partilha, da solidariedade, da coletividade e do cuidado com a natureza na busca do viver melhor.

Intencionalmente, por muitos anos a população do meio rural, foi tratada com indiferença por parte da sociedade brasileira, sobretudo pelas elites e principalmente pelo Estado, ao não reconhecer os sujeitos do campo como cidadãos/sujeitos de direitos, dificultando o acesso às políticas públicas básicas para sua existência e permanência. Vale, porém, ressaltar as grandes conquistas nesta última década, a partir dos anos 2000, através de muitas lutas desses sujeitos que, na atualidade, podem afirmar que conquistaram finalmente, seu reconhecimento enquanto sujeitos (diversos) do campo, em movimento e na luta pela Terra e pela dignificação da vida e do trabalho como elemento propulsor. Para contribuir na compreensão de suas características marcantes, Carvalho (2005) nos fala que, na atualidade, o Brasil chegou a um nível de consciência e reconhecimento da diversidade de sujeitos **do** e **no** campo que podem ser caracterizados de camponeses:

[...] e que usufruem dos recursos naturais como os povos das florestas, os agroextrativistas, a recursagem, os ribeirinhos, os pescadores artesanais, os catadores de carangueijos e os lavradores, os castanheiros, as quebradeiras de coco babaçu, os açazeiros, os que usufruem dos fundos de pasto até os arrendatários não capitalistas, os parceiros, os foreiros e os que usufruem da terra por cessão; desde camponeses quilombolas a parcelas do povos indígenas já camponeizados; os serranos, os caboclos e os colonizadores, assim como os povos das fronteiras no sul do país e os assentamentos de reforma agrária (CARVALHO, 2005, p. 171).

Assim sendo reiteramos, que no vasto território brasileiro, há uma diversidade de sujeitos que vivem e trabalham no campo, com suas culturas e costumes. São estes os sujeitos que convivem na e com a natureza e querem continuar no campo, porém em condições dignas de moradia, infraestrutura (estradas, água, energia), com educação, saúde, lazer, posse e uso da terra, respeito às suas diversas formas de viver e trabalhar, aos seus sonhos e projetos presentes e futuros.

Mesmo considerando determinados avanços, filiamo-nos a Myrdal *apud* Shanin (1979, p. 371) quando alerta para a necessidade de que sejam feitos “esforços sérios em outras direções, um novo modelo de desenvolvimento, um novo projeto de sociedade camponesa, um planejamento que possa garantir uma reforma agrária efetiva”.

Vislumbra-se um horizonte em que o campesinato, tomando consciência de sua situação, se organize cada vez mais para transformá-la. Para isto, faz-se

necessária uma articulação consciente e consistente entre os saberes e poderes do campesinato na luta pela Reforma Agrária, na luta pela garantia dos seus direitos dando destaque para a importância de garantir a Educação em todos os níveis e modalidades para os povos do campo. Como afirma Arroyo (1999):

Quando dizemos Educação Básica do Campo estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas: pela ampliação do Direito à escolarização e à educação no campo; e pela construção de uma escola que não apenas esteja no campo, mas que sendo do campo seja uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos sociais do movimento do campo (ARROYO, 1999, p. 79).

Daí defendermos a singularidade e o caráter emancipatório da Educação Popular e da Educação do Campo, com a intencionalidade de desenvolver novas práticas, no sentido de se constituir um novo tecido social, considerando sua complexidade e respeitando sua diversidade, que contribua para transformar as relações sociais e de produção, que possa alterar as relações entre Estado e Sociedade (em suas micro e macro estruturas), que possa estimular novas formas do agir político dos diferentes sujeitos educativos, que vivem e trabalham no campo.

A defesa é de que essa escola que se deseja no campo, seja uma escola que estimule a construir a emancipação dos seres humanos e que, através dela, aprendam a reivindicar por seus direitos sociais, a se organizar para lutar por eles, garantindo uma vida digna no território camponês, para todos que ali lutam, sonham, produzem e reproduzem sua vida, seu trabalho, valores, práticas.

Além do recente reconhecimento da vasta diversidade camponesa no Brasil e especialmente em Pernambuco (indígenas, quilombolas, pescadores, assentados da reforma agrária, ribeirinhos, quebradeiras de coco, marisqueiras entre outros) pela política de Governo, fruto também de uma histórica luta de resistência que esses povos vêm desenvolvendo, não só no Brasil, mas em vários continentes e países da América Latina. A luta desses camponeses não é mais exclusivamente pela terra, trabalho e reconhecimento, vai além, é uma luta por seus diversos direitos, escola, saúde, moradia, trabalho, qualidade de vida, entre outros. Mas para consolidar processos de emancipação e autonomia, necessitam que suas escolas, no campo, sejam suas aliadas nessa luta de resistência e de formação crítica, além de espaço de organização e mobilização popular para intervenção em suas realidades. Por isso, apostamos nestas escolas para desenvolver uma prática pedagógica inspirada

na Educação Popular, com sua gama de processos educativos fortalecendo e reafirmando, ainda mais, a identidade e as características camponesas de resistência, autonomia e emancipação. Frente ao sistema econômico vigente, que busca permanentemente destruir essas características e transformá-los em meros consumidores dependentes, como fazem atualmente com a sociedade mundial.

Na busca do conceito de campesinato, reiterou-se que, mesmo havendo divergências de concepções e de práticas, o campesinato apresenta-se, de fato, como uma organização contra-hegemônica que planeja e organiza desde suas práticas cotidianas familiares, sua produção, circulação, os modos de pensar, viver e trabalhar, efetivando outro mundo possível. No qual têm destaque as relações humanizantes, o cuidado com o meio ambiente, a perspectiva da solidariedade, da partilha na busca do *Bem Viver*.

Essa concepção do *Bem Viver* tem como referência as novas constituições do Equador (2008) e Bolívia (2009) resultado do novo cenário político nesses países e a forte presença dos movimentos sociais em particular o protagonismo indígena. Segundo Gudynas (2011, p. 9), “o *Bem-Viver* é um conceito que serve para agrupar diversas posturas, [...] que coincidem no questionamento ao desenvolvimento atual e na procura de mudanças [...]”. Para o autor,

a construção do *Bem-Viver* implica em um duplo processo: por um lado, descolonizar o saber para desvencilhar-se da superioridade ocidental”. Por outro, respeitar a diversidade das demais culturas sem estabelecer hierarquia de uma sobre outra” (GUDYNAS, 2011, p. 10).

Essa visão tem sido incorporada ao discurso da política pública educacional, em particular nas diretrizes curriculares nacionais para Educação Indígena e Educação do Campo e Educação Quilombola. Existe na verdade um movimento em direção a esse modo de dizer sobre os povos da terra nos diferentes países da América Latina.

Essas perspectivas da Educação do Campo, Educação Popular e o Bem Viver em suas concepções sobre a vida, o conhecimento, e as relações humanas nos dão elementos para elaborarmos uma primeira compreensão de Emancipação: enquanto horizonte, perspectiva, busca permanente e exercício consciente, porém descontínuo, pois marcado por fragmentações e rupturas na busca de liberdade, de autonomia.

3.2 Educação do Campo e Emancipação

Uma breve revisão histórica pode nos apresentar um panorama do que vem sendo a luta pela consolidação da Educação do Campo e o que representa este Campo e a Educação para suas populações... No Encontro Unitário dos Povos, das florestas, das águas e do campo, realizado em 2012, elaborou-se um Manifesto com o intuito de registrar a história de luta e de construção da Educação do Campo:

A Educação do Campo nasceu das experiências de luta pelo direito à educação e por um projeto político pedagógico vinculado aos interesses da classe trabalhadora do campo, na sua diversidade de povos indígenas, povos da floresta, comunidades tradicionais e camponesas, quilombolas, agricultores familiares, assentados, acampados à espera de assentamento, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos e trabalhadores assalariados rurais. Ela teve como ponto de partida o I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – I ENERA, em 1997, e o seu batismo aconteceu na I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo realizada em Luziânia, GO, no ano de 1998, reafirmada nas lutas e em sua identidade nas diferentes ações desde então e envolvendo progressivamente um conjunto maior de organizações e entidades (Manifesto).

Ao mesmo tempo em que se fez uma análise da conjuntura, elaborou-se um conjunto de proposições, a fim de vislumbrar um futuro próximo e bem definido sobre as perspectivas e conquistas almejadas.

Atualmente, apesar dos vários debates e proposições que têm sido desenvolvidos, para a construção deste projeto, o qual vive um momento, segundo Munarim (2012) de *refluxo*, mesmo considerando ter avançado, nas concepções e ações, programas e políticas voltadas para a Educação do Campo, ainda há muito no que avançar. Em 2012, Fórum Nacional de Educação do Campo – FONEC realizou em Brasília o Seminário Nacional de Educação do Campo, para o qual foi produzido o documento: Notas para análise do momento atual da Educação do Campo, produzido pelo Fórum, a fim de trazer informações e críticas, onde consta:

O eixo principal do contexto de surgimento desta nova prática social foi a necessidade de lutas unitárias feitas pelos próprios trabalhadores e suas organizações por uma política pública de Educação do Campo que garantisse o direito das populações do campo à educação e que as experiências político-pedagógicas acumuladas por estes sujeitos fossem reconhecidas e legitimadas pelo sistema público nas suas esferas correspondentes. Mas exatamente pelos sujeitos envolvidos e a materialidade social que a

institui, a marca de origem da Educação do Campo e de seu projeto educativo foi sendo constituída pela tomada de posição nos confrontos entre concepções de agricultura, de projetos de campo, de educação e de lógica de formulação das políticas públicas. Costumamos dizer que é a própria existência destes confrontos que essencialmente define o que é a Educação do Campo e torna mais nítida sua configuração como fenômeno da realidade brasileira atual (Notas, 2012, p. 04).

De fato, nos últimos anos o que observamos é que em consequências das políticas públicas, temos um retrocesso em relação às conquistas iniciais e do ponto de vista legal. São exemplos: o fechamento de 31.203 escolas no meio rural, pois de acordo com o Censo Escolar do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), existiam 107.432 escolas no território rural em 2002, em 2011, o número desses estabelecimentos de ensino reduziu-se para 76.229 para nucleação na sede dos municípios e investindo no transporte escolar; a precarização dos contratos dos profissionais da educação; a descontinuidade das ações educativas; a fragilidade do controle social sobre as políticas públicas educacionais nesse âmbito; os recentes cortes de recursos e/ou de programas e as muitas audiências públicas para se discutir e propor acerca de políticas e programas, tais como: o Plano Nacional de Educação PNE (2011 - 2020), o Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO (2012), Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego- PRONATEC (2011).

A esses desafios acrescenta-se a problemática da formação de professores para Educação do Campo. Temos observado que a ausência de ação política que consolide as conquistas da Educação do Campo, do ponto de vista da legislação educacional. Essa ausência de uma ação política para a Educação do Campo repercute também, na ausência de uma política de formação de professores para esta modalidade educativa. Apesar da importância e necessidade do Decreto Nº 7.352, de 04 de novembro de 2010:

Art. 1º A política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto.

E atualmente, do PRONACAMPO (2012) que “ficou muito aquém e em alguma medida retrocede em relação às conquistas obtidas no plano legal e em

especial ao proposto pelo Decreto de 2010”, temos clareza que sua concretização ainda demandará muitas mudanças estruturais e conjunturais. Pois, como descrito abaixo:

No plano da política de educação para a população do campo, enquanto ação do Estado e dos governos, depois de um curto período de avanços desde os interesses sociais da classe trabalhadora do campo, a tendência atual é de retorno ao leito da “educação rural”, nos contornos das novas exigências da agricultura capitalista, nas suas relações com as grandes empresas transnacionais que cada vez mais a subordinam. Devemos prestar mais atenção às tendências de avanço da “educação corporativa” (Tiradentes, 2012), diretamente organizadas e conduzidas pelas empresas, ainda que com financiamento público. A previsão dos analistas é de que a hegemonia do agronegócio será relativamente longa, proporcionalmente às usas investidas desmedidas, que envolvem diferentes ferramentas e iniciativas, como vimos. Mas todo esse processo analisado até aqui não se dá sem contradições fundamentais e é o acirramento delas que nos permite perceber outras tendências possíveis para seu desenlace (Notas, 2012, p. 10).

Considerando ainda que o atual cenário da Educação do Campo provoca o desejo e a emergência de permanentes estudos, reflexões, intervenções, em suma, *práxis* que envolvam desde a formação de Educadores do Campo, à garantia do direito à Educação básica no campo (em todos os níveis e modalidades) com qualificação social e profissional e o acompanhamento e apoio às atividades produtivas (na perspectiva da Agroecologia) na busca da emancipação humana estimulada pela Educação Popular a qual, juntamente com Calado (1999), reiteramos, enquanto, “[...] uma perspectiva, uma metodologia, uma ferramenta de apreensão, compreensão, interpretação e intervenção propositiva, de produção e reinvenção de novas relações sociais e humanas” (CALADO, 1999, p. 17-37). Tendo a clareza de que, ainda hoje, “a história brasileira, mesmo aquela cultivada por alguns setores de esquerda, é uma história urbana - uma história dos que mandam e, particularmente, uma história dos que participam do pacto social [...] e não uma história dos trabalhadores e rebeldes” (MARTINS, 1995, p. 26).

Como reação a este aspecto vale destacar as lutas políticas dos Movimentos Sociais Populares aqui considerados enquanto “ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes camadas sociais, articuladas em certos cenários de conjuntura socioeconômica e política [...], criando um campo político de força social na sociedade civil” (GONH, 1997, p. 251), enquanto força motriz para a transformação social, fortemente defendida pela Educação Popular,

articulando as necessidades e perspectivas da emancipação humana com a Educação do Campo, ao que Caldart complementa:

[...] fundamentalmente pela *práxis* pedagógica dos movimentos sociais, que podem ajudar a revigorar a tradição de uma educação emancipatória, retomando questões antigas e formulando novas interrogações à política educacional e à teoria pedagógica. E faz isso, diga-se novamente, menos pelos ideais pedagógicos difundidos pelos seus diferentes sujeitos e mais pelas tensões/contradições que explicita/enfrenta no seu movimento de crítica material ao atual estado de coisas (CALDART, 2009, p. 42).

Trata-se aqui a Educação do Campo intrinsecamente ligada à Educação Popular, nela inspirada, por ela parida e que a ela retroalimenta. Nessa perspectiva, diante da nova conjuntura mundial, nacional e local, revela-se a importância de “contribuir não somente para o debate sobre os rumos históricos da Educação Popular e suas concepções metodológico-teóricas, mas também aprofundar a atualidade de sua relação com as diferentes expressões da educação” (IRELAND, 1995, p. 11).

Considerando, em sintonia com Souza (2007), que os MSP e suas práticas

[...] constituem um rico patrimônio pedagógico [...] do qual queremos conhecer os alcances e conteúdos teóricos produzidos nessas práticas e suas reflexões que supomos ser possível, por meio de sua identificação e reelaboração, configurar uma Pedagogia construída a partir desse chão histórico e dessas ações e reflexões com amplas possibilidades de interagir e dialogar com os movimentos que vêm se dando nesses tempos e continuarão a protagonizar processos de transformação cultural e das nossas relações com a natureza em todo o mundo na busca de ampliar as possibilidades da história humana, dos próprios grupos sociais e de cada indivíduo (SOUZA, 2007, p. 173).

Assim, também será necessário fortalecer, dentro das Universidades-sobretudo as públicas - as discussões da Educação do Campo. Associando-nos a Santos (2004) para quem a ecologia dos saberes é “algo que implica uma revolução epistemológica no seio da universidade. (Trata-se de) obrigar o conhecimento científico a se confrontar com outros conhecimentos para, assim, rebalancear aquilo que foi desequilibrado na primeira modernidade, a relação entre ciência e prática social” (SANTOS, 2004, p. 75).

Pois será na articulação desta relação que se possibilitará a experimentação, vivência, aplicação e crítica de determinados processos fundamentais para a Emancipação humana, reinvenção da vida e conseqüentemente do projeto de sociedade, de Humanidade.

É, de fato, uma construção, um processo de reconhecimento. Construção de novos conhecimentos que está sendo encarada por muitos intelectuais e populares como um processo de confronto de conhecimentos existentes (populares, científicos, religiosos, técnicos) no qual se dá uma reconhecimento que reelabora os significados anteriores e constrói coletivamente outros conhecimentos e também uma reinvenção, outra dimensão da ressocialização. Criam-se novas formas de fazer política e outras ações coletivas. Ressocializam-se (SOUZA, 2007, p. 105).

No sentido de que a transformação é necessária e é possível, mas que dependerá dos projetos de campo, de sociedade, de país, que se corporificam nas lutas pela terra, pelo trabalho, pela igualdade social, na diversidade e pela dignificação da vida dos povos do campo que ocupam e transformam estes territórios, lutando inclusive por uma revisão no projeto de reforma agrária, o cordão umbilical com seu vínculo de origem. Retomamos, para a reflexão, o pronunciamento das entidades presentes na elaboração do Parecer 36/2001 sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo:

[...] no sentido de se considerar o campo como espaço heterogêneo, destacando a diversidade econômica, em função do engajamento das famílias em atividades agrícolas e não agrícolas (pluriatividade), a presença dos fecundos movimentos sociais, a multiculturalidade, as demandas por educação básica e a dinâmica que se estabelece no campo a partir da convivência com os meios de comunicação e a cultura letrada. (BRASIL, 2001, p. 2)

Alertamos para o fato de ainda estar sendo negada (esta cultura letrada), o que representa mais uma maneira de manter, sob controle, as tensões, os conflitos, decorrentes de um modelo civilizatório que produz práticas sociais de abuso de poder. De correlação de forças que criam um cenário para camuflar a negação dos direitos justamente utilizando-se do discurso em defesa destes mesmos direitos que são “assegurados” perante a lei, são formais, mas não são reais para grande parte das populações do Campo por não terem acesso a eles. Por isto também o destaque para os Movimentos Sociais Populares (MSP) por estarem sempre na resistência e luta pela garantia de direitos, de espaços e de políticas públicas.

Além do reconhecimento das contribuições dos MSP na constituição da Educação do Campo e de seus ensinamentos sobre o sentido da luta e as estratégias participativas, afirmamos que as lutas pela educação vão para além da garantia por direitos e é parte da construção da cidadania. Movimentos sociais populares, que carregam suas bandeiras de luta pela educação, abrangem questões que podem ser tratadas tanto de conteúdo escolar quanto conteúdos da/para vida, tais como: gênero, etnia, cultura, meio ambiente, sistemas produtivos, vida com qualidade, paz, direitos humanos, Bem viver, entre tantos outros.

E é em busca da emancipação (individual e coletiva) que *seguimos la marcha* do Movimento Nacional de Educação do Campo, fortalecendo as lutas dos Movimentos Sociais Populares e revendo, permanentemente, o nosso projeto de campo e de sociedade, local e global.

4. PODERES ASSOCIADOS E OS DESAFIOS DAS PRÁTICAS EMANCIPANTES: ANÁLISES E INCONCLUSÕES

A emancipação dos trabalhadores será obra dos
próprios trabalhadores (Marx).

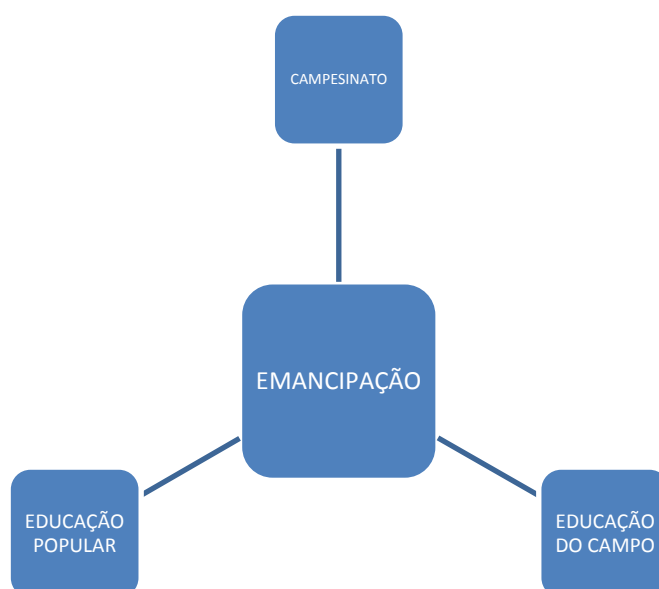
Neste capítulo elaboramos uma análise acerca dos **‘Poderes Associados’**: **Argumentativo, Organizativo e Interventor**, em diálogo permanente, com as experiências pesquisadas e a perspectiva emancipatória. Está dividido em duas seções. Na primeira faremos uma análise a partir das experiências dos sujeitos partícipes e seus desafios para a construção dos Poderes Associados, em diálogo entre si e com as categorias que emergiram e foram recorrentes na entrevista coletiva e no grupo focal. Na segunda seção refletimos sobre como os poderes associados se consolidam e se desafiam nos modos de dizer e nas práticas dos sujeitos pesquisados, na perspectiva da emancipação articulando aos referenciais teóricos e informações que nos permitem complexificar as análises.

A análise desenvolvida a seguir tem as referências dadas por Bardin (2009), nesse sentido, consideramos os diversos passos desde a pré-análise, que em nosso estudo significou a leitura flutuante do *corpus* advindo das transcrições da entrevista coletiva com educadores e do grupo focal com educandos. Essa leitura, como anuncia Bardin (2009), vai se tornando mais precisa, em função da articulação e interpretação das categorias temáticas- na nossa análise nomeamos de ideia força- que emergem desse *corpus*. Em seguida, esse *corpus* foi desmembrado em pequenas unidades, é um método bastante simples, que permitirá constituir as categorias reagrupadas por analogia. A esse processo a autora chama de categorização, para ela, “entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (BARDIN, 2009, p. 199). Neste trabalho consistiu em fazer uma síntese dos elementos significantes e/ou recorrentes, onde foi registrada a materialidade dos discursos, através de sequências conforme os modos de dizer dos participantes. Buscamos extrair as ideias força da materialidade das falas e a elas atribuímos comentários como exercício inicial de síntese para as análises.

De acordo com Creswel (2010, p. 42), uma abordagem qualitativa, pode contribuir de diferentes formas com os processos e sujeitos pesquisados, permitindo ao pesquisador fazer interpretações, colaborar com a avaliação das experiências e potencialmente, criar uma agenda para animar as mudanças futuras, proporcionando um chamado à ação.

Retomamos aqui a reflexão do capítulo anterior quando desenvolvemos uma articulação sobre as noções orientadoras da pesquisa, seus conceitos chave, num exercício de dar visualidade às ideias construídas e compartilhadas.

Figura 6 - Noções orientadoras



Fonte: Organograma elaborado pela pesquisadora.

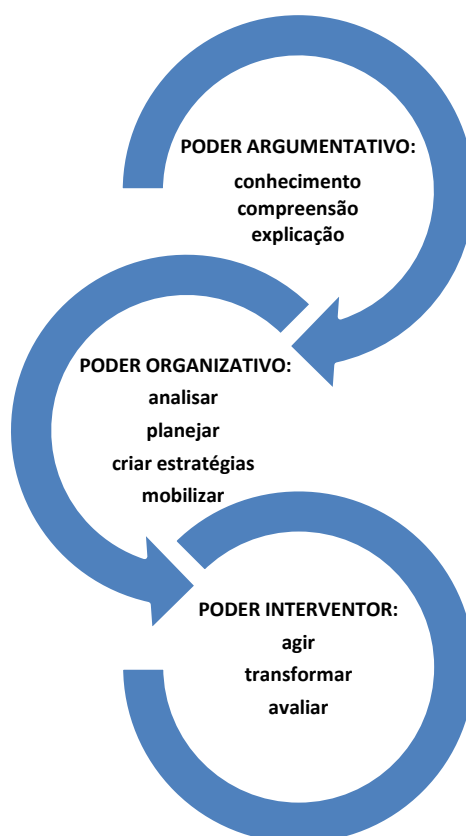
Na busca pela Emancipação, o Campesinato tem enfrentado diferentes e diversos desafios, nesta marcha, a Educação do Campo, inspirada e parida pela Educação Popular e que a ela retroalimenta, tem sido peça chave para tal construção. A Emancipação hoje vista com suas ambiguidades em múltiplos processos de rupturas e reinvenções. Sendo assim, para ir revendo este conceito central e objeto de nossa pesquisa, articulamo-lo à ideia dos Poderes Associados.

O **poder Argumentativo** está imbricado na reconhecimento e os **poderes Organizativo e Interventor** na reinvenção, ainda assim, vale destacar suas articulações e relações visíveis e invisíveis. Defendemos aqui que, no envolvimento, fortalecimento desses poderes vai sendo reinventada a Emancipação humana,

motivada por vontades e sonhos, concretizada em lutas e projetos comuns e tornada prática nos modos e relações de trabalho, de cultura que vão sendo cotidianamente reproduzidas ou recriadas nas contradições mesmo da vida.

Consideramos aqui, como categorias temáticas, os **poderes associados: argumentativo, organizativo e interventor**. Sendo estes, elementos fundamentais e complementares na busca pela emancipação. Revendo-nos, mergulhando em nossas realidades concretas, com o olhar crítico e sensível, questionar-nos sobre: quem somos e para onde vamos? E poder, assim, irmos nos reinventando Sujeitos de Resistência, de Luta e de Transformação. A figura abaixo sintetiza as principais características dos Poderes Associados e como se articulam.

Figura 7 - Categorias Temáticas: Poderes Associados



Fonte: Organograma elaborado pela pesquisadora.

O **Poder Argumentativo** exige a produção e apropriação de conhecimentos, a competência de, compreendendo, poder explicar determinados fenômenos, processos, relações, etc. Para tanto, estudos e pesquisas se tornam fundamentais, nos quais educadores e educandos desafiam-se, permanentemente, a *saber mais*, a desenvolver suas sabedorias.

Mas, como nos instiga Molina (2002, p. 38) “é preciso se desafiar a transformar o conhecimento em ação”. E para que as ações planejadas materializem-se, será fundamental desenvolver, fortalecer o **Poder Organizativo** e com ele ter as condições de analisar, planejar, criar estratégias, projetar o futuro, mobilizar para que aconteça a intervenção.

O **Poder Interventor** está umbilicalmente ligado à ação transformadora, à capacidade de colocar em prática as estratégias, assumindo e dividindo responsabilidades, avaliando os processos e resultados. Será essencialmente transformador. Qual o poder de transformação que carrega minha/nossa intervenção? Poder este enraizado no desejo de *ser mais* humano, mais feliz, no seu território, com suas identidades, práticas sociais e projetos de futuro, dispostos e melhor preparados para enfrentar os problemas estudados ou vivenciados coletivamente.

Travamos um diálogo entre os Poderes Associados e as categorias que emergiram na análise da entrevista coletiva e do grupo focal, tais como: Escola, Identidade, Comunidade, Movimento, Participação, Mudança, que se tornaram essenciais para compreendê-los, questioná-los, articulá-los.

4.1 As experiências, seus desafios e a construção dos Poderes Associados.

O **Sítio dos Mendes** está localizado no município de Quixaba e é coordenado pela FETAPE, foi nesta comunidade que realizamos a entrevista coletiva (EC) e o Grupo Focal (GF). Durante a execução do Programa PJC-ST, as aulas aconteciam na Associação Rural dos Mendes.

Imagem 8 - Local das aulas do Sítio Mendes



Fonte: Horasa Andrade

Apresentamos, a seguir, algumas características da turma segundo o relatório da Coordenadora da área de Ciências Agrárias, no Curso de Aperfeiçoamento, Horasa Andrade:

Chamou muita atenção a motivação dos educadores em apresentar o trabalho desenvolvido. O grupo de educadores mostrou-se bastante animado e a turma era bastante participativa. Falaram sobre a evolução de seu processo de aprendizagem, a organização coletiva do grupo, inclusive para a merenda e os projetos que vinham desenvolvendo.

A matrícula inicial desta turma perfaz um total de 25 educandos. No período do acompanhamento, havia 16 alunos presentes, sendo destes, 4 homens e 12 mulheres. Fato interessante de mencionar sobre as turmas onde predomina o gênero feminino é a presença forte de crianças nas aulas, o que na fala das educandas explicitaram como fundamental o apoio que recebem das educadoras do Programa Projovem Campo, bem como a oportunidade e compreensão que têm das educadoras que, inclusive chegam em alguns momentos a cuidar destas crianças. Os educadores justificam a evasão devido ao corte de cana em São Paulo que acaba levando os alunos para longe de suas terras.

Este foi um dos elementos decisivos no período da escolha do GF, pois os pequenos agricultores desta comunidade ficavam seis meses em suas terras produzindo, basicamente, milho e feijão e os outros seis meses, de estiagem, em outros municípios da Zona da Mata pernambucana, em São Paulo ou Rio de Janeiro, para trabalhar no corte da cana e assim garantir a sobrevivência de suas famílias. A educadora de Ciências Humanas nos relatou:

[...] eles passavam seis meses aqui na comunidade e seis meses fora, trabalhando pra sobreviver, no período das secas, iam pros cortes da cana, pras grandes capitais pra sobreviver... e com o Programa, com toda essa formação, com todos esses acompanhamentos, que não foi um processo fácil, por isso as amizades construídas dentro do campo, as amizades construídas com a turma... houve uma quebra dessa visão que eles podem viver aqui e podem viver bem! Então, pra gente foi uma descoberta grandiosa, mas para os nossos alunos foi maior ainda (Educadora Adiene).

A Entrevista Coletiva com os educadores e o Grupo Focal com os educandos aconteceram separadamente. Iniciamos com a EC, no local onde eram realizadas as aulas do Programa, em seguida fizemos uma caminhada pela comunidade, já com a participação de educandos, onde pudemos visitar seus quintais com pequenas

hortas e árvores frutíferas, o criatório coletivo (atualmente com poucas galinhas por conta de uma 'praga' que surgiu), as cisternas de blocos e uma cisterna calçadão.

Imagens 9, 10 e 11 - Criação de galinhas, de porcos e das hortas dos educandos



Fonte: Arquivo pessoal

Finalmente, visitamos a casa de Seu Sebastião Edson e Dona Valdeane Mariano da Silva; ampla, arejada, com cerâmica em todos os cômodos, muito bem organizada, orgulho de seu Sebastião que a construiu com as próprias mãos. Ali, realizamos o GF com educandos diretamente envolvidos no Projeto de Intervenção. Para os quais pareceu fundamental fazer relatos de suas histórias de vida:

Pra mim foi muito bom esta **escola** ter surgido, porque tive muitas dificuldades na vida, antes de casar, na minha infância, não tive a oportunidade pra estudar, sempre ajudava meus pais na roça, [...] depois dos 19 anos é que comecei a estudar. Em outras cidades... Nas cidades grandes. Eu tive que me deslocar daqui pra outra cidade, em busca de algum objetivo, da nossa sobrevivência. Que aqui a situação era muito difícil... O nordeste, semiárido é muito seco, a gente sofre muito com isso... Pra mim mudou muita coisa, eu fui seis viagens no Rio de Janeiro, trabalhar lá e duas pra São Paulo. Durante todo esse tempo que eu viajei, trabalhei muito e nunca arrumei nada pra mim. E depois, **através dessa escola minha vida mudou completamente...** Hoje, graças a Deus, a gente vive no sossego, a última vez que eu vim do RJ, casei, morei aqui numa casa bem pequenininha, passei dois anos e a porta da casa era flecha de agave, o chão não tinha nada... **Depois que comecei a estudar, comecei a conhecer**, porque quando a gente é analfabeto a gente não tem conhecimento não.... Tudo que acontece, principalmente o negócio público a gente não conhece nossos direitos, não sabe cobrar nossos direitos. Através da escola a gente vai adquirindo conhecimento (Educando Sebastião Edson).

E mesmo diante de todos os desafios relatados, os educandos articulam, inexoravelmente, a escola aos processos de mudanças em suas vidas, o que aponta na mesma direção que indica Baptista (2003):

É que, apesar dessas limitações, se começa a acreditar que esse papel exercido pela escola até agora pode ser revertido; que existem experiências bem sucedidas nesse campo e que essa questão está começando a ser pauta da agenda, não só do movimento sindical rural, como de todos os que querem construir a sustentabilidade do desenvolvimento. Não se trata de uma ingenuidade pedagógica de esperar da escola o que ela não pode dar, mas de redesenhar um outro papel para as sociedades que querem optar por outro modelo de desenvolvimento, diferente do que nos tem sido proporcionado (BAPISTA, 2003, p. 19).

Com as ações desenvolvidas durante o Programa puderam transformar sua realidade, realizaram diversas oficinas, estudaram formas de diversificar a produção, organizaram criatórios coletivos, para consumo e comercialização, acessaram o Programa das Cisternas (P1MC), numa articulação entre sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Conselho de Desenvolvimento Rural, entre outras tantas mudanças. Acessar as cisternas permitiu-lhes ter uma produção de alimentos para o consumo local durante o ano todo, além de estarem trabalhando em empreendimentos organizados por eles próprios como: criatórios de porcos, construção civil, trabalhos manuais, etc. E assim atualmente se mantêm em suas terras, produzindo, estudando, felizes e com o desejo de permanecer no Campo. Sentimento muito diferente do que tinham antes, como nos conta o educando Roberval:

Antes desse Saberes da Terra vir *praqui*, a gente não sabia de praticamente nada. [...] Através do **Saberes da Terra mudou muito a vida da gente**, muito mesmo. **A gente trabalhava pros outros**, lascado... **Dependendo dos outros**... Saía de casa duas horas da tarde e voltava no outro dia, à noite, trabalhando pros outros. E quando veio o projetozinho, a gente começou trabalhando com as galinhas, [...] a gente já tá bem sucedido. **Mudou muito que eu num tô trabalhando pra ninguém, trabalho pra mim mesmo!** Quero investir mais ainda, e não depender de ninguém, depender de mim mesmo... Trabalhava muito durante o dia todo, agora é sossego... (Roberval Mariano).

Em sintonia com Souza (1999) entendemos que

Os trabalhadores só vão conseguir dizer a sua palavra na medida em que adquirirem poder através da organização. Poder pela riqueza ou pela capacidade de produzi-la; pela transgressão da ordem prevalecente ou da influência política. Uma ação que poderá ir efetivando seus direitos de cidadania política como garantia inclusive da social, e não apenas cívica. Segundo o discurso recorrente dos entrevistados, o poder expressa o ser e o ser se afirma pelo ter (riqueza ou capacidade organizativa). A luta por esta dupla afirmação é a ação política (SOUZA, 1999, p. 115).

Por isso a valorização das falas e modos de dizer dos entrevistados, considerando que as mesmas estão carregadas da experiência - individual e coletiva - dos sujeitos, trazem, além de suas objetividades, compreensões, avaliações das experiências, as subjetividades inerentes a esses processos.

A seguir, apresentamos um quadro síntese, com os Poderes Associados: Argumentativo, Organizativo e Interventor, as ideias força mais recorrentes, suas evidências, através da materialidade das falas de educadores e educandos e os respectivos comentários interpretativos para ir sistematizando a análise. As transcrições da entrevista coletiva e do grupo focal encontram-se na íntegra no Apêndice desta dissertação.

Na EC estavam presentes os educadores:

1. **Adiene Josefa Fernandes de Medeiros (Ciências Humanas)**
2. **Ênio Ricardo Andrade de Medeiros (Ciências Agrárias)**
3. **Josefa Claudete da Silva (Ciências Naturais)**

Quadro síntese de conteúdos da entrevista coletiva com educadores a partir do referencial: Poderes Associados

PODERES ASSOCIADOS AGRUPAMENTOS E INTERPRETAÇÕES		
IDEIAS FORÇA	MATERIALIDADE DAS FALAS DOS EDUCADORES E EDUCADORAS	COMENTÁRIOS
PODER ARGUMENTATIVO		
IDENTIDADE ESCOLARIZAÇÃO QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS	• “Foi muito gratificante porque me ajudou profissionalmente, hoje eu tenho uma visão diferente, se eu já tinha uma visão boa do campo, porque sempre fui do campo, agricultor, hoje eu tenho uma visão muito melhor ainda, e, eu vejo que a gente tendo a oportunidade de estar mais ali ligado ao campo a gente pode modificar cada vez mais, em relação à vida como também à sociedade por completo”; • “Porque nesta educação envolvia a parte que era de Ciências Agrárias, em relação aos trabalhos que foram desenvolvidos, são fundamentais porque trouxe pra eles a questão da cultura que eles trabalhavam e como deviam trabalhar. [...] a gente procurava trazer alguma tecnologia que venha a buscar a melhoria da qualidade de vida deles”; • “Esses projetos do Pronaf, que a gente chama de <i>pronafianos</i>, eles já colocam pra que é, quem faz as planilhas são os Bancos. [...] É um modelo de uma planilha que não se adequa a realidade dessa região”;	• A qualificação profissional dos educadores contribuiu com as mudanças de visão sobre o Campo; • Argumentaram sobre a importância das Ciências Agrárias no processo de escolarização de agricultores familiares; • Crítica à inadequação das políticas para a Agricultura Familiar

PODER ORGANIZATIVO		
IDENTIDADE COMUNIDADE PARTICIPAÇÃO	• “A gente teve que estudar a comunidade e ver o que era possível de se fazer, daí foi proposto diversas situações, nesses diversos caminhos, eles escolheram esse, num foi um momento fácil”; • “Ao chegar pra trabalhar com eles no Sindicato dos Trabalhadores rurais a cada dia mais isso vem aumentando, o interesse de estar trabalhando com o agricultor, o interesse de estar buscando os direitos para o agricultor”;	• Os educadores envolveram-se com a comunidade, passaram a conhecer melhor e assim poder contribuir com as mudanças necessárias; • A participação política contribui na formação e organização de educadores, que também passam a ser mobilizadores de mudanças;
PODER INTERVENTOR		
QUEBRA DE PARADIGMA AÇÃO COLETIVA TRABALHO MUDANÇA SENTIMENTO DE PERTENÇA	• “Houve uma quebra de visão, de paradigma”; • “Eu sou filho de agricultores, já vivia no campo e a primeira vez que eu fui trabalhar, eu terminei a minha formação, o meu primeiro emprego foi trabalhar justamente com a Educação do Campo. • “O Projovem - Saberes da Terra ele mudou essa concepção, ele fez com que a gente percebesse que no campo também tinha vida, que no campo também se construía, que no campo também se vivia com qualidade, que no campo a gente não só se sobrevivia, a gente vivia e vivia bem”; • “E a gente vê a realidade que tem mudado. Eles não tão mais saindo do campo, mas estão aqui no campo e estão sobrevivendo do que eles trabalham, eles não precisam mais sair, deixar os seus filhos as suas esposas, como muitas vezes eles saiam... mas estão aqui sobrevivendo com as suas famílias”; • “E nos ajudou a construir uma nova educação, ajudou e ajudou bastante, hoje a concepção que eu tenho do campo, mesmo sendo filha de agricultor, não é a mesma que eu tinha em 2006, quando comecei com o Projovem, o Saberes da Terra. Foi uma mudança”;	• Educadores e educandos alteraram suas percepções sobre o Campo e suas possibilidades de vida e de trabalho; • A formação proporcionou uma transcendência, mas escolheu permanecer no Campo evidenciando um sentimento de pertença; • A permanência no Campo tornou-se uma escolha, diferente da falta de opção; • Mudança de paradigma sobre o Campo;

Na realização do GF estavam presentes os educandos: Jakeline Estevão de Souza, Roberval Mariano de Souza, Sebastião Edson F. da Silva, Roseni Maria do Nascimento de Souza, Arnaldo Mariano de Souza e Valdeane Mariano da Silva

Quadro síntese de conteúdos do GF com educandos partir do referencial: Poderes Associados

PODERES ASSOCIADOS AGRUPAMENTOS E INTERPRETAÇÕES		
IDEIAS FORÇA	MATERIALIDADE DAS FALAS DOS EDUCANDOS E EDUCANDAS	COMENTÁRIOS
PODER ARGUMENTATIVO		
IDENTIDADE (afirmação do sujeito) ESCOLARIZAÇÃO PROFISSIONALIZAÇÃO TRANSCENDÊNCIA (sonho possível)	• “Comecei a estudar, comecei a conhecer [...] principalmente o negócio público a gente não conhece nossos direitos, não sabe cobrar nossos direitos.” • “Mudou muito a vida, (...) a gente trabalhava pros outros”; • “Num sabia nem as quatro operações e na área que eu comecei a trabalhar exigia muita matemática, quando terminei a oitava fiquei pronto nas quatro operações”; • “Mudou muito que eu num tô trabalhando pra ninguém, trabalho pra mim mesmo [...] agora é só sossego”; • “[...] logo após fui terminar em Quixaba o 2º grau, dei continuidade e isso foi muito importante pra mim”; • “a vida da gente mudou uns 75%, eu sou um exemplo disso, antigamente não tinha nada na vida, num sonhava com nada, num tinha um objetivo”; • “O grupo de mulheres é bom por isso, a mulher começa a entender seus direitos, não que ela venha a perder o respeito, mas precisa procurar seu espaço também”;	• Estudos sobre Políticas Públicas e direitos deu-lhes mais elementos para lutar por seus direitos. • Foi fundamental a reflexão sobre o modelo de desenvolvimento e as possibilidades locais; • Relacionam os processos de mudanças com a participação na escola; • Fortalecimento do vínculo de pertença; • Mantiveram-se no movimento de elevação da escolaridade; • Conseguiram alterar aspectos da lógica de seus processos produtivos; • Argumentam sobre sentirem-se bem, felizes, realizados e estimulados a seguir lutando. • As mulheres compreenderam a importância de se organizarem, participarem e conquistarem seu espaço;
PODER ORGANIZATIVO		
IDENTIDADE COMUNIDADE (ação coletiva) PARTICIPAÇÃO ORGANIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS	• “Comecei a construir essa casinha e aprendi a profissão de pedreiro [...] depois dessa escola, aprendi de tudo. Hoje eu desenrolo isso, trabalho mais nessa área, pego plantas e mais plantas, é cada planta mais enrolada e eu vou lá e desenrolo”; • “Se juntou todo mundo e organizamos a criação de galinhas”; • “Estudar possibilidades, porque nosso objetivo é tirar nossa sobrevivência daqui, [...] com esse criatório dá pra todo mundo viver aqui e se manter tranquilo, movimentar e vender”; • “Partimos para outras coisas, eu parti pra área de construção, ele partiu pra criação de porco”; • “Agora com esse Programa do governo tá implantando essas cisternas calçadão, que dá pra fazer plantio de horta, criar galinha, criar outros animais... Tá melhorando mais pra essas famílias”;	• “As aprendizagens escolares sendo utilizadas na vida e no trabalho”; • Estudaram a possibilidade da diversificação produtiva e investiram na ideia; • Discussão coletiva sobre os problemas; • Planejamento de estratégias para alterar os modos de produção e poderem se manter na localidade; • Estudar e acessar Políticas Públicas e Programas deu-lhes condições de se organizarem e acessarem o Programa;

PODER INTERVENTOR		
IDENTIDADE AÇÃO COLETIVA TRABALHO PARTICIPAÇÃO MUDANÇA SENTIMENTO DE PERTENÇA (desejo de permanência)	• “Mudou muito (...) que hoje trabalho pra mim mesmo”; • “Comecei a construir, aprendi a profissão de pedreiro”; • Participo da reunião do sindicato e do grupo das mulheres que nós temos, vamos ficar se reunindo uma vez por mês aqui na comunidade”; • “Fizemos a cisterna, tô fazendo o plantio”; • “Aprenderam até a trabalhar com argila, costurando, fazendo crochê, aprenderam tudo no Saberes da Terra, inclusive até venderam umas pecinhas”; • “Fizemos o curso, recebemos o certificado. Pra trabalhar com argila, cerâmica, com barro... Que aqui é um lugar que um tempo pra trás existia as paneleiras”; • “A escola trouxe muitos benefícios pra comunidade, veio muito conhecimento, os projetos, pessoas de fora vieram conhecer a comunidade, através do Projovem a gente ficou conhecido na cidade do Recife, no Ceará. Até em Brasília que a gente fez um relato, um histórico dos Mendes”.	• Conseguiram alterar a lógica produtiva local; • Experimentaram diferentes possibilidades de ação; • Indicaram mudanças na participação política das mulheres; • Acessaram Programas e estão garantindo a produção para o consumo da família; • Através da escola, passaram a experimentar outras opções para diversificação da produção local; • Afirmam sentirem-se felizes e com desejo de permanecer na comunidade, fortalecendo o sentimento de pertença; • O reconhecimento da Comunidade parece fortalecer a auto afirmação dos sujeitos;

Para a coleta de dados, o momento de realização da EC e do GF, decidimos fazer escutas separadas no intuito de preservar os espaços de poder dos diversos sujeitos, onde puderam evidenciar suas peculiaridades, seus modos de dizer e as especificidades de suas práxis, a docente e a discente respectivamente. Após analisar as falas separadamente, realizamos uma aproximação entre elas pois, apesar de terem sido escutas distintas, tratam de uma mesma vivência coletiva.

Entendemos que é na construção do diálogo, este, possivelmente, marcado por conflitos sócio cognitivos, Souza (2000) que será estimulada a criação das condições (materiais e simbólicas) para se desenvolverem práticas ‘emancipantes’, vinculadas à perspectiva defendida por Caldart (2004) de estar em movimento, resistindo na luta, transformando-se e transformando realidades.

Sendo assim, em um segundo movimento, reunimos as falas de educadores e educandos pelas três ideias força, que a nosso ver estiveram em evidência nos diferentes modos de dizer e nas diferentes visões e sentimentos sobre suas experiências. Assim pudemos identificar aproximações e convergências entre as práxis docente e discente, destacando a práxis humana pela busca da emancipação.

Quadro síntese de aproximações e convergências das falas de educadores e educandos a partir das ideias força

APROXIMAÇÕES E CONVERGÊNCIAS DAS FALAS DE EDUCADORES E EDUCANDOS	
IDEIA FORÇA	COMENTÁRIOS
IDENTIDADE	
• “(...) sempre fui do campo, agricultor, hoje eu tenho uma visão muito melhor ainda, e, eu vejo que a gente tendo a oportunidade de estar mais ali ligado ao campo a gente pode modificar cada vez mais, em relação à vida como também à sociedade por completo”; • “Houve uma quebra de visão, de paradigma”; • “Eu sou filho de agricultores, já vivia no campo, (...) eu terminei a minha formação e o meu primeiro emprego foi trabalhar justamente com a Educação do Campo”; • “O grupo de mulheres é bom por isso, a mulher começa a entender seus direitos, não que ela venha a perder o respeito, mas precisa procurar seu espaço também”; • “Fizemos o curso, recebemos o certificado. Pra trabalhar com argila, cerâmica, com barro... Que aqui é um lugar que um tempo pra trás existia as paneleiras”; • “A escola trouxe muitos benefícios pra comunidade, veio muito conhecimento, os projetos, pessoas de fora vieram conhecer a comunidade, através do Projovem a gente ficou conhecido na cidade do Recife, no Ceará. Até em Brasília que a gente fez um relato, um histórico dos Mendes”.	SENTIMENTO DE PERTENÇA AUTOAFIRMAÇÃO MUDANÇA DE PARADIGMA DESEJO DE PERMANÊNCIA PARTICIPAÇÃO FORTALECENDO A IDENTIDADE RECUPERANDO A HISTÓRIA DA COMUNIDADE E SE FORTALECENDO RECONHECIMENTO
COMUNIDADE	
• “A gente teve que estudar a comunidade e ver o que era possível de se fazer”; • “Eles não tão mais saindo do campo, mas estão aqui no campo e estão sobrevivendo do que eles trabalham, eles não precisam mais sair (...)” • “Se juntou todo mundo e organizamos a criação de galinhas”; • “Estudar possibilidades, porque nosso objetivo é tirar nossa sobrevivência daqui, [...] com esse criatório dá pra todo mundo viver aqui e se manter tranquilo, movimentar e vender”; • “A escola trouxe muitos benefícios pra comunidade, veio muito conhecimento, os projetos, • “Participo da reunião do sindicato e do grupo das mulheres que nós temos, vamos ficar se reunindo uma vez por mês aqui na comunidade”;	NECESSIDADE DE CONHECER PARA PODER INTERVIR PERMANÊNCIA ORGANIZAÇÃO DE AÇÕES COLETIVAS VALORIZAÇÃO DA COMUNIDADE PROMOÇÃO DA PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE POSITIVIDADE DA AÇÃO COLETIVA
MUDANÇA	
• “O Projovem - Saberes da Terra ele mudou essa concepção, ele fez com que a gente percebesse que no campo também tinha vida, que no campo também se construía, que no campo também se vivia com qualidade, que no campo a gente não só se sobrevivia, a gente vivia e vivia bem”; • “E a gente vê a realidade que tem mudado. Eles não tão mais saindo do campo, • “E nos ajudou a construir uma nova educação, ajudou e ajudou bastante, hoje a concepção que eu tenho do campo, mesmo sendo filha de agricultor, não é a mesma que eu tinha em 2006, quando comecei com o Projovem, o Saberes da Terra. Foi uma mudança”; • “Comecei a estudar, comecei a conhecer [...] principalmente o negócio público a gente não conhece nossos direitos, não sabe cobrar nossos direitos.” • “Num sabia nem as quatro operações e na área que eu comecei a trabalhar exigia muita matemática, quando terminei a oitava fiquei pronto nas quatro operações”; • “Mudou muito que eu num tô trabalhando pra ninguém, trabalho pra mim mesmo [...] agora é só sossego”; • “Partimos para outras coisas, eu parti pra área de construção, ele partiu pra criação de porco”;	MUDANÇA DE PARADIGMA CRIARAM AS CONDIÇÕES DE PERMANÊNCIA CONSTRUÇÃO DE UMA ‘NOVA’ EDUCAÇÃO FORTALECIMENTO DO VÍNCULO COM A COMUNIDADE E ENTRE AS PESSOAS CONHECER SEUS DIREITOS PARA PODER ACESSÁ-LOS AUTONOMIA DIVERSIFICAÇÃO NA

• “Aprenderam até a trabalhar com argila, costurando, fazendo crochê, aprenderam tudo no Saberes da Terra, inclusive até venderam umas pecinhas”; • “a vida da gente mudou uns 75%, eu sou um exemplo disso, antigamente não tinha nada na vida, num sonhava com nada, num tinha um objetivo”; • A gente vivia estressado, de mal humor um com o outro, a vida era muito puxada, hoje não, a gente vive de bom humor, de bem com o outro.... Todo mundo é colega, se reúne, conversa, mudou muito... é muito gostoso...	PRODUÇÃO LOCAL BEM-ESTAR SENTIMENTO DE FELICIDADE
---	---

Estes quadros síntese nos permitiram visualizar elementos importantes para a análise das experiências traduzidas nos modos de dizer dos sujeitos partícipes e relatadas na perspectiva da emancipação, para isso evidenciamos algumas ideias força presentes e tecemos breves comentários, os quais serão retomados e aprofundados na seção que segue.

4.2 Os poderes associados se consolidam e se desafiam nas práticas emancipantes

Pudemos observar que, inicialmente, os educandos destacavam, regularmente, a partir dos relatos das suas histórias de vida, muitos sofrimentos e as dificuldades enfrentadas. Porém, com o desenrolar do GF, educandos e educadores, passam a avaliar as mudanças ocorridas em suas vidas, evidenciando conquistas e construções, o que interfere diretamente em suas identidades. Fortalecendo sua auto afirmação e o sentimento de pertença, de ser e estar no Campo e de trabalhar coletivamente para promover as transformações desejadas. Como anunciam as proposições da Educação do Campo enquanto

[...] um projeto de educação que reafirma como grande finalidade da ação educativa ajudar no desenvolvimento mais pleno do ser humano, na sua humanização e inserção crítica na dinâmica da sociedade de que faz parte; que compreende que os sujeitos se humanizam ou se desumanizam sob condições materiais e relações sociais determinadas; *que nos mesmos processos em que produzimos nossa existência nos produzimos como seres humanos*; que as práticas sociais, e entre elas especialmente as relações de trabalho, conformam (formam ou deformam) os sujeitos. É por isso que afirmamos que não há como verdadeiramente educar os sujeitos do campo sem transformar as circunstâncias sociais desumanizantes e sem prepara-los para ser os sujeitos destas transformações (CALDART, 2002, p. 32).

De fato, educadores e educandos quiseram destacar as mudanças ocorridas em suas vidas, no sentido da humanização, valorizando a escolarização

acompanhada da qualificação profissional e a busca pela garantia de direitos básicos à medida que iam sendo conquistados conseguiram, inclusive alterar as relações humanas entre os moradores da Comunidade. Muitos anunciaram um sentimento de felicidade, alegria, bem estar e sossego.

Todos destacaram a importância da escola, esta escola 'diferenciada', referindo-se, na verdade, não à escola (que na maioria das vezes funcionava numa Associação ou em uma das salas de escolas desativadas), mas à Educação do Campo. Confirmando que a escola funcionando dentro da comunidade ou do assentamento fortalece tanto seus sujeitos quanto seus espaços e suas lutas. Construindo relações da escola com seu chão, suas histórias, seu trabalho, sua comunidade, seu território. E nestes diferentes processos vivenciados, a escolarização (na perspectiva da Educação do Campo) tornou-se peça chave para esse quebra cabeças na busca da emancipação. Como vão anunciando seus educandos, a partir de suas realidades:

A escola quando vem pra dentro da comunidade é muito importante porque pra mulher, dona de casa, mãe de família, se fosse pra ir pra rua ia deixar muita preocupação pra trás... Aqui é outra coisa (Educanda Maria).

Casei cedo e não tive a chance de terminar os estudos, mas consegui terminar aqui e logo após fui terminar em Quixaba, o segundo grau... Dei continuidade e isso foi muito importante pra mim (Educanda Jakeline).

Foi depois dessa escola daqui, principalmente o Saberes da Terra, da quarta à oitava série, eu num sabia praticamente nada, nem as quatro operações da matemática num sabia, e na área que eu comecei a trabalhar exigia muito a matemática, quando terminei a oitava fiquei pronto nas quatro operações, sabia tudo direitinho e quando comecei agora o ensino médio, estudando já apareceram outras coisas, tô me movimentando com outras coisas, trabalhando com construção civil, onde exige muita, muita matemática. Se não fosse essa escola do Saberes da Terra eu não estava onde estou agora. Hoje eu sou um encarregado geral de obras, trabalho bem em cinco cidades, sou responsável por tudo... Onde eu comecei praticamente do zero, praticamente um analfabeto... Uma pessoa só com o segundo ano de estudo não sabe quase nada e hoje eu pretendo terminar meus estudos e ir em busca cada vez mais (Educando Sebastião Edson).

Permanecer em movimento, tanto nos processos de escolarização, quanto na participação das reuniões do sindicato, alimentou entre os educandos a possibilidade da mudança. Permitiu-lhes sentir na própria pele a sensação

libertadora da mudança, partindo da análise de problemas cotidianos, estudando-os, questionando-os, analisando e organizando diferentes estratégias para superá-los, colocando-as em prática, avaliando-as, sentiram-se sujeitos da transformação, transformando-se! Fortalecendo a ideia apresentada por Ribeiro (2010)

Apesar de enormes as dificuldades enfrentadas, as experiências de Educação do Campo põe em prática uma formação humana, articulando trabalho agrícola e educação escolar, o que não ocorre no modelo liberal em que escola e trabalho são separados (RIBEIRO, 2010, contra capa).

E essa perspectiva foi confirmada nos relatos dos educandos, que, elaborando uma retrovisão de suas histórias (individuais e coletivas), os sujeitos da reflexão, fortalecendo seus **poderes argumentativos**, conseguem avaliar os processos vivenciados, criticá-los e planejar projetos futuros:

Eu posso dizer que a vida da gente mudou uns 75%, isso eu posso dizer porque eu sou um exemplo disso.... Antigamente não tinha nada na vida, num sonhava em nada, trabalhava o dia todinho e não tinha nada, a noite comprava o de comer e se no outro dia não aparecesse nada, não tinha nada. Antigamente não sonhava em nada, não tinha objetivo nenhum. E hoje, graças a Deus, a gente foca nos nossos objetivo, tamos em busca, estamos estudando, com aquela força de vontade a gente alcança nossos objetivos (Sebastião Edson).

As mudanças anunciadas pelos educandos são, na maioria das vezes, relacionadas às conquistas de bens materiais ou à transcendência sócio política, porém indicam transformações nas maneiras de ver a vida, a sua realidade e a si próprios. Como relata Sebastião:

Foi eu, comecei aqui fiz uma casa bem miudinha, mas... um analfabeto, não sabia ler... muito pouco, não sabia escrever... Comecei a construir essa casinha e aprendi a profissão de pedreiro, aprendi a profissão de pedreiro, mas num sabia fazer cálculo, somar, chegasse uma pessoa pra pedir pra medir uma sala dessa, pra botar cerâmica eu num sabia... Porque a gente que é analfabeto num sabe... se tiver uma pessoa que mande vai, senão... se num tiver quem mande... Quer dizer o que?... Hoje graças a Deus, depois dessa escola, aprendi de tudo. Hoje eu desenrolo isso, trabalho mais nessa área, pego plantas e mais plantas, é cada planta mais enrolada e eu vou lá e desenrolo. E eu dou graças primeiramente a Deus e ao nosso Saberes da Terra que veio e eu estou aqui! (Sebastião Edson).

Em relação às mudanças ocorridas na comunidade: fortaleceram o vínculo de pertença e o desejo de estar se organizando para materializar seus projetos, refletir sobre suas experiências e envolver os demais moradores nesta luta. Pois será

mesmo na luta cotidiana que a identidade dos sujeitos da Educação do Campo irá sendo reinventada, e assim transformará seus espaços, como aponta Caldart (2002):

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento Por uma Educação do Campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2002, p. 26).

Consideramos elemento de suma importância da proposta pedagógica vivenciada na formação de educadores, associar ao processo de escolarização a elaboração e desenvolvimento de um Projeto de Intervenção - PI na comunidade. O qual, apesar de não ter acontecido em todas as turmas, proporcionou a muitos grupos experimentar, pela primeira vez, a organização de uma ação coletiva, pensando o sistema produtivo e toda sua cadeia: exercitando planejamento, divisão de responsabilidades, execução, avaliação dos processos e seus resultados. Que, na maioria das vezes, ou diversificou ou fortaleceu a produção local, a qual foi estimulada pelas potencialidades locais ou pelo desejo do grupo. Em vários casos a proposta partiu dos educadores, que necessitaram argumentar para convencer o grupo, que também precisou avaliar as possibilidades, os riscos.

É o que constatamos no registro do PI da Comunidade Mendes:

O objetivo principal do projeto de criação de galinha caipira é sensibilizar e capacitar a comunidade rural do sítio "Mendes" do município de Quixaba - PE para uma nova alternativa de geração de renda, fortalecimento e qualificação da agricultura familiar e da cadeia produtiva de criação de galinha caipira na localidade, contemplando as questões sociais, econômicas e ambientais contribuindo, o mesmo na promoção de uma economia solidária para um desenvolvimento local sustentável.

Como dito anteriormente a tomada de decisão, por parte dos educadores e educandos também representou práticas emancipatórias/emancipantes, pois exigiu análise das situações, o planejamento prévio, a avaliação dos riscos, a projeção do futuro, garantindo o exercício dos **poderes organizativo e interventor**. Nas suas reflexões, educadores e educandos destacaram seus sentimentos, a necessidade

de reconhecer suas realidades, estudar estratégias, planejar e avaliar os resultados, como anuncia Freire (2004, p. 29):

Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Segundo o educador Ênio:

A gente teve que estudar a comunidade e ver o que era possível de se fazer... Daí foi proposto diversas situações, nesses diversos caminhos, eles escolheram esse, num foi um momento fácil. Eles estavam iniciando com o dinheiro deles, era aquela incerteza... e aqui a comunidade eles viviam de passar seis meses aqui e seis meses no corte da cana, e o dinheiro que eles ganharam naquele corte de cana investir numa coisa incerta. Tanto pra eles quanto pra gente, foi uma questão complicada, não foi uma escolha fácil... foi uma tomada de decisão difícil. [...] Eles estavam deixando uma realidade pra trás e aderindo a uma nova situação. É claro que não era tão nova pra eles, porque eles já tinham essa visão de criação, como criava, mas eles criavam apenas pra sua subsistência, pro seu consumo e hoje não, eles criam, além de para seu consumo, pra revenda. E não ficou só na galinha caipira, [...] eles acordaram pra outras situações, como por exemplo pra criação de porcos, agora estão investindo em outras situações. [...] Esse foi o pontapé inicial, foi um leque que foi se abrindo pra várias outras situações depois (Educador Ênio).

E confirmado pelo educando:

Isso foi o incentivo do nosso professor, que era o técnico, que disse que era importante depois desses dois anos, deixar alguma coisa plantada através da escola. Ele citou algumas atividades, de cultivo, criação de cabra... Mas como aqui é uma comunidade muito seca, num tem onde perfurar poços, num tem barragem, tem esse problema da água, então pra horta já sabe que não podia dar certo, se juntou todo mundo e planejamos uma criação de galinhas. [...] Porque nosso objetivo é tirar nossa sobrevivência daqui que antigamente a gente só vivia nos corte de cana se deslocando, tem muitos daqui e com esses criatórios de galinha dá pra todo mundo viver aqui, se manter aqui tranquilo... Movimentar e vender (Sebastião Edson).

Com a doença que afetou a criação de galinhas, os educandos foram desafiados a buscar outras possibilidades, mas desta vez não optaram por sair da comunidade em busca de trabalho e sim pensar, a partir do seu território, quais as novas possibilidades e assim buscaram outras estratégias, como afirmam a seguir:

Paramos com a criação de galinhas, mas não paramos de todo, partimos pra outras coisas... eu parti pra área de construção, ele

partiu pra criação de porco, pra depois quando melhorar mais o tempo a gente voltar pra nossas atividades que é a criação de galinha, que eu gostei muito e todo final de semana a gente tava com um dinheirinho no bolso... e é uma vantagem muito grande (Educando Sebastião Edson).

Em relação à participação, foram várias as mudanças, especialmente para as mulheres da Comunidade Mendes, pois se tornaram protagonistas de suas histórias, interferiram na organização da produção local. Fator que tem estimulado a maioria delas a continuarem em movimento, desejando, inclusive, provocar a participação das que ainda não estão envolvidas:

Aprendi a ler que eu não sabia... Ter conhecimento mais com as coisas que eu não tinha. Participo da reunião do sindicato, que é o grupo das mulheres que nós temos, vamos ficar se reunindo uma vez por mês aqui na comunidade... Isso aí foi através da escola que a gente era 'recatado' e não tinha conhecimento de nada disso aí! Hoje o que melhorou mais pra mim foi essas cisternas calçadão, que aqui tinha muita dificuldade por água. Fizemos essa cisterna aí, tô fazendo os plantio, pro consumo de casa, isso tudo foi através da escola (Saberes da Terra) e vou terminar se Deus quiser, o EJA Campo, que eu estou estudando, eu era muito nervosa e sou ainda mas através dessa escola eu tô aprendendo muita coisa... (Valdeane Mariano da Silva).

Nos processos vivenciados durante a execução do Programa, algo que foi posto em evidência nos diferentes acompanhamentos pedagógicos, foi que através dos estudos dos eixos temáticos, da imersão que fizeram em suas comunidades, desenvolveram melhores condições para o conhecimento alguns de seus direitos e passar a lutar para acessá-los. Essa articulação entre estar participando de um coletivo, num processo de escolarização contextualizado, integrado à qualificação profissional, numa perspectiva de intervir nos processos locais, sem dúvidas gera mudanças que serão estimuladoras de outras mais, caso permaneçam neste movimento, neste 'círculo virtuoso'.

Além de criar novas alternativas para diversificação da produção local, estão recuperando elementos esquecidos da história da Comunidade.

Aprenderam até a trabalhar com argila, costurando, fazendo crochê, aprenderam a fazer tudo na escola, aprenderam tudo no Saberes da Terra, inclusive até venderam umas pecinhas (Educando Roberval).

Agora mesmo era pra gente produzir umas peças pra vender na cidade Quixaba, mas falta reunir o pessoal, saber se eles querem ir e organizar. Porque veio um curso de SENAC. Fizemos o curso, recebemos o certificado. Pra trabalhar com argila, cerâmica, com

barro... Que aqui é um lugar que um tempo pra trás existia as paneleiras. Aí as professoras articularam com o pessoal lá de Recife e elas vieram dar o curso, não só jarra como peça artesanal (Educanda Maria José).

Sobre o grupo de mulheres criado através do sindicato, após terem trabalhado o eixo temático Cidadania Organização Social e Políticas Públicas, apesar de ter sido uma sugestão do próprio sindicato, houve o envolvimento das mulheres da Comunidade Mendes, que estão se organizando, discutindo questões fundamentais para reinventar seus destinos. Se apropriando e fazendo uso dos poderes organizativos e interventores, como relatam as educandas:

Adiene, a professora de História, ela sempre falava disso pra nós, que a gente tem que se organizar, num podia parar, nem ficar sempre esperando pelos maridos ou dependendo deles. A mulher tem que batalhar e conseguir um seu cantinho pra progredir... E através dessa reunião nossa a gente vai debater os temas que a gente queira trabalhar, pra vir alguém debater com agente, organizar cursos ou vim algum recurso (Educanda Valdeane).

O grupo de mulheres é bom por isso, pra gente, a mulher começa a entender seus direitos, não que ela venha a perder o respeito, mas precisa procurar seu espaço também, ela merece o espaço dela, porque foi através dela que vieram os homens, então a gente num pode baixar a cabeça pros maridos da gente, nem pra ninguém... O que a gente quiser a gente consegue... Porque a gente tem força também... (Educanda Jakeline).

É que a gente tá fazendo a formação agora, sabe... inda num tá muito entendida. Foi iniciativa do sindicato... A gente sabe que pra trás a mulher era 'recatada', entendia que só o homem que podia fazer tudo. Mas hoje a gente sabe que num é só o homem que pode ser alguma coisa, ter alguma coisa na vida, a gente também pode. Hoje já tem a presidenta da Associação que já é um exemplo pra nós... E a gente vai pras reuniões e estão nos orientando e a gente vai fazer agora aqui no sítio. Eu sou a suplente, ela é a titular. E a gente pretende arrastar esse bando de mulher preguiçosa (Educanda Valdeane).

Ainda sobre a participação das mulheres da Comunidade Mendes, vale salientar que passaram a ter protagonismo em diversas situações, tais como: no sindicato, nas reuniões da Associação, na organização do grupo de Mulheres que funcionará na própria comunidade. Partindo do ato de aprender a ler e escrever, mergulhando em sua realidade, questionando suas práticas diárias, de trabalho, de lazer, enfim culturais e seus projetos futuros. Puderam acessar uma memória

coletiva do campesinato sobre o crescer juntos, do cuidado com o meio ambiente, com o princípio e a finalidade de ser mais e melhor juntos! E a Educação do Campo, é motivada e trabalha nesta direção e neste campo pleno de adversidades e também de possibilidades. Como afirma Arroyo (2004)

Quando situamos a educação como processo de transformação humana, de emancipação humana, percebemos quanto os valores do campo fazem parte da história da emancipação humana. Então, como a escola vai trabalhá-los? Será que a escola vai ignorá-los? [...] A questão é mais fundamental, é ir às raízes do campo e trabalhá-las, incorporá-las como uma herança coletiva que mobiliza e inspira lutas pela terra, pelos direitos, por um projeto democrático e que também pede educação (ARROYO, 2004, p. 80).

Os poderes associados articulam-se de forma circular, pois nestes processos será fundamental consolidar seu **poder argumentativo**, como exercício permanente de se posicionar, refletir, propor e também, e principalmente, exercitar este discurso na prática cotidiana.

[...] às vezes você **participa** de uma reunião e você num sabendo falar, fica calado, num sabe o que falar e às vezes num tá por dentro do assunto e você estudando fica aquela coisa de se abrir mais, de falar mais. Hoje, já tem o que falar, **já sabe se expressar**. Sou dona de casa, trabalho geralmente em casa cuidando do esposo, dos filhos, da casa das outras coisas que vem, hoje participo de reuniões também, a gente precisa ficar focada no assunto da reunião, pra mim foi maravilhoso (Educanda Jakeline).

Uma conquista muito importante para educadores e educandos, pois além de discutir sobre suas experiências, se propor a criar um grupo de mulheres onde podem estar discutindo o que fazer pra viver melhor, pra viver em comunidade, porque se a mulher se fortalece, ela não se fortalece sozinha, fortalece a sua família, a comunidade... Isso contribui com o crescimento de toda a comunidade, pois não é uma mulher sozinha e mesmo que seja um pequeno grupo, mas esse grupo não vive isolado... Se vivem em comunidade podem discutir essas coisas dentro de casa, repensar a criação dos filhos, a divisão das tarefas, as responsabilidades, nos sistemas produtivos locais, nos projetos futuros, e também na divisão da riqueza que é gerada, saber que o trabalho gera frutos e poder desfrutá-los é importante demais.

Esta participação tanto fortalece os indivíduos, quanto seus coletivos e suas comunidades, de acordo com Ribeiro (2010):

A *emancipação humana*, portanto pressupõe a existência de uma associação ou comunidade sob controle coletivo que possibilite

desenvolver-se a *liberdade* pessoal articulada à *liberdade* de todos e todas. Desta definição de *emancipação* a partir da *liberdade* emerge a questão da presença do Estado no processo de conquista da *emancipação humana* e de uma educação a ela associada. Não temos resposta à ela, pois, segundo Marx, a humanidade só enfrenta os problemas os quais é capaz de resolver (RIBEIRO, 2010, p. 288).

A capacidade/possibilidade de articular lutas é que dará a noção de **poderes associados**, articulando-se, associando-se para promover mudanças consistentes e crescentes entre todos os sujeitos envolvidos. Uma ação que será seguida de uma reflexão e que gere uma nova ação espera-se mais crítica e criativa:

A gente tem que aprender a tirar o próprio consumo da nossa própria terra! (Educando Roberval).

A escola trouxe muitos benefícios pra comunidade, veio muito conhecimento, os projetos, pessoas de fora vieram conhecer a comunidade, através do Projovem a gente ficou conhecido na cidade do Recife, no Ceará. Até em Brasília que a gente fez um relato, um histórico dos Mendes, uma pesquisa da história da comunidade, saber os primeiros moradores, quem foi que teve o primeiro rádio, uma televisão [...]. Pra gente a escola foi o pontapé inicial, foi muito importante pra mostrar que a comunidade tá viva e progredindo (Educanda Jakeline).

Porque nesta educação envolvia a parte que era de Ciências Agrárias, em relação aos trabalhos que foram desenvolvidos, acho que são fundamentais porque trouxe pra eles a questão da cultura que eles trabalhavam e como deviam trabalhar. Uma vez que eles já produziam no campo, mas às vezes a forma que eles produziam podia ser uma forma diferenciada, a gente procurava trazer alguma tecnologia que venha a buscar a melhoria da qualidade de vida deles (Educador Ênio).

Fazendo uma analogia com a Educação do Campo, enquanto construção social e histórica, pela garantia de direitos e de reconhecimento de suas especificidades, que também busca garantir sua intervenção em todos os níveis e modalidades, nos respectivos entes federados (municipais, estaduais e federais) e por isso mesmo, também construção política. Tanto no que se refere às responsabilidades, à garantia do acesso às ações, programas e recursos públicos, estes como incorporação de demandas. Oferta de Educação Básica em todos os níveis e modalidades, inclusive em nível superior, articulada a pesquisa e a qualificação social e profissional que respeite suas diversidades e territórios. Garantindo a participação em todas as etapas, desde as proposições ao

acompanhamento das ações através do controle social. Pois. Como nos recorda Carvalho (2004):

(...) os movimentos sociais chamaram para si as lutas específicas contra a discriminação de classe, gênero, idade, raça, etnia, sexo, religião e, enfim, das diferentes formas de exclusão social. Mas é fundamental que se diga, também, que há um processo de aproximação solidária desses movimentos no sentido de fortalecimento das lutas sociais e culturais que têm, de certa forma, resultado em uma forte pressão junto às instâncias econômicas e político-governamentais, no sentido da incorporação dessas lutas, principalmente na definição de políticas sociais (CARVALHO, 2004, p. 155-156).

Avaliamos ser fundamental fazer algumas costuras/conexões entre as experiências analisadas, na perspectiva da Emancipação e a Educação do Campo, enquanto Política Nacional, com seus Programas, ações e recursos públicos. Para isto, tomamos como documento base, as “Notas para análise do momento atual da Educação do Campo” (2012), que partem da própria legislação:

O Decreto 7.352/2010 anuncia através de seu “espírito da lei” Art. 1º que: A política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto (Notas, 2012, p. 14).

De acordo com o MEC, o Programa Nacional de Educação do Campo do governo federal, lançado em março de 2012, objetiva oferecer apoio técnico e financeiro aos estados, Distrito Federal e municípios para implementação de uma política nacional de Educação do Campo (Notas, 2012, p. 16).

Uma séria crítica feita ao PRONACAMPO é em relação ao seu formato, suas ausências e o que é posto em destaque, evidenciando um retrocesso na política e nas suas proposições. Para construirmos nossa análise foi necessário fazer algumas conexões e evidenciar certas contradições nesta construção, que passam hoje no Brasil pela relação entre trabalho e educação, de acordo com o momento atual da economia brasileira, com seus projetos de desenvolvimento e o papel do Estado; sobre o lugar do agronegócio na economia brasileira, a situação do trabalho dele decorrente e a lógica de formação profissional para os trabalhadores do campo e nesta contra corrente a resistência e produção:

(...) da agricultura de base familiar e camponesa na economia brasileira e situação do trabalho no campo; - organizações dos trabalhadores do campo, resistência, relação com o Estado,

demandas e lógica de formação profissional para a diversidade contemporânea dos trabalhadores camponeses; - disputa de concepções de educação na relação com a dinâmica da luta de classes no campo (Notas, 2012, p. 02).

Porém, não se podem negar os avanços nas lutas pela ampliação da Educação do Campo,

embora representem novos territórios conquistados, não podem ser analisados sem que se considere simultaneamente o fato de enfrentarmos problemas extremamente graves na perda dos direitos dos sujeitos do campo, ou seja, o avanço na garantia do direito à educação deve se dar vinculado à garantia do direito à terra, ao trabalho e à justiça social. E, na última década e meia, não houve avanços nesses aspectos no campo, conforme comprovam os dados do último Censo Agropecuário, no qual se constata o aumento da concentração fundiária e a diminuição dos trabalhadores no campo (Notas, 2012, p.13)

Na prática ainda tem sido muito difícil assegurar todos os aspectos garantidos por lei, a educanda Jakeline relata as dificuldades que enfrentaram para poder dar continuidade aos estudos, do nível médio, o qual não era oferecido na Comunidade e durante um tempo o prefeito negou o transporte alegando serem poucos estudantes.

Aí quando eu terminei aqui e fui pra Quixaba, muita dificuldade a gente teve porque não tinha transporte pra ir, o prefeito não queria disponibilizar o transporte porque era pouco aluno, mas a gente conseguiu porque foi perseverante. A educação pra gente é tudo, a gente pensa que aqui é só trabalhar, trabalhar, mas o estudo vale muito... Conhecimento! (Educanda Jakeline).

Este relato denuncia como o reconhecimento jurídico tanto da universalidade do direito à educação quanto da obrigatoriedade do Estado em promover as condições que garantam as condições para garantia dessa universalidade. Essa legitimação, aprendida pelos educandos é de fundamental importância para exercer pressão junto aos poderes públicos, especialmente nas instâncias municipais. Sabendo-se que a universalização da Educação no Campo tem sido pleiteada, diante de muita luta e pressão, sobretudo dos MSP e dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais.

Ainda de acordo com o Decreto 7.352, que dispõe sobre a Educação do Campo e as responsabilidades dos entes federados afirma que o Estado e as

prefeituras devem garantir as condições para o acesso à escolarização, seja com transporte ou ofertando a própria escola... O que na prática tem sido uma luta muito difícil de concretizar, mas quando as pessoas se unem, a família, a comunidade e utilizam a estratégia do sindicato, do grupo de mulheres, todas as formas de organização que puderem desenvolver pra fortalecer a comunidade, e através disso ir além de aprender o direito, mas também entender como acessar aquele direito, que é o mais difícil e mais importante pois muitas vezes o direito existe, mas para acessar, tocar nele, se beneficiar, tem sido muito difícil.

A luta pela garantia da Educação do Campo não poderá acontecer isoladamente, terão que ser estabelecidos diálogos e lutas comuns, no sentido do enfrentamento das macro estruturas que definem o capitalismo mundial.

Além da educação, será necessário analisar os elementos que compõem o conjunto da vida sócio cultural do campesinato brasileiro, sabendo-se que inclusive as políticas voltadas para a agricultura familiar têm sido submetidas às regras do desenvolvimento da economia mundial, marcado pelo que Leher (2014) nomeia de Neodesenvolvimentismo, e busca atender às regras do mercado internacional, organizando o capital financeiro a partir de empresas multinacionais, bancos *commodities*, etc. Como denunciado nas Notas (2012, p. 12).

E uma contradição ainda mais fundamental diz respeito à insustentabilidade social, ambiental, humana do modo capitalista de fazer agricultura, e à atual explicitação do confronto: há outro modo de fazer agricultura e ele não necessariamente indica atraso ou inviabilidade de produção de alimentos para a população mundial. Trata-se do modo de fazer agricultura identificado hoje como “agricultura de base familiar e camponesa”, que poderá ser potencializado sob a hegemonia de outra lógica de relações de produção, de políticas públicas, implicando em outra matriz produtiva e tecnológica, e tendo a centralidade no trabalho e não na reprodução do capital.

O grupo de educadores e educandos da Comunidade Mendes buscou estudar e acessar as políticas públicas voltadas para agricultura familiar, mas além de ser um processo muito burocrático, muitas vezes não conseguiam, o que os fez desacreditar ou criticar a estrutura imposta, como no relato abaixo:

Esses projetos do Pronaf B, que a gente chama de **pronafricanos**, eles se destinam, eles já colocam pra que é, quem faz as planilhas são os Bancos. [...] É um modelo de uma planilha só pra um algo... como se a realidade do produtor rural seja só pra criar boi, criar cabra, só pra isso. [...] É um modelo de uma planilha que não se

adequa a realidade dessa região, se quiser fazer um projeto pra produzir horta num vai conseguir acessar. [...] A dificuldade que se tem aqui é a questão da assistência, as políticas no Brasil existem, mas comparando com aqui, hoje, é um técnico pra dois mil agricultores, imagine isso no município, será que você tem condições de dar assistência técnica pra isso aí? [...] As políticas no Brasil existem, mas elas não são colocadas a partir do que realmente é necessário, quando a gente tá estudando a Educação do Campo a gente vê que as coisas para o campo são colocadas de cima para baixo não de baixo para cima. Se a gente for observar a realidade de cada município, Cooperativas que dão certo no Nordeste, poucas! E a Educação do Campo, vem justamente pra isso, pra mudar a visão deles em relação a cooperativismo, associativismo. [...] Então se tivesse as políticas destinadas à Educação do Campo, vendo a realidade do agricultor seria bem melhor (Educador Ênio).

Pois como nos recorda Ribeiro (2010) será nas contradições e rupturas que poderá ser reinventada a emancipação, conhecendo, criticando, garantindo direitos e alimentando a mudança.

Todavia, na ótica da contradição, do movimento que aponta para a superação, está contido, também, o seu potencial de ruptura com o velho, para, por dentro dele, ir gerando o novo na perspectiva da *emancipação*. Como processo, como possibilidade, então, ela, a educação popular feita pelos movimentos sociais populares, no caso, o movimento camponês, assume esse caráter emancipante (RIBEIRO, 2010, p. 418).

Houve também situações em que conseguiram acessar a política, no caso da construção das cisternas e isso alterou a realidade local.

Imagem 12 - Cisternas construídas na comunidade



Fonte: Arquivo pessoal

Em relação às cisternas, todas as casas agora tem uma cisterna pequena de 16.000 litros. Mas agora com esse Programa do governo

tá implantando essas cisternas calçadão, que dá pra fazer plantio de horta, criar galinha, criar outros animais... Tá melhorando mais pra essas famílias. No caso de quem tem essa cisterna juntou água nessa chuva, tá com a cisterna cheia, graças a Deus, e com isso tá melhorando muito. E eu tô vendo que tem gente que antigamente ia comprar a horta, as verduras na feira e agora num tá comprando mais, tá produzindo em casa, o alface, o coentro, o cebolinho, o pimentão, antigamente ia comprar na rua e agora tudo isso tem em casa... e isso devido à cisterna. E se o governo continuar implementando essas cisternas calçadão em todas as casas vai melhorar demais, principalmente aqui no sítio Mendes, vai melhorar 100%! Porque aqui a dificuldade que a gente tem é a água (Educanda Jakeline).

Confirmando a necessidade da escolarização e da luta serem articuladas, a Educação do Campo tem criado um ambiente propício à luta pela efetivação de direitos fundamentais, como apresentado no documento a seguir:

Como resultado desta luta pelo reconhecimento dos direitos dos camponeses, foram conquistados programas educacionais destinados aos sujeitos do campo, dentre os quais se destacam o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), este em alguma medida elemento da própria constituição histórica da Educação do Campo, o Programa Saberes da Terra e o Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo); O Programa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade/CAPES, entre outros. Convém observar que embora enfrentem várias dificuldades em sua execução, especialmente no que diz respeito à quantidade e à morosidade na liberação dos recursos para efetivação das ações de formação apoiadas, eles se constituem em práticas concretas de parte das concepções da Educação do Campo. (...) Nesta década e meia de sua existência com esse nome e formas específicas de atuação, a Educação do Campo foi capaz de materializar-se em diferentes instâncias da sociedade civil e conquistar seu espaço na sociedade política. Tal vitalidade deve-se essencialmente ao protagonismo dos movimentos sociais e das organizações sindicais do campo que a constroem, e à centralidade que tem se dado neste percurso para a produção de reflexões sobre ela a partir da concretude das práticas articuladas por tal concepção (Notas, 2012, p.15).

Outro elemento que poderá parecer sutil, subjetivo, mas que tornou-se visível nas relações humanas, na retomada de práticas comunitárias de fazer rodas de conversas, refeições coletivas, divertirem-se... Também evidenciaram mudanças nas formas de se relacionar, dentro da comunidade, como sintetiza o educando Roberval:

A gente vivia estressado, de mal humor um com o outro, a vida era muito puxada, hoje não, a gente vive de bom humor, de bem com o

outro.... todo mundo é colega, se reúne, conversa, mudou muito... é muito gostoso...

Estar em movimento, gerar novos movimentos através da organização coletiva, motivados pela escolarização e pelo desejo próprio da mudança, da superação das condições desumanizantes, tem fortalecido seus poderes organizativo e interventor, vinculado ao processo de escolarização.

Questionados sobre os desafios na continuidade das ações depois de finalizado o Programa destacaram:

Desafios foram muitos, primeiro porque a assistência do técnico era de suma importância, porque ele sempre dava acompanhamento em tudo, como melhorar a produção, resolver os problemas. Às vezes num tinha dinheiro pro bebedor, aí ele dizia 'uma garrafa de água sanitária também serve', já economiza o dinheiro... Aí faltou o comedor, ele ensinou a usar os pedaços de cano de 60, cortar ao meio e fazer... Ele ajudou muito, foi difícil quando ele saiu, mas a gente já tava bem estruturado em conhecimento... A gente já sabia, as pequenas coisas que ele ensinava pra gente já era muito. E depois quando acabou a ajuda do governo, foi ruim pra gente, [...] mas como já tinha aquela estrutura, [...] vendia e já não tirava o dinheiro da gente, já era dos lotes vendidos... o problema foi essa crise. O problema é que essa peste num foi só em um galinheiro, foi no sítio inteiro [...]. Em todos os galinheiros teve essa peste e não só nas galinhas caipira, as capoeiras também... Poucas pessoas tem uma galinha de capoeira em casa... Qual foi a causa? O que foi?? A gente pensa várias coisas, mas precisa descobrir o que foi mesmo (Educanda Jakeline).

As críticas são em relação à necessidade de garantir a manutenção do apoio técnico, pois os problemas e dificuldades estarão sempre surgindo e o grupo precisará de apoio para seguir buscando alternativas de enfrentamento. Caldart aponta:

Consideramos que há muitas transformações a serem feitas na educação em nosso país para que ela se realize como instrumento de participação democrática e de luta pela justiça social e pela emancipação humana. Nosso encontro se dá nas ações, não apenas nas intenções. Queremos reeducar nossas práticas a partir do diálogo com as grandes questões da educação e do desenvolvimento social (CALDART, 2002, p. 20).

Por estas razões defendemos a permanente articulação entre os poderes associados, como possibilidade de estimular e criar as condições necessárias para as construções desejadas. Estes podem ser desenvolvidos em diferentes níveis e

intensidades, mas um estará permanentemente desafiando o fortalecimento do outro.

Figura 8 - Poderes Associados: articulam-se e complementam-se.



Fonte: Organograma elaborado pela pesquisadora.

Entendemos que os Poderes Associados são complementares, e na busca de sua construção e consolidação, a cada momento um ou outro estará em evidência de acordo com as necessidades, interesses, condições. Porém entendemos que será justamente na construção do diálogo entre eles que as *práxis* emancipatórias irão sendo reinventadas. Assim, com a boniteza anunciada por Caldart (2002):

Nossa perspectiva deve ser a do diálogo: somos diferentes e nos encontramos como iguais para lutar juntos pelos nossos direitos de ser humano, de cidadão, e para transformar o mundo. O respeito às diferenças faz o nosso movimento mais forte, mais bonito e mais parecido com a vida mesma, sempre plural em suas expressões, em seus movimentos. Neste encontro também estamos abertos a nossa própria transformação: não queremos nos fixar no que já somos; queremos sim poder ir desenhando outros traços em nossa identidade, fruto da *síntese cultural* a que nos desafiamos em conjunto (CALDART, 2002, p. 31).

Diante de todas as reflexões e análises construídas podemos reafirmar que os sujeitos educativos, da Comunidade Mendes, foram se apropriando e fortalecendo o que chamamos inicialmente de **“Poderes Associados”**: o **Argumentativo**, o **Organizativo** e o **Interventor**, através dos quais criaram/desenvolveram as condições para falar sobre suas experiências, analisá-las e projetar seu futuro. Além de discutir formas de enfrentamento dos problemas-sejam eles econômicos, sociais, políticos ou culturais e colocar em prática algumas estratégias. Intervindo na realidade, que antes lhes era imposta e agora reagem, se mobilizam e intervêm, colhendo os frutos do próprio trabalho e inspirando novas ações tanto nos sujeitos educativos envolvidos diretamente, quanto nos moradores da comunidade que antes não acreditavam nas possibilidades de transformação e hoje também estão estudando e envolvidos nos processos produtivos. O que fortalece a ideia de que:

A Educação Popular não pode aceitar a lógica do mundo globalizado [...] tem que continuar como um núcleo sadio de resistência política, de ampliação da participação cultural, coletiva, de recuperação da fala autêntica, relações de respeito, familiaridade e diálogo. [...] promover a decisão coletiva sem clientelismo ou assistencialismo. Responsabilidade no que decide, solidariedade orgânica e afetiva, fraternidade, consciência crítica, palavra autêntica e coração solidário [...] são estas as categorias que a E.P. precisa para que o núcleo popular venha a ser um dia o modelo hegemônico! (NUNES, 1999, p. 7-8).

Sendo assim, podemos afirmar que, nos diferentes processos analisados, evidenciam-se práticas emancipatórias de:

1. Tomada de consciência (sobre suas histórias, situações e direitos);
2. Organização de ações coletivas que beneficiaram a todos (e alteram sistemas produtivos, relações de trabalho e usufruto);
3. Avanço na elevação da escolaridade e diversificação na produção local;
4. Enfrentamento dos problemas existentes na comunidade através da organização coletiva, da reivindicação de direitos, do controle social, entre outros;
5. Fortalecimento do vínculo de pertença;
6. Transcendência sócio política.

De tal maneira que podemos anunciar alguns resultados desta pesquisa. À medida que os sujeitos vão se apropriando e desenvolvendo seus Poderes Associados, várias transformações vão sendo processadas. Podendo animar este círculo virtuoso, pois o exercício do poder argumentativo vai desafiar que esta palavra se torne ação, ganhe vida, força e significado, ao passo que (na busca de tornar-se ação), desenvolvem e fortalecem seu poder organizativo, e esta organização poderá proporcionar uma nova intervenção, a qual se espera que seja mais crítica, criativa, coletiva e humanizante.

[...] intencionalidade no fortalecimento da identidade de sujeito coletivo, no enraizamento social, na formação para novas relações de trabalho, na formação da consciência política...; e com uma intencionalidade política explícita: não queremos ajudar a formar trabalhadores do campo que se conformem ao modelo de agricultura em curso; queremos ajudar a formar sujeitos capazes de resistir a este modelo e lutar pela implementação de um outro projeto que incluía a todos que estiverem dispostos a trabalhar e a viver no campo e do campo... (CALDART, 2002, p. 33-34).

Alimentando, coletivamente, o sonho e a luta pela Emancipação dos povos do campo, que vivem, trabalham, lutam e sonham como nos desafia a educanda Jakeline,

Uma pessoa sem sonhar é uma pessoa morta, se você já é pobre em termo financeiro e num sonhar... Antigamente quando eu era mais jovem eu num sonhava de jeito nenhum, meu sonho era casar ter meus filhos e pronto, acabou! Estudar de jeito nenhum... num tinha condições, só dona de casa e pronto... e o conhecimento cadê? Eu disse peraí, vamos buscar fazer alguma coisa diferente, estudar, aprender a se comportar nos lugares... O ser humano tem que ser assim, sonhar sempre, porque se ele parar de sonhar morreu! É vivo e morto! Tá vivo em carne, mas tá morto em espírito... Porque sem sonhar a gente num é ninguém (Educanda Jakeline).

Há indicações de reinvenções nos modos de ver-se como sujeitos da comunidade, a valorização da escolarização, com um currículo integrado, gerando novos conhecimentos e transformações nos modos e relações de trabalho, o sentido de pertencimento ao território onde vivem e trabalham e o desejo mobilizador de mudança, para o enfrentamento dos problemas da comunidade. Pudemos verificar indícios de que na construção e fortalecimento dos Poderes Associados vai sendo reinventada a Emancipação humana, motivada por vontades e sonhos, concretizada em lutas e projetos comuns e tornada prática nos modos e relações de trabalho, de

cultura que vão sendo cotidianamente reproduzidas ou recriadas nas contradições mesmo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Assim somos; assim estamos nos construindo como lutadores e lutadoras *por uma educação do campo*. Cultivar esta identidade e lutar por ela é uma das tarefas que assumimos enquanto participantes desse movimento (CALDART).

Tecer considerações sem considerá-las finais, ao contrário, estimuladoras, de outro ciclo, outra fase, outra experiência. Eleger a Emancipação como tema central, objeto, foco e objetivo de uma pesquisa, a qual se desafia a tornar esta palavra ação, envolve muitas dimensões do ser... Ser gente, ser educadora popular, ser mulher, ser nordestina, ser pesquisadora. Sendo assim, retificamos o desejo e ação de estar na luta pela consolidação de um Movimento Nacional por uma Educação do Campo. Considerando esta Educação em sua plenitude, enquanto conceito, enquanto sujeito, enquanto território, enquanto espaço de construção de um projeto de sociedade e de desenvolvimento. Pois será nas contradições mesmo que carregam estas dimensões que poderão ser construídas, fortalecidas, transformadas práticas, ideias, valores, numa perspectiva emancipatória. Uma Educação do Campo assim desenhada/desejada como contra corrente ao processo de **globalização**, em que vive grande parte da sociedade, estimulada pela mercadológica perversa, que norteia os sistemas produtivos, as culturas, suas instituições, organizações, seus sujeitos, valores e hábitos.

Nos conflitos sócio cognitivos experienciados na construção desta dissertação, a qual também pretendeu ser animadora de uma crítica propositiva às experiências anteriores na busca da compreensão das velhas e novas dimensões da Emancipação e suas **diversipossibilidades**, sua problematização e construção. Alimentando o desejo de estarmos melhor preparados para seguirmos a marcha na luta, na busca e sobretudo na sua consolidação.

A ideia de desenvolver a sistematização sobre os Poderes Associados nos parece poder contribuir com as reflexões propositivas sobre a Emancipação. Articulando à essencialidade de sermos seres humanos, inconclusos e inacabados poderemos seguir desenvolvendo *práxis* emancipatórias a partir da construção e fortalecimento dos Poderes Associados. Com o poder argumentativo, poder

compreender-se enquanto sujeito - individual e coletivo - que vive e trabalha num território, onde se reproduzem ou reinventam relações de produção e de poder. Onde, problematizando-se esta mesma realidade, poderemos fortalecer a ideia força da importância de compreender, analisar, explicar estes mesmos processos e retroalimentar, também, relações de cooperação, solidariedade, partilha e organização popular.

O poder Organizativo nos alerta sobre a necessidade de reaprendermos a importância da organização coletiva/popular para criarmos as condições materiais e simbólicas na existência do coletivo e a materialização deste projeto, de sermos sujeitos coletivos, de luta, de resistência e de transformação. Pois certamente será na experiência de práticas transformadoras que alimentaremos a luta e o sonho.

Sem desconsiderar, ao mesmo tempo, o processo de refluxo que vem se evidenciando, a Educação Popular no Campo tem sido um espaço de reinvenção de práticas culturais, políticas e produtivas que poderão valorizar o coletivo, o Bem Viver, o estímulo permanente de estar em movimento (mesmo que ainda lutando por garantias fundamentais), mas assumindo-se sujeito de transformações, na busca da Emancipação.

Esta proposição de sistematização dos Poderes Associados articula-se à ideia força do diálogo, do movimento e da complementariedade. Em suas diversas possibilidades de materialização irão sendo estimuladoras de *práxis* emancipatórias, com valores humanizantes. Destaque também para o cuidar, o cuidar do pleno (não meio!) ambiente, com a nossa casa, nossa casa corpo, nossa casa comunidade, nossa casa território, nossa casa Terra! Na luta pela terra e pela dignificação da vida dos povos do Campo.

‘*O homem novo*’, de José Mário Rodrigues (2013, p. 96), pernambucano, de Flores, nos inspira na ressignificação da relação com a mãe terra, assumindo de forma esperançosa nossa inconclusão, dialeticamente no mundo, e faz brotar o desejo da reinvenção dos seres humanos; a sua emancipação, a sua redenção:

Um dia aprenderemos a ser terra
raiz profunda
pedras que guardam a insônia dos séculos.

Aprenderemos a ser
mato verde e espinhos da caatinga
afugentando desertos;

água cristalina
e cheiro de folha nascente.

Quando isso acontecer
surgirá o homem novo
por inteiro.

Por inteiro nos entregamos à luta!

Bem sabemos dos desafios atuais da Emancipação, sobretudo para os povos do Campo, porém retroalimentamos esta luta por nela acreditar e nos desafiamos a contribuir com processos estimuladores de práxis emancipatórias tão urgentes e necessários na Educação do Campo e na educação pública brasileira.

Concluir esta dissertação nos traz elementos para seguirmos a marcha por uma Educação do Campo, num movimento permanente de luta pela dignificação da vida, pela garantia de direitos, inclusive o direito ao sonho de um país mais democrático, que respeite e valorize suas diversidades e seus sujeitos. Defendemos o sentido de que a educação precisa ser desenvolvida numa perspectiva emancipatória, proporcionando aos seus sujeitos um movimento de reverem a si próprios, sua história, sua comunidade- seus coletivos, seus projetos de sociedade e de desenvolvimento. Para, assim, sujeitos de nossa história, podermos decidir caminhos, pensar estratégias, construir o sonho coletivo da emancipação humana. Na convivência com outros sujeitos, outras culturas, outros sonhos... Uma educação para além do capital, pois encontra na coletividade, na partilha, na solidariedade, caminhos viáveis de uma convivência frutífera, por ser criadora e libertadora. Como afirma Mészáros (2005, p. 27) “é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”. Pois entendemos que a educação libertadora desafia seus sujeitos a tornarem-se agentes políticos que refletem, que questionam, que planejam, que agem... No sentido da transformação do mundo, numa perspectiva humanizante, emancipatória.

Neste exato momento da busca do ponto “final” muitas questões seguem latentes, sobretudo na clareza da provisoriedade das reflexões e proposições aqui expostas, mas como nos estimulam a refletir Bautier e Rochex (2001)

A atividade intelectual requer uma apropriação e um uso pessoais de saberes heterogêneos em uma atividade que é simultânea e indissociavelmente atividade cognitiva e linguística e trabalho de subjetivação, de implicação de si e de elaboração de um ponto de vista, de uma postura, a partir dos quais possam organizar-se o

confronto e o estabelecimento de uma relação entre saberes (BAUTIER; ROCHEX, 2001, P.128).

Saberes estes em permanente movimento de reinvenção, de revisão do estar sendo no mundo, buscando ser coerente com as ideias defendidas. Sendo assim, caminhamos para fechar esta etapa, esta dissertação, na certeza da necessidade da continuidade da ação, da reflexão na busca pela emancipação. E que esta busca nos desafie permanentemente a seguirmos na construção de uma educação capaz de contribuir com a construção de outras relações sociais, políticas, econômicas, culturais para o povo brasileiro.

O sentido desta pesquisa foi buscar analisar e dar visibilidade as contribuições que a ação educativa tem dado nos processos de construção da humanidade dos seres humanos, redescobrimo-se seres coletivos, criativos, plenos de possibilidades de superação das condições materiais, na construção de uma realidade local e global sob os valores da cooperação, da conscientização, da organização coletiva e da auto gestão. Evidenciando que várias transformações estão em andamento e precisarão ser fortalecidas para alimentar outras bandeiras de lutas! Em movimento, favorecendo o movimento da vida, estimulando o florescer das potencialidades humanas para o Bem viver. Como nos instiga Souza (2010)

A Educação Popular insere-se no interior das relações de poder, na luta pela construção do poder dos setores populares da América Latina, partindo das condições históricas concretas ou das representações que delas tínhamos e temos construído na busca da criação das condições necessárias ao desenvolvimento da humanidade do ser humano em nossa região. (SOUZA, 2010, p.139)

Desejamos que os Poderes Associados possam motivar o fortalecimento da Educação Popular, em quaisquer territórios onde ela se faça necessária, contribuindo com esta reflexão propositiva sobre os processos educativos motivadores de práxis emancipatórias.

Agora... uma pausa, uma nova respiração, um novo olhar crítico sobre o que está sendo lançado ao mundo... Para seguirmos, em movimento, dando carne e sangue pela hegemonia popular!

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. **Princípios pedagógicos da educação do campo e o currículo da educação de jovens e adultos do campo**: discurso e prática. 2011. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação na Universidad del Mar-Chile, 2011.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação básica e o movimento social do campo**. Por uma educação do Campo. Petrópolis: RJ: Vozes, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAPTISTA, Francisca. **Educação rural**: das experiências à política pública. Brasília-Nead/MDA: Abaré, 2003.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA**. Brasília, 2010. Disponível em 28/07/2014. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm
- BRASIL. MEC. **Programa Nacional de Educação de Jovens Agricultores(as) Familiares integrada à Qualificação Social e Profissional**. Brasília, 2009. - Disponível em portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/projovemcampo_base.pdf 02/08/2014.
- BRASIL. MEC. **Projeto Base ProJovem Campo - Saberes da Terra**. Brasília, 2009. Disponível em 02/08/2014. http://www.oei.es/pdfs/projovem_projetobase2009.pdf
- BRASIL. MEC. SECAD/SEPT. **Projeto Base - Programa Nacional de Educação de Jovens Integrada com Qualificação Social e Profissional para Agricultores(as) Familiares**. Brasília: 2008. Disponível em 05/08/2014: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/projovemcampo_base.pdf
- BRASIL. **PARECER 36/2001 sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação básica nas Escolas do Campo**. Conselho Nacional de Educação, Relatora SOARES, Edla de Araújo Lira. Brasília, MEC: 2001.
- CALADO, Alder Júlio. Educação popular nos movimentos sociais do campo: potencializando a relação macro-micro no cotidiano como espaço de exercício da

cidadania. In: BRAYNER, Flávio; SOUZA, João Francisco. **A dúvida e a promessa: educação popular em tempos difíceis**. Recife: NUPEP- UFPE; Bagaço. 1999.

CALDART, Roseli Salete (org). Educação do campo: identidades e políticas públicas. **Por uma Educação do Campo**, nº 4. Brasília. São Paulo: ANCA, 2002,

CARVALHO, Horácio Martins de. **O Campesinato no século XXI: possibilidades e condicionamentos do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CARVALHO, Rosângela Tenório. **Discursos pela Interculturalidade no Campo Curricular da Educação de Jovens e Adultos no Brasil nos anos 1990**. Recife: NUPEP/UFPE; Edições Bagaço. 2004. Coleção Teses & Dissertações. Nº 3.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista brasileira de Educação**, Rio de Janeiro. v. 11, nº 31: jan/abr, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DECLARAÇÃO FINAL. **II Conferência Nacional por uma Educação do Campo. Por uma política pública de Educação do Campo**. Luziânia – GO, 02-06, ago. 2004. Disponível em: 05/08/2014:
http://www.cnbb.org.br/documento_geral/IIConferenciaNacPorUmaEducCampo.doc

FERREIRA, Liliana Soares. Pedagogia como ciência da educação: retomando uma discussão necessária. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 227, jan./abr. 2010.

FREIRE, Paulo. **Que fazer: teoria prática em Educação Popular**. Petrópolis, 1993, Disponível em 20/06/2014:
<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1405#page/14/mode/1up>

_____. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Série Pesquisa em Educação, v.1. Brasília: Plano editora, 2002.

_____. **Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais**. Disponível em:
<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/715/71511277007.pdf> Acesso em: 02/01/2012.

_____. Pesquisar em Educação: considerações sobre alguns pontos chave. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.19, set./dez. 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.

GUDYNAS. E. y A. Acosta. **El Bien Vivir más allá del desarrollo**. Qué Hacer? DESCO, Febrero/ Marzo, Lima, 2011.

IANNI, Octavio. A crise de paradigmas na Sociologia. **Revista crítica de Ciências Sociais**, nº 32, Campinas: UNICAMP, 1991.

IRELAND, Timothy D. Universidade e Educação Popular: os Seminários Internacionais de troca de experiências. **ANAIS IV Seminário Internacional: Universidade e Educação Popular**. Memória. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995.

JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**: Estatuto epistemológico das ciências humanas. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JEZINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lourdes (orgs.). **Educação e Movimentos Sociais**: novos olhares. São Paulo: Alínea, 2010.

MANIFESTO do Encontro Unitário dos Trabalhadores, Trabalhadoras e Povos do Campo, das Águas e das Florestas: **Educação do Campo: por Terra, Território e Dignidade!** Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.mst.org.br/Veja-o-manifesto-do-Forum-Nacional-de-Educacao-do-Campo>

MANNHEIM, K. **Sociologia Sistemática**: uma introdução ao estudo de sociologia. São Paulo: Pioneira, 1971.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista NERA**, Presidente Prudente. Ano 11, nº. 12, Jan.-jun./2008.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular**: da intenção ao gesto. Porto Alegre: Ísis; IPPOA, 2005.

MÉSZÁRUS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (Orgs) **Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo**. (Coleção Por uma Educação do Campo, nº 5). Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>

NETO, J. F. de Melo (org.). **Educação Popular**: enunciados teóricos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

NOTAS para análise do momento atual da Educação do Campo. Fórum Nacional de Educação do Campo – FONEC. Seminário Nacional – BSB, 15 a 17 de agosto 2012. Disponível em: www.gepec.ufscar.br/textos-1/legislacao1/...de...fonec.../file

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v34n122/22506.pdf>

PORTAL MEC disponível em 02/08/2014:
http://portal.mec.gov.br/index.php?id=12306&option=com_content

PORTO, Zélia Granja. **Participação social e políticas de Educação infantil no Brasil**: Lugares de produção e circulação de discursos. NUPEP/UFPE; Recife: Bagaço, 2008.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês Trabalho e Educação- Liberdade, Autonomia, Emancipação**: princípios/fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RODRIGUES, Wilson; JÚNIOR, Ataíde. **Os direitos humanos e a questão agrária no Brasil**: a situação do Sudeste do Pará. Brasília: Editora Universitária, 2006.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

_____. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SHANIN, Teodor. **Campesinos y sociedades campesinas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

SOUZA, João Francisco de. **A democracia dos Movimentos Sociais Populares**: uma comparação entre Brasil e México. Recife: NUPEP/UFPE: Bagaço, 1999.

_____. **E a Educação Popular ¿¿quê??** Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro. Recife: NUPEP/UFPE: Bagaço, 2007.

_____. **E a Filosofia da Educação: quê??** A reflexão Filosófica na Educação como um Saber Pedagógico. Recife: NUPEP/UFPE: Bagaço, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. O espírito científico e o mundo atual. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.23, n.58, 1958. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/> Acesso em: 23 jan. 2012.

TEXTO BASE. II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo: **Por Uma Política Pública de Educação do Campo**. Luziânia -GO, 02 a 06 de agosto de 2004. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/documento_geral/IIConferenciaNacPorUmaEducCampo.doc

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WOORTMANN, Ellen F. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora UnB, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COLETIVA REALIZADA COM EDUCADORES DA COMUNIDADE MENDES FETAPE-QUIXABA-PE

Equipe de educadores presentes:

- 4. Adiene Josefa Fernandes de Medeiros (Ciências Humanas)**
- 5. Ênio Ricardo Andrade de Medeiros (Ciências Agrárias)**
- 6. Josefa Claudete da Silva (Ciências Naturais)**

O grupo Focal foi articulado através da Educadora Claudete, que também participa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Quixaba. Realizamos o mesmo na Associação Rural do Mendes, local onde aconteciam as aulas do Projovem Campo e atualmente da EJA Médio da comunidade.

Inicialmente estavam presentes as educadoras Claudete e Adiene, a qual também é secretária de Educação do município, com elas fui sendo informada sobre a atual situação da comunidade, de como mantiveram o vínculo com os moradores/estudantes... e as atuais dificuldades. Ao questionar sobre as turmas do programa e as possíveis continuidades no processo de escolarização fiquei sabendo que na 1ª turma do programa 16 estudantes finalizaram sua escolarização no ensino médio e na 2ª (edição 2008) foram 14 que concluíram e destes cerca de 10 estão na EJA Médio.

O grupo focal teve início às 09:40 após a chegada do educador Ênio, segue abaixo a transcrição de toda a conversa e encerrou às 11:00h.

Karla- Então, vamos dar início ao grupo focal com a equipe de educadores da Comunidade Mendes, no município de Quixaba. É uma turma pertencente à FETAPE. Inicialmente eu gostaria que cada um de vocês se apresentasse, dissesse o nome e a sua área de atuação durante o Projovem da edição 2008 e se já quiserem, a medida que vai se apresentando, falar como foi ter participado do Programa do Projovem Campo- Saberes da Terra, no caso da edição 2008 que foi trabalhada a formação com a Universidade Federal de Pernambuco e os Movimentos Sociais.

Ênio- Meu nome é Ênio Ricardo Andrade de Medeiros, sou na parte de Ciências Agrárias, em relação ao programa em si, a gente teve início com a nossa turma, nós como professores e educadores do Programa Saberes da Terra, com outra turma que foi no caso (na comunidade) na Gia, foi a primeira, fomos as cabaiais em relação a um programa diferenciado em relação ao que chama de Educação do Campo. Porque nesta educação envolvia a parte que era de Ciências Agrárias, em relação aos trabalhos que foram desenvolvidos, acho que são fundamentais porque trouxe

pra eles a questão da cultura que eles trabalhavam e como deviam trabalhar. Uma vez que eles já produziam no campo, mas às vezes a forma que eles produziam podia ser uma forma diferenciada, a gente procurava trazer alguma tecnologia que venha a buscar a melhoria da qualidade de vida deles. Até a gente tem conhecimento em relação a isso porque quando se foi trabalhado na primeira turma, nesta turma agora especificamente no início como era o técnico a gente não trabalhou com a função de dar aula numa sala de aula, porque é diferenciado isso, se torna um pouco difícil, você tem que se adaptar à uma realidade diferente, juntamente com eles porque na escola comum também nunca tiveram essa oportunidade de ter uma área que seja diferenciada e seja em relação mais para o campo e mais para eles. Em todas as outras áreas que foram envolvidas as matérias sempre eram em relação a comunidade, ao âmbito geral... Nisso o que aconteceu, no início eles não queriam quando a gente foi colocar foi um pouco forçado, até em relação ao projeto que foi desenvolvido que foi a criação de galinha caipira, porque se tinha uma noção, se tinha uma vida, porque eles já criavam galinha mas de uma forma diferente da que se cria hoje e pra eles se tornaram algo diferenciado, algo novo, uma questão nova, aí eles tinham um pouco de medo. Até um pouco de dificuldade, porque na época não se tinha projetos destinados pra isso, e quando foi chegar este projeto já foi no fim de um processo, onde deveria ter chegado no início... Como é que você pode dar continuidade a um projeto, a um trabalho se ele já chega no fim? Só que diante disso a gente se sentou com todos os educadores e a gente combinou e fez um acordo de começar a trabalhar a criação de galinhas porque era algo mais adaptado pra região, uma vez que essa região aqui possui a questão da água é muito pouca e pra criação de galinhas necessita de água, como em qualquer outra cultura, mas é pouca e como eles têm pequenas áreas isso também facilitou o trabalho...

Karla- Então a proposta do projeto de criação de galinhas partiu de vocês e não dos estudantes?

Ênio- Da gente juntamente com os estudantes porque pra isso foi feito uma pesquisa, um diagnóstico do que era necessário para a comunidade...

Adiene- De um levantamento de potencialidades

Ênio- Então a gente tem que ver a realidade, cada comunidade tem uma realidade diferente, em relação a essa era a questão da água que na época não tinha em grande abundância e a gente nesse mesmo período pegou uma época de seca, que teve um prejuízo grande, só que muitos continuaram, mesmo com isso, com as dificuldades em relação à compra. Porque se a gente cria, a gente tem a parte que vem diretamente da propriedade mas a gente que tem outros subsídios que vem de fora. E com isso na época que a gente começou com duas famílias a de Arnaldo e de Edinho, que os dois eram alunos, como também suas mulheres eram alunas. Nós botamos o projeto em si, no início aonde eles colocaram seus próprios recursos, foi um pouco dificultoso porque eles pensavam assim como era investir num algo que num sabe se vai dar certo ou vai dar errado. Mas a gente foi apresentando através

de projetos, de slides, de alguns projetos que foram feitos em outros lugares que esse projeto poderia dar certo. Como deu certo, graças a Deus e ao nosso trabalho e ao trabalho dos alunos e de outros que quiseram. E com isso, dando continuidade, as pessoas vendo isso criou até um algo novo na comunidade porque tava dando certo. Pra você ter uma ideia, na época que a gente começou a trabalhar, a criar com os recursos próprio dos alunos, alguns moradores da própria comunidade começaram a investir na criação de galinhas, através de um polo que foi feito lá esse trabalho aí começaram a produzir, aí comunicavam a gente e eu ia lá ver e dava algum tipo de orientação, não só aqui como na comunidade vizinha. Quando foi chegar o outro projeto, que a gente foi fazer uma ampliação do que já existia, porque já existia um, só que a gente foi ampliando para que os outros alunos pudessem criar e ter algum meio de subsistência. Que foi essa questão da criação de galinha. Aí foi até nesse período que ocorreu aquela grande dificuldade, porque a gente sabe que existe aí e o governo dava vários tipos de subsídios. A questão do milho a R\$18, 00, mas a dificuldade pra se obter esse milho, tinha alguns tipos de barreira, no caso pra você ir pegar esse milho lá em Afogados da Ingazeira vai ter um custo, pra esperar vai ter outro custo e pra sair vai demorar muito mais ainda, como demorava dois meses até três meses pra chegar, o que fez com que eles tirassem do próprio bolso, porque a seca fez com que eles não tivessem, aí produzisse. Essa seca não durou três anos mais foi a pior da história que já aconteceu no Brasil. Isso porque eles já tinham um tipo de criação, o que sempre se criava era o gado, e o produzia milho e o feijão. Quando se teve a questão desse objetivo, q não se trabalhou só na minha área, como na área das companheiras, a gente fazia o seguinte, se trabalhou a horta domiciliar, cada casa fazer uma horta no seu quintal para q pudessem produzir também outros tipos de alimento, mas como eu falei, com a questão da água, não tinha como. Hoje graças a Deus, quando vai fazer algumas visitas a gente já vê na casa de alguns educandos já existe as cisternas calçadão que hoje eles já tão começando a produzir pequenas hortas para o consumo de suas casas evitando estar comprando. Se na época já tivesse a gente podia ter ampliado isso e teria um leque a mais diferente de hoje. Foi dificultoso... Em relação as formação, são fundamentais porque pra gente ter o conhecimento, como a gente tivesse do início, foi a gente que coordenou, trabalhou no primeiro projeto, foi mais dificultoso, com mais problemas porque a gente tava construindo uma questão de Educação do Campo, com relação a isso a gente tava construindo, a gente se reunia e fazia as pautas, os eixos temáticos, como é que ia ser feito tudo. Já nesse deu uma visão melhor porque a Universidade tava junto com a gente, tinha alguns tipos de processos bons, o que faltou que eu senti, em relação à minha área de Ciências Agrárias mais intercâmbios e nesses intercâmbios que os alunos pudessem estar presentes. Porque em relação ao primeiro a gente conheceu alguns locais que são fundamentais, como o SERTA, a gente levou os alunos para Ibimirim, onde eles viram muitas tecnologias que foram aproveitadas pra eles colocar na comunidade, imagine se esse tivesse um dia pra levar não só os educadores, mas sim os educandos porque tudo que é visto é mais fácil de ser colocado em prática. Se eles veem, não, isso é capaz... Porque a gente vive numa região seca onde tem vários

problemas se a gente tem essa oportunidade, facilita o trabalho. Se tivesse isso, que todos os educandos ou por regional, por movimento social tivesse um dia específico ou uma semana que pudesse ir, num local que tivesse como um Sertão da vida, que é um Centro de Tecnologia Alternativa, que pudesse transferir alguma tecnologia que eles vissem lá pra própria comunidade, porque lês estavam vendo e assim podiam até aprender. A gente tá aqui pra desenvolver um trabalho, mas se a gente tem um apoio melhor e maior, se torna mais fácil. E o problema foi que a questão do projeto só veio sair num período que já tinha terminado...

Karla- Foram dois anos depois que saíram os recursos, os R\$10.000 para o Projeto de Intervenção?

Adiene- Foram quase três meses depois do término do programa.

Ênio- Só que aí nesse período que ficou, que teve as visitas, teve todo aquele processo, porque ficou uma pessoa responsável pra vim fiscalizar a comunidade, ver o que é que tava dando certo. A gente ficou dando assistência aos produtores, mas se fosse no período que a gente tava trabalhando teria sido melhor porque todos os dias a gente tava lá, todos os dias.

Karla- Foi uma coisa que era defendida por mim e por Horasa (coordenadora da área de Ciências Agrárias pela UFPE), que os projetos de intervenção não deveriam sair no final, justamente para garantir das turmas esta margem de erros e acertos e também o acompanhamento pedagógico tanto da equipe de educadores, como da Universidade, quanto da secretaria de Educação. Você já traz informações bem importantes Ênio, mas eu gostaria que nesse momento inicial a gente falasse mais da nossa experiência, nós aqui enquanto educadores, como foi pra você enquanto técnico, enquanto professor, como foi pra você ter participado desse programa, os sentimentos que você traz, as memórias, as aprendizagens, se isso muda algo na tua forma de ver a Educação do Campo, se muda algo nas tuas práticas, como é que você sente esse processo? Que até agora a gente falou bastante do projeto, da relação com os estudantes e isso é inevitável, a gente construiu essa relação porque o tempo todo esteve junto, mas agora esse primeiro momento eu gostaria que a gente falasse mais de nós mesmos enquanto educadores, enquanto pessoas ligadas à Educação e aos agricultores aqui do município.

Ênio- Em relação a questão dos sentimentos que a gente constrói porque isso é um processo e é construído, como eu sou filho de agricultores, já vivia no campo e em relação até a primeira vez que eu fui trabalhar, que eu terminei a minha formação, o meu primeiro emprego foi trabalhar justamente com a Educação do Campo. Pra mim isso foi algo importante porque a gente ter o contato diretamente com o produtor e ver realmente como é a realidade de cada um... Porque as vezes a gente pensa que a realidade de uma pessoa é de uma forma e quando a gente tá juntamente com ele, é de outra forma. A gente vê a relação, um sentimento grandioso pq a gente

entrou na vida de várias famílias e pôde de certa forma mudar a realidade e a vida deles....

Karla- E a sua realidade?

Ênio- Isso é gratificante porque nossa realidade foi diferenciada, pq a gente vai trabalhar e a gente sente que tá ajudando as pessoas, pra mim isso foi gratificante, porque de primeira mão você estudou só numa escola normal, onde se diz que tem que sair do campo pra trabalhar... Onde o pai diz: estude meu filho, pra sair do Campo, porque na cidade é melhor...

E quando você vem pro campo e trabalha diretamente no campo é muito melhor ainda, porque a gente tá num contato melhor, é diferente você trabalhar num escritório e trabalhar juntamente com eles. Porque conversa, o diálogo, a aprendizagem é a troca. Não só eu pude ensinar como também aprendi muito com eles...

E a prática se torna mais fácil quando você esta diretamente com a outra pessoa, por que há a comunicação, porque eu num conhecia diretamente a realidade deles, e aí eu fui conhecendo aos poucos, eu num posso chegar assim e vou fazer isso, se eu num sei como é que eles fazem e como é a realidade deles, eu tenho que trabalhar junto com a realidade. Pra mim isso foi muito gratificante e muito bom, porque me ajudou profissionalmente, hj eu tenho uma visão diferente, se eu já tinha uma visão boa do campo, pq sempre fui do campo, fui agricultor, hj eu tenho uma visão muito melhor ainda, e, eu vejo que a gente tendo a oportunidade de estar mais ali ligado ao campo a gente pode modificar cada vez mais, em relação à vida como tb à sociedade por completo. A gente sabe que as cidades hj estão cada vez se inchando e estão esquecendo o campo e aonde que se produz o que o doutor, o advogado come, vem da onde? Vem do pequeno agricultor do campo, onde 70% vem da agricultura familiar e aonde a gente vê que há uma falta grande dos governos, de ter um investimento de ter uma visão diferente pra se apoiar cada vez mais...isso é a realidade que eu tenho e um sentimento é que se eu pudesse trabalhar o resto da minha vida com a Educação do Campo, seria muito melhor ainda, que eu já tenho uma abrangência sobre isso.

Karla- Legal Ênio, a gente vai continuar com você, mas seria importante que as outras se apresentassem e tb falassem a sua área de atuação, e desse sentimento, dessas aprendizagens na participação do programa

Adiene- Ele já falou tudo.... (risos)

Karla- Mas aí a gente tá falando da experiência individual, do sentimento de cada uma.

Adiene- Eu sou Adiene, Adiene Josefa Fernandes de Medeiros, professora do Projovem Campo desde a primeira edição, participei da turma de 2008 e assim, o diferencial, comparando com o a primeira edição, é que teve todo um acompanhamento. Na verdade quando eu entrei no programa, a visão que eu tinha

do campo, mesmo sendo filha de agricultor, era que a gente deveria correr do campo, até então era o que as nossas escolas ensinavam, que a gente tinha que estudar pra sair do campo, porque no campo, a vida do agricultor num levava muito longe. Então foi essa situação que nós nos deparamos. Tinha toda uma concepção dessa escola, de formar o aluno, de mandar pra cidade... E que na cidade ele ia construir uma vida, como que no campo não existia vida, era esse sentimento q a gente tinha até então, que no campo não se construía vida, no campo estavam ali os pobres e miseráveis que num tinham de que viver mesmo e ficaram ali porque num tinham opção. Até então era a concepção que a gente tinha de educação. E o Projovem Saberes da Terra ele mudou essa concepção, ele fez com que a gente percebesse que no campo também tinha vida, que no campo também se construía, que no campo também se vivia com qualidade, que no campo a gente não só se sobrevivia, a gente vivia e vivia bem....

Então foi um dos paradigmas maior que essa formação trouxe, foi essa quebra de paradigma, essa quebra de visões que já vinha desde os nossos bisavós, avós, e assim sucessivamente, e era dessa forma que a gente também tava passando nas nossas escolas e o Projovem não, ele mostrou que era no campo que a gente poderia crescer, no campo também poderia ter doutores, no campo também poderia ter educação de qualidade e tudo isso só foi possível a gente descobrir por meio desses estudos, dessas formações...

Olhe como é difícil, gente tava ali no campo, nas nossas salas como formador ... E aí, com essa concepção de que no campo não se vivia bem? E foi por meio dessas formações, desses estudos, desse acompanhamento da universidade e até mesmo da secretaria do Estado que a gente pôde mudar, mudar essa visão e mostrar pros nossos alunos, que eles podiam fazer diferente, eles podiam viver bem e viver no campo e uma das maiores conquistas nossa, pelo menos eu considero como profissional, foi mudar o paradigma q a comunidade tinha...

Tendo que eles passavam seis meses aqui na comunidade e seis meses fora, trabalhando pra sobreviver, no período das secas, iam pros cortes da cana, pras grandes capitais pra sobreviver... e com o programa, com toda essa formação, com todos esses acompanhamentos, que não foi um processo fácil, por isso as amizades construídas dentro do campo, as amizades construídas com a turma... houve uma quebra dessa visão que eles podem viver aqui e podem viver bem! Então, pra gente foi uma descoberta grandiosa, mas para os nossos alunos foi maior ainda...

E nos ajudou a construir uma nova educação, ajudou e ajudou bastante, hoje a concepção que eu tenho do campo, mesmo sendo filha de agricultor, não é a mesma que eu tinha em 2006, quando comecei com o Projovem, o Saberes da Terra. Foi uma mudança totalmente, mesmo sendo filha de agricultor, mesmo morando no campo, que eu morei no campo na minha adolescência, mas foi uma mudança radical, uma mudança de vida, uma mudança de identidade, foi uma mudança geral...

Karla- É isso mesmo, Claudete eu queria que você também contasse do seu sentimento, as suas aprendizagens, o que é que muda ou não muda... Se essa experiência ajuda a olhar a realidade com outros olhos...

Claudete- Eu sou Josefa Claudete da Silva, trabalhei com Ciências da Natureza, eu sou filha de agricultor, mas nunca cheguei a morar na zona rural, mas sempre tive contato com agricultores. A partir dos 18 anos eu comecei a trabalhar mesmo com o agricultor, quando eu vim trabalhar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Ai comecei a dar mais valor, porque eu sempre admirei o trabalhador rural, é uma das profissões que eu admiro bastante e ao chegar pra trabalhar com eles no Sindicato dos Trabalhadores rurais a cada dia mais isso vem aumentando mais na vida, o interesse de estar trabalhando com o agricultor, o interesse de estar buscando os direitos para o agricultor. Eu vejo assim, muito desinteresse da parte de alguns políticos de algumas áreas pelo agricultor. E como Adiene falou e Ênio também, a nossa sobrevivência vem da agricultura e é da agricultura do pequeno agricultor. Se a gente não desse importância a esse pequeno agricultor de estar, de não ter que sair pras grandes cidades, mas de estar aqui trabalhando...No futuro a gente vai sobreviver como?

Foi uma realidade que eu sempre gostei de trabalhar e depois do Projeto, de 2006, q a gente começou a trabalhar com os quilombolas na Gia, depois a gente veio aqui pro sitio Mendes a cada dia isso vem aumentando mais na minha vida, gostando mais de trabalhar com os agricultores, de ver a realidade que eles tinham antes de uma sobrevivência que precisavam sair do campo pra sobreviver, mas hoje não. Principalmente aqui que houve o projeto, aqui nos Mendes. E a gente vê a realidade que tem mudado. Eles não tão mais saindo do campo, mas estão aqui no campo e estão sobrevivendo do que eles trabalham, eles não precisam mais sair, deixar os seus filhos as suas esposas, como muitas vezes eles saiam... mas estão aqui sobrevivendo com as suas famílias. E através do projeto, como Ênio falou, as outras pessoas da comunidade também estão sendo influenciadas, com esse projeto das galinhas caipiras que foi realizado aqui e isso pra gente, eu acredito não só pra mim mas como para os outros professores, foi muito bom ver esta realidade, como existia a discriminação com os agricultores... Como eu trabalho no sindicato, hoje chegam pessoas que antigamente, quando diziam assim: qual é a sua profissão? E eles diziam agricultor, eles eram discriminado. Hoje em dia pessoas que não são agricultor mas querem ser agricultor, então é uma coisa muito boa, uma coisa que eu já conhecia, mas a cada dia eu estou buscando mais a conhecer e estar mais perto de agricultores...

Karla- E pra vocês, o Ênio já começou a falar um pouco sobre isso mais eu queria que a gente pudesse falar um pouco mais... como foi essa experiência de, ao mesmo tempo, porque todos aqui já tinham uma graduação, uma formação, e pelo que eu tô vendo inclusive uma prática de educação nas escolas do campo, ou naquela época ainda tinha mais essa referencia de chamar de escolas rurais. Mas eu queria que vocês falassem como era essa experiência de ser estudante, porque

vocês eram cursistas no Curso de Aperfeiçoamento. Como era que vocês se sentiam sendo estudantes e professores ao mesmo tempo? Vocês estavam recebendo as formações, tinham um acompanhamento pedagógico, a formação tanto da Universidade quanto da FETAPE, aí voltavam aqui pra comunidade, pra escola, pra dar aula, onde vocês assumiam este papel do professor, como foi isso? Teve alguma diferença, não teve, havia momentos de dificuldade? Foi mais fácil, foi mais difícil? Como foi isso?

Adiene- Foi bem mais fácil, comparando o projeto de 2006 com o de 2008, é claro que foi um processo bem mais fácil porque a gente tava sendo orientado, é claro que querendo ou não tem assim uma disparidade muito grande entre teoria e prática. Lá a gente tava recebendo a parte teórica, a parte científica e aqui a gente tava fazendo uma junção, dessa parte teórica mais com o prático. [...] Lá a gente estava estudando conteúdo, aqui a gente tava trabalhando saberes, há um diferencial, existe! Porque aqui aqueles conteúdos, aquelas palestras tudo aquilo q a gente via na lá na Universidade, com o curso, aqui na comunidade a gente iria enriquecer, enriquecer como? Com a vivência do aluno, com a experiência que o aluno tinha, com a vida dele no campo... Foi um período muito gostoso, foi muito porque a gente além de estar vendo o teórico, tava fazendo a junção do teórico com o prático. Contribuiu demais até... A gente tinha um norte, tinha como dirigir, tratar toda aquela pesquisa científica, trazer para o popular, trazer pra o campo e desmistificar. Então, foi um processo muito bom, muito gostoso... A gente sente muita falta dessa relação, desse acompanhamento, a gente sente muita falta dessa parte aí. Talvez o Saberes hoje, o Projovem hoje não tenha mais aquele perfil que teve o dois, porque falta essa parte do Acompanhamento, claro que com o tempo agente já adquiriu muita coisa, mas era uma troca de experiência.

Claudete- Principalmente porque a gente teve o prazer de ter a FETAPE e Soninha nos orientando, q já tem um conhecimento mais amplo, tinha aquelas capacitações muito boas quando eram com a FETAPE, que a gente sentiu um pouquinho assim quando a gente saiu das capacitações da Fetape com a Universidade, porque eles já tinham uma maneira mais ampla de falar sobre a agricultura. A gente tem esse privilégio porque a gente tinha as capacitações e hoje estão entrando professores que não tem essas realidades, não tem essas capacitações que a gente teve antes então pegam uma turma sem entender muito o horizonte, norte pra onde é que vai... A gente vê muitas dificuldades

Ênio- Como eu tinha falado antes, em relação às capacitações, é que nem se a gente fosse pra essas capacitações com um pouco de conhecimento mas quando a gente chegava lá se abria a mais uma visão diferente, mesmo a gente as vezes pesquisando através internet, de tudo que se tivesse pra se pesquisar, mas nesse momento trazia muito mais enriquecimento do que se pesquisasse a semana todinha, ou o mês todinho. Porque eles trariam pra gente novas coisas, novas fontes de você pesquisar, formas de ver a realidade...

Adiene- Era uma troca de saberes...

Ênio- É uma troca em si, porque a gente levava daqui algo que se tava trabalhando, que a gente fazia aquela divulgação, aquele trabalho, só que depois desse período, encima daquilo que a gente tinha feito eles iam mostrar novas formas até de se trabalhar com a educação do campo. Uma coisa interessante que Claudete colocou nesse momento foi em relação que se entrou muita gente nova que não teve essa oportunidade que a gente teve e aonde a gente vê que aquelas pessoas tem muita dificuldade porque não conhece a realidade, realmente. Porque é diferente você trabalhar na cidade e chegar aqui no campo e querer trabalhar conforme se trabalhava lá. Através dessas capacitações a gente viu que não é aquela forma, que não é aquela linha reta... A gente tem que ir de acordo com a realidade da comunidade, tem que trabalhar com isso. Então essa capacitação veio pra nos orientar como se trabalhar com isso. Não é uma linha reta é um circulo, num pode ser desvirtuoso de mudar, baixar porque a gente não sabe o que é isso. Porque cada realidade é diferente... A realidade da comunidade quilombola é totalmente diferente da realidade desse sítio aqui. E onde a diferença é em torno de um quilombo.... e a realidade já muda.

Karla- Tão próximo territorialmente mas com características tão distintas

Ênio- Mas as características diferentes...

Adiene- Identidades diferentes

Ênio- Até nos processos que a gente trabalhou aqui, através dessas capacitações, a gente teve como resgatar várias coisas, resgatou a questão da argila, a gente trouxe cursos, onde eles puderam através disso... a gente tem até vários materiais que foram feitos por educandos daqui. Não colocou só uma coisa, mas várias coisas que já existiam, um resgate. A gente tem uma visão também de que os professores, os educadores da cidade sempre discriminam a educação do campo, como se ela não seja uma realidade que possa acontecer. E a gente vê diferente porque saíram alunos daqui e foram estudar na cidade, que estavam no nível ou acima do nível dos alunos da cidade...

Claudete- Mas tinham o que, além de estar nível dos alunos da cidade tinham um conhecimento a mais, na sua área que eles já tinham, eu acho assim que eles tavam com os olhos vendados pra sua realidade, mas quando a gente chegou a gente sentiu isso nos alunos também, quando a gente ia pra uma aula eles diziam: Qual o assunto que a gente vai ver hoje? Eles tinham como se a sala, ou a educação do campo era uma coisa normal, como era por aí, mas a cada dia eles foram entendendo e aperfeiçoando. E foi muito bom, interessante e quando eles saíram, saíram do mesmo nível que o pessoal da cidade, mas com conhecimentos a mais, mais amplo.... na maneira de pensar.

Ênio- Essas formações a gente sente até a carência das formações nesse período que a gente tá hj trabalhando na outra comunidade, porque se tivesse com certeza trariam novas realidades diferentes, mais conhecimentos.

Karla- Claudete já começou a falar mas eu queria que a gente pudesse conversar um pouco mais também, vocês recebiam tanto formação da Universidade quanto da FETAPE, aí nessas diferentes formações a gente tentava dialogar que uma pudesse complementar a outra, mas haviam diferenças e coisa e tal...

Aí eu queria agora que vocês falassem dessas diferentes formações que vocês receberam, quais vocês gostariam de destacar, quais foram mais importantes porque vocês gostariam de destacar elas, era a forma de trabalhar, era a forma como era abordada a temática, era a temática em si... Quais as diferenças básicas que existiam entre uma formação e outra e pra vocês quais contribuíam mais e quais vocês gostariam de destacar nelas?

Adiene- Eu acredito assim, que todas as formações tanto as que eram dadas pela FETAPE, quanto pela Universidade, elas contribuíram bastante. O diferencial entre as formações da FETAPE e as formações da Universidade, é que os formadores da FETAPE eram justamente aqueles formadores que estavam ali ligados ao campo, eram experiências do campo, eram levadas experiências do campo mesmo. E a Universidade ela trata, que o papel dela mesmo, tratar mais de uma questão acadêmica, não que houvesse uma disparidade entre as duas, uma complementava a outra, uma vinha complementando a outra. A FETAPE trazia pra gente a questão da experiência, da prática, da vivência mesmo do campo. Universidade tratava tudo aquilo que a FETAPE trazia, mas de forma acadêmica, que o papel dela, é claro. Então, dizer qualificar o que é melhor, o que é pior, de forma alguma. Elas vieram a contribuir na nossa prática. E o que é que a gente fazia, naquele momento, fazia uma união, uma junção entre o teórico e o prático. Que foi o que contribuiu, que é isso que a gente vem sentindo falta hoje... desses momentos de discussões, deste momento de, por exemplo, de tratar a política pública, como ela é de verdade, de ter uma visão do que é a política pública... Essa parte que a gente sente falta... De como trabalhar com a economia solidária, que não é fácil, a gente sabe q é um eixo bem... diante do sistema que a gente vive hoje e a gente precisa disso aí, dessa troca de experiências, dessa vivência mesmo, desses novos olhares... então é nessa parte que eu vejo que a gente precisa tanto da parte acadêmico da Universidade, quanto da parte da vivência dos Movimentos...

Karla- Teve alguma formação que foi muito marcante pra essa tua trajetória, que representou alguma mudança na tua forma de ver ou de atuar, teve alguma que se destaca nesse processo de dois anos?

Adiene- Teve, o eixo de Política Pública, é um eixo muito complexo, principalmente quando você vive em um mundinho... e que traz a política pública, que as formações eles tratavam a política pública como política pública de verdade, o lado positivo, o

lado negativo, qual o papel também do social envolvido nessa política. Então, uma das formações assim que me orientou bastante, que eu pude fazer bem melhor em sala de aula, foi o eixo de política pública. Quando eu digo que é bem complexo, porque a gente não pode esquecer também das formações, dos eixos que trataram de Identidade, que é o ponto principal, o ponto chave... Pra você ver como uma coisa vem puxando a outra... Como eu vou trabalhar política pública, se eu não entendo a questão de identidade, de gênero, a questão de raça?... Então, uma coisa vem complementando a outra, classificar o que mais contribuiu ou não é um pouco complexo. Todas as formações foram ótimas e eu acredito que é isso que faz ser um profissional diferente, de ter esse olhar. Quando Ênio diz, na verdade, quando a gente fala da Educação do Campo, quando a gente fala do Programa, fala das formações, nas nossas escolas ditas normais, principalmente eu que estou bem ligada a essas turmas da cidade, das demais esferas do município. Muitas vezes achavam até que a gente tava se crescendo, aumentando, mas é porque é diferente. É uma temática diferente, as demais escolas tratam de políticas públicas trabalham, mas não da forma que a gente tá trabalhando, trabalham identidade? Trabalham, mas talvez não trabalhem com o olhar que a gente tá trabalhando hoje... Tanto que nas formações do PBA (Programa Brasil Alfabetizado) eu sou uma das formadoras, e eu trago sempre essas experiências que eu tive durante o programa, durante todo esse meu tempo no Projovem Campo, porque é uma forma diferente de ver o campo, de ver o agricultor, de ver a agricultura familiar....

Ênio- Porque cada formação ela tinha relação com o eixo temático, o projeto em si é num sistema *feed back*, que tem um processo que volta sempre ao início, o ultimo eixo ele pega todos, engloba. Em relação a ter um específico, todos foram importantes. Como inicia-se com identidade, que eles vão conhecer a si próprios, a comunidade que eles tão vivendo, porque às vezes eles conhecem por cima, mas quando se aprofunda em algo naquela realidade é diferente. Vai num processo que se começa pela identidade, muda para outros processos até se chegar a um eixo temático chamado Sistema de Produção, que é onde eles vão botar um pouco da realidade que eles trabalham, isso se torna importante porque a gente pode ter uma visão e eles ter uma visão da realidade deles, só que diferente da que a gente tem... E eles pensam se aquilo que eles tão fazendo tá certo ou tá errado e a gente vai trazer algo melhor. Quando se teve uma formação com esse Sistema de Produção, foi fundamental que a gente pode ver novas tecnologias que poderiam ser colocadas, que a gente até fez uma visita em Carpina, foi dividido em várias turmas... Teve uma que foi olhar a questão de apicultura, a gente foi olhar um sistema PAIS, que é um sistema que dá pra se colocar na comunidade, que tem a ver com a realidade do que eles trabalhavam que é a criação de galinhas, só juntamente com a horta, só que como eles não tinham a horta a gente pensou não! Eles podem fazer pequenas quantidades perto da sua casa, dentro do seu próprio domicílio.

Neste processo, em relação a isto, como Adiene falou, todas estão interligadas, em relação a se ter uma melhor que a outra, é difícil você saber, no meu ponto de vista

todas foram importantes mas como a gente trabalha com o produtor rural e uma questão que hoje a gente trabalha muito é como ele se fixar no campo, então é a questão da produção, infelizmente o que a realidade mostra é isso, porque se ele não tem como se fixar, as vezes ele produz mas 'não vou vender não' porque ele produz mas quando vai vender é esse preço e quando vai comprar é o dobro. E nesta parte de Economia Solidária, tudo tem a ver, mostra que se eles se unirem e se eles pudessem fazer um tipo de associação de produção, eles podem ter um valor agregado aquela produção que ele produziu, então todos os eixos temáticos buscou a realidade da comunidade como uma realidade que pode ser vista e pode ser trabalhada muito melhor, na minha visão todos foram iguais... [...]

A gente trabalhou identidade, a gente trabalhou economia solidária, a gente vai colocar assim pra eles que as vezes não tem o conhecimento da ciência mas a gente vai explicando ... Tem o PNAE, tem o PAA, que pode ajudar a vender a produção deles... e já envolve os outros eixos temáticos, um interliga com outro, um sistema de retroalimentação, de *feed back*, se não tiver um não vai ter o outro nunca. Então é uma realidade diferente de quando você vai lá na rua.... Conteúdo é isso, ele já faz o programa do conteúdo que vai se trabalhar o ano todo, aqui não! A gente vai trabalhando com a realidade de cada aluno, com a realidade de cada comunidade... a diferenciação que existe... todas as formações foram fundamentais, se tiver pra cada vez mais melhorar, devia ter em todos os programas, com o tempo isso tá se acabando... já que eles tem um conhecimento maior num é necessário mais fazer formação. Todos os dias a gente precisa de conhecimento, não só aquele período que passou, quer dizer que a gente não precisa mais... e as novas coisas que surgem???

Imagine se um médico diz, não eu num vou estudar mais não que eu já sou capacitado e a gente cada dia tá aprendendo.... E o tanto que a gente trouxe daquela formação pro campo, isso quer dizer que foi algo bom... [...] se não tem aquela oportunidade de ter aquela formação a gente vai procurar outra forma, outro meio, em relação aos eixos temáticos todos foram bom pra mim, [...] uns vai mais pra frente outro vai menos, mas isso acontece na realidade que você vai viver.

Karla- Então foi construído esse sentimento do professor pesquisador, que independente das formações a gente tem essa necessidade...

Adiene- De estar sempre pesquisando....

Ênio- Buscando novas realidades, senão a gente vai parar no tempo...

Karla- E Claudete que é que gostaria de falar das diferentes formações se gostaria de destacar alguma...

Claudete- Eles já falaram né, os dois já falaram da importância de todos...

Karla- Mas e o seu sentimento?

Claudete- É o mesmo sentimento, porque em cada formação a gente aprende mais[...] Então foi isso todos os eixos pra mim foram muito importantes!

Karla- Para vocês qual o sentido da gente trabalhar com a Educação Popular na formação dos professores do campo, por que essa opção pela Educação Popular e quais as possíveis contribuições?

Ênio- Como a gente poderia trabalhar na Educação do Campo com a Educação Popular?

Karla- Tanto a Universidade quanto a FETAPE buscou trabalhar na perspectiva da Educação Popular na formação dos educadores, nos momentos que a gente tava nas oficinas, nas rodas de diálogo, na forma como a gente ia construindo o eixo temático, criando situações para que vocês fossem trazendo os saberes de vocês, da realidade de vocês... essa opção pela Educação popular na formação de educadores do campo, teria algum sentido pra vocês?

Adiene- E como! Tem muita contribuição, na verdade é como se aos poucos a gente fosse autor daquela situação, aquele momento de troca, de se trabalhar com rodas de diálogo, apresentar experiências, isso é fundamental, [...] é muito importante trazer essa educação popular praquelas conversas, pras rodas de diálogo...

Ênio- Educação Popular, na questão da construção, em relação às formações, isso é fundamental pelo seguinte motivo, a gente levava uma realidade e outra comunidade levava outra. E através de uma realidade que vocês faziam na Educação Popular, a gente podia trazer e comparar com a realidade daqui juntamente com os alunos, não algo pra trazer e se fixar, mas se tirar dela pra se colocar lá... porque é algo bom. Quando a gente trocava lá, a gente via, eita aquela comunidade tá fazendo aquilo, e poderia se fazer de uma forma diferente na nossa comunidade. Quando se tem essa troca de experiência em relação a Educação Popular é fundamental e sempre eles se colocavam e comparavam e colocavam, essa problematização tem a ver com sua realidade? Será que vocês tem esse poder? Porque a Educação Popular a gente faz de acordo com a sua realidade. Como a gente fazia sempre na questão dos planejamentos, às vezes o planejamento era em relação a todos, outras vezes era só na sua área, aí cada área se comparava com uma realidade diferente da sua comunidade e isso enriquecia muito o conhecimento do que a gente chamava de Educação Popular.

Adiene- Tendo sempre o cuidado de não trazer essa mistificação de culturas, sem fugir da nossa realidade, da identidade do nosso aluno, aqui a gente também tem que ter esse olhar. É diferente, a forma como a comunidade, por exemplo, da Mata Sul vive pra nossa realidade aqui do Sertão. Então a gente tem que ter esse cuidado, de estar analisando, vendo... O que é que eu posso levar pra o meu aluno, de tal região, o que eu posso levar pro meu educando que vai potencializar o que ele já tem, essa potencialidade, essa junção, esse acréscimo é fundamental... essa troca!

Karla- Pelo que vocês falaram já existia algum vínculo com a comunidade aqui, ou era só com a Gia, antes de começar a dar aulas na turma do Projovem de 2008?

Adiene- Na verdade as comunidades Gia e Mendes elas são bem próximas, então dizer que eles nunca ouviram falar no Saberes da Terra, num existe! São comunidades bem próximas inclusive teve alunos da própria comunidade Gia que vieram estudar aqui nos Mendes. Eles já conheciam, já sabiam do que se tratava o

Programa, eles já tinham um pontapé pra onde ir, já tinham um norte, pra onde ir, o que acontecia lá, já tinham uma certa ligação.

Karla- E pra vocês? É tão interessante isso, como professor, eu também faço isso, mas quando a gente vê o outro fazendo chama mais atenção... Quando a gente faz uma pergunta pra o professor e a gente tem a tendência a responder falando pelo aluno... Pra vocês como foi participar desta edição do Programa, se sentiram estimulados a se envolver com a comunidade, a conhecer mais profundamente, a se envolver no Projeto de Intervenção, e ter esse desejo de continuar mesmo depois do término do Programa. De não ser só o professor que vem e dá duas horas de aula e vai embora, mas um professor que passa a conviver com aquelas pessoas, que passa a conhecer um pouco mais da vida e do trabalho deles, como é esse envolvimento com a comunidade, com os alunos?

Ênio- Com relação a todos aqui, como a gente já é de um município pequeno. A gente já tinha uma relação com a comunidade, relação com aquelas pessoas que viviam na comunidade[...] já conhecia o pessoal, já tinha uma amizade. Só que a partir desse Projeto, aquilo se tornou mais intenso.

Claudete- Enraizado, com mais raiz, a raiz mais profunda.....

Ênio- É com, mais raiz, porque ali você viu que como o Projeto veio e mudou, não só a realidade deles, mas mudou a nossa realidade, a gente teve um contato mais profundo, mais enraizado que nem diz Claudete. Sempre estava aqui, tinha uma missa a gente tava aqui presente...

Adiene- Uma reunião da Associação

Ênio- Até no termino do que aconteceu o Programa, a gente ficou em relação as galinhas, os meninos diziam, ei tá acontecendo isso aqui, vem aqui pra dar algum tipo de orientação, ... e a gente tava presente, é uma realidade porque [...] a gente sempre teve essa questão de criar o vínculo, a gente não é só o professor e sim um amigo deles. Porque a gente tá trazendo um conhecimento e eles estão repassando outros conhecimentos...

Claudete- É uma coisa que eu sempre destaco nas turmas onde a gente está, na Gia e aqui também nos Mendes, que a gente num é professor e aluno, nós somos amigos, moramos no mesmo município e a gente hoje percebe, diferentemente da escola normal, como a gente chama, que hoje os nossos amigos alunos aqui da comunidade, quando chegam lá na cidade, é diferente, aquele beijo, aquele abraço, aquela consideração que existe entre a gente...Uma coisa que não existia e um dos pontos que me chamou mais atenção, apesar de a gente estar falando de sentimento, foi uma aluna lá dos quilombolas... Logo que a gente chegou, uma das alunas ela tinha medo da gente, quando a gente chegava perto dela, pra ensinar alguma coisa a ela, ela ficava se tremendo, fazia vinte anos que ela tinha ido a uma sala de aula, [...] ficava nervosa. E agente chegava, era diferente, fazia carinho nela, ela já era uma senhora e a gente foi construindo aquela amizade. Hoje essa mesma senhora, que tinha aquele medo de falar, hoje ela é presidenta da Associação...

Ênio – E fala muito bem onde ela vai pras reuniões... Pra você ver se não tivesse esse vínculo de amizade, o estudo, o repasse de informações, seria mais difícil....

Claudete- Esse carinho, essa amizade mesmo, essa coisa do ser humano... Aquele carinho, aquele apoio, ela trabalhava numa roça a uma hora da casa dela....Ela vinha, chegava aqui cinco horas da tarde, tomava banho e vinha pra escola... Muitas vezes nem jantava... era quilômetros. A gente achava interessante que ela pegava uns pau... e fazia aquele facho...

Adiene- E era esse facho que levava ela pra escola, queimava e servia de lampião até a escola, e era mais de quilômetros.... depois de um dia todinho de trabalho... E era mais de quilômetros subindo e descendo serra... infelizmente não tem como a gente não se envolver!

Karla- Que luta! ... Infelizmente?

Adiene- Felizmente! São laços que se criam e não tem como se quebrar, hoje quando a gente se encontra é dona Adiene pra cá, e eu num sou dona, dona Adiene pra lá... Na quarta feira que é o dia da feira em Quixaba, a gente passa mais tempo vendendo galinha mais eles no meio da rua do que mesmo nos trabalhos, fazendo a feira...

Claudete-.... E hoje ela ainda está estudando, no EJA médio, está terminando o EJA médio, uma pessoa que quando a gente chegou, tinha o maior medo de falar... , se tremia todinha, que quando pegava na caneta você ouvia o batido na mesa, se tremendo mesmo, de nervosismo... são coisas assim que a gente constrói.

Karla- E que marcam muito nossa história de educador, de ser humano mesmo... Eu sempre, quando escuto essas histórias, penso que a gente devia ver formas de documentar isso, cada comunidade, cada turma, escrever suas histórias de vida, de aprendizagens... A gente ver formas de tornar isso público... das pessoas saberem disso. Porque talvez pra quem esteja vendo esse programa como esse de longe, de fora, quantos alunos se matricularam, quantos foram até o final, quantos continuaram no EJA médio... parece que é uma coisa que vai ficando muito frágil...

Adiene- A realidade de vida de cada um... o que cada um passou durante esses processos....

Karla- Mas a importância que tem pra essas pessoas... Uma mudança de paradigma mesmo, como você falou, porque uma pessoa que antes não conseguia se pronunciar diante de outra pessoa, assume a presidência de uma associação e decide continuar estudando, isso é fundamental, não só pra ela que viveu isso mas também pra quem está ao redor e acompanha esse processo.

[...] E a gente já pode ir falando além do envolvimento com a comunidade, como foi o envolvimento com o Projeto de Intervenção, Ênio já contou um pouco no começo, que a partir dos estudos que foram feitos, vocês viram a possibilidade da criação de galinha diante das condições naturais e culturais da região ...Mas como foi, fazendo essa ponte, entre o envolvimento com a comunidade ... porque também acho exigiu uma confiança entre vocês e eles, pra decidir fazer coisas juntos. Como vocês disseram inicialmente, as próprias famílias investiram os recursos, os materiais pra ver a coisa acontecer... como isso vai se construindo?

Ênio- Mesmo tendo a confiança, na convivência com o Projeto, foi difícil [...]. Adiene disse... Vamos fazer alguma coisa lá pra que eles vejam que a realidade é essa, [...] é difícil você chegar pra uma pessoa e dizer vamo se sentar e fazer isso, vai que

num dá certo, porque você vai tirar do seu bolso algo, que você vai passar em torno de três a quatro meses pra ter algum retorno... e a gente explicou tudo a eles.

Adiene- Que é o principal [...] Tudo isso que começou de um estudo de potencialidades, de uma análise da comunidade mesmo, do que eles sabiam fazer, do que era propício, o espaço onde eles viviam, qual a concepção deles diante de determinadas situações...Então não foi do dia pra noite que a gente decidiu 'Vamos levar pra lá criação de galinhas caipiras'. Porque lá num tem água, de forma alguma. [...] A gente teve que estudar a comunidade e ver o que era possível de se fazer... Daí foi proposto diversas situações, nesses diversos caminhos, eles escolheram esse, num foi um momento fácil. Eles estavam iniciando com o dinheiro deles, era aquela incerteza... e aqui a comunidade eles viviam de passar seis meses aqui e seis meses no corte da cana, e o dinheiro que eles ganharam naquele corte de cana investir numa coisa incerta. Tanto pra eles quanto pra gente, foi uma questão complicada, não foi uma escolha fácil... foi uma tomada de decisão difícil. [...] Eles estavam deixando uma realidade pra trás e aderindo a uma nova situação. É claro que não era tão nova pra eles, porque eles já tinham essa visão de criação, como criava, mas eles criavam apenas pra sua subsistência, pro seu consumo e hoje não, eles criam, além de para seu consumo, pra revenda. E não ficou só na galinha caipira, [...] eles acordaram pra outras situações, como por exemplo pra criação de porcos, agora estão investindo em outras situações. [...] Esse foi o pontapé inicial, foi um leque que foi se abrindo pra várias outras situações depois...

Ênio- A partir do momento do querer, você mostrar a realidade pra eles. Porque você botar do seu bolso, ser do seu recurso próprio é difícil [...]. Através desse início, porque tem que ter um ponto de partida, pra chegar onde você quer [...] Imagine se a gente na época, não tivesse iniciado com essas duas famílias a criação de galinha[...]. E as vezes quando você vai colocar um recurso próprio, você tem um amor até maior, se eu to colocando aqui eu vou ter que investir cada vez mais...E na realidade com a criação de galinhas como a gente trabalha a questão de gênero, a mulher ela está mais ligada, já que o homem vai trabalhar pra procurar outras soluções, vai a campo, vai pra roça e aí ela podia tomar de conta e ficar ali cuidando... Ali ela tem uma autonomia e uma forma de ganhar dinheiro! Auto gestão! A partir daí teve uma aluna que comprou uma moto, outros compraram um carrinho pra transportar as galinhas, ela comprou uma moto porque se sentiu auto suficiente... Imagine se isso não tivesse acontecido na vida dela, era tudo mais difícil [...] Devido a alguns problemas alguns trocaram a criação de galinhas pela criação de porcos, só que não deixaram de estar produzindo. O mesmo espaço que eles produziam um tão produzindo o outro. Se naquela realidade tivesse iniciado com a produção de porcos também tinha dado certo[...]. Tem que ter um pontapé inicial, tem que ter a vontade própria, porque você chegar e disser a gente tem um projeto, um trabalho, mas se eles não quiserem não vai dar certo...

Adiene- O olhar diferente do Projeto foi apresentar novas opções de vida, foi apresentar novas situações de vivências... Eles começaram com a criação de galinhas caipiras, viram que dava certo, que tinham as condições de serem produtores e não apenas só consumidores [...]. Então foi aí que se abriu novas

visões... Na verdade, qual foi o nosso papel aqui? A gente ensinou ao aluno a pescar, agora se ele ia pescar o peixe ou não ia ser da vontade dele, ia depender do trabalho dele... Então a gente trouxe todas essas situações, foi através do Projeto de Intervenção, do Saberes da Terra, que eles viram a possibilidade de se viver e se viver bem!

Karla- E acabado o Programa, porque vocês disseram que o recurso saiu pro Projeto de Intervenção, três meses depois de finalizado a escolarização do Programa. Inicialmente inda houve o acompanhamento da Secretaria de Educação e quando acaba os acompanhamentos que a secretaria e esse recurso, na opinião de vocês quais os maiores desafios pra continuidade das ações, da produção?

Adiene- Eu acredito que o maior desafio é a questão do incentivo mesmo, e aqui pra Quixaba, esse incentivo continuou, pois a gente continuou fazendo as visitas, incentivando, querendo saber como estão os criatórios, como estão comercializando, comprando também os produtos deles, é claro... incentivando outras pessoas a comprarem... Então mesmo depois da saída da SE e do término da turma nós não deixamos eles sozinhos, nós continuamos, e um dos principais desafios deles, que a turma viveu foi todo esse processo de seca... Foi muito difícil investir, porque tudo tem um custo, e o custo da criação não é pequeno, o principal desafio deles foi todo esse processo, foi sobreviver a três anos de seca e depois de tudo isso ainda estão aí produzindo e com novos caminhos também... O maior desafio mesmo é nessa parte do acompanhamento e da parte financeira, que eu considero uma das piores situações em relação a esses programas... Assim, na verdade, a gente não tem como abandonar, tem que ter o auxílio financeiro, o apoio técnico, não tem condições do educando, do agricultor ficar sozinho... Como a gente conversava na minha aula: Quantos agricultores tinham tido o apoio, a visita de um técnico em sua propriedade? Nenhum! Porque a gente sabe da carência de técnicos pras famílias, e não é só a família, é a comunidade [...]. Eu considero um dos maiores desafios mesmo hoje eles tendo uma certa maturidade, mas tem que ter essa assistência, esse olhar diferenciado e esse olhar é fundamental... Tem que ter aquele técnico, tem aquele acompanhamento...

Karla- Desafio é o que mais tem... Permanentemente...

Claudete- A gente vê nessa turma que agente tá trabalhando agora e vai terminar em agosto (do Projovem 4) e até agora agente não tá tendo da parte do governo, como veio esse projeto praqui, até agora nada e a gente não vai ter...

Karla- Foi esclarecido se vai ter recurso pra o Projeto nessa edição?

Claudete- Num foi esclarecido nada! A gente trabalha, trabalha, mostra as possibilidades ao aluno, ao agricultor, mas eles não tem financeiramente como começar... aí agente fica muito triste por conta disso.

Adiene- Agora mesmo, nós estamos encerrando uma semana de oficinas. Nós quatro, nos juntamos e organizamos uma semana de oficinas. Desde a parte de culinária até artesanato, aí cabe ao aluno, ver no que ele se encaixa, o que é melhor pra ele, no que ele vai produzir. Inclusive, ontem teve um momento de socialização de toda a semana, com trabalhos belíssimos... Mas num é fácil, a gente tá tirando do nosso dinheiro, do nosso salário que não é muito, mas é uma questão de gostar

mesmo... Porque quem bebe da água da Educação do Campo, não tem como voltar, querer voltar pra esse mundo é muito complicado, é como se fossem dois mundos...

Karla- E via sindicato, não teria como acessar, eles tem a inscrição de Agricultor Familiar, ou via sindicato ou editais algum desses recursos,?

Claudete- A gente trabalhou muito aqui com o PRONAF B

Karla- Por que seria interessante já que existe esse recurso público pra isso, quando a gente fala da profissionalização, tanto para os educadores quando a gente considera o profissional em serviço, ele está trabalhando recendo formação continuada e recebendo pelo seu trabalho. E para os agricultores quando a gente fala do ensino profissionalizante, o ensino integral na verdade então tem que ter a elevação da escolaridade com a qualificação social e profissional. E como a gente vai qualificar profissionalmente se não há nenhum tipo de incentivo ou de recurso, voltado para isso...

Ênio- Uma vez que esses projetos do Pronaf B , que a gente chama de *pronafianos*, eles se destinam, eles já colocam pra que é, quem faz as planilhas são os Bancos. [...] É um modelo de uma planilha só pra um algo... como se a realidade do produtor rural seja só pra criar boi, criar cabra, só pra isso. [...] É um modelo de uma planilha que não se adéqua a realidade dessa região, se quiser fazer um projeto pra produzir horta num vai conseguir acessar. [...] A dificuldade que se tem aqui ... é a questão da assistência, as políticas no Brasil existem, mas comparando com aqui, hoje, é um técnico pra dois mil agricultores, imagine isso no município, será que você tem condições de dar assistência técnica pra isso aí? Em relação ao projeto da gente, terminou, concluiu, mas a gente continuou dando assistência, mas a gente sabe que tem outras funções, tem que fazer outras coisas, imagine terminar o programa aqui a gente precisa procurar outro meio de sobrevivência... Se torna difícil, a gente vir e continuar dando um acompanhamento melhor pra esses produtores, se tivesse algum tipo de garantia específica, muitos produtor rurais, não só em Quixaba mas no Brasil como um todo se tornaria mais fácil... As políticas no Brasil existem, mas elas não são colocadas a partir do que realmente é necessário, quando a gente tá estudando a Educação do Campo a gente vê que as coisas para o campo são colocadas de cima para baixo não de baixo para cima. Se a gente for observar a realidade de cada município, Cooperativas que dão certo no Nordeste, poucas! Se for pro sul, são várias cooperativas que dão certo, porque existe uma visão diferente da que existe aqui e não tem aquele apoio técnico... E a Educação do Campo, vem justamente pra isso, pra mudar a visão deles em relação a cooperativismo, associativismo. [...] Então se tivesse as políticas destinadas à Educação do Campo, vendo a realidade do agricultor

Adiene- A gente necessita disso, a gente vai acessar um Pronaf, tem tanta dificuldade, a burocracia é tão grande, que quando a gente vai pra lá.... acaba desistindo....

Ênio- Por exemplo uma turma em Quixaba, abrange 16 alunos e o restante das outras comunidades, como é que vai existir? Se você for lá e perguntar a qualquer aluno, eles vão dizer a gente necessita disso, a gente precisa de um investimento do governo... Tem a dificuldade, tem a burocracia, tem o Pronaf jovem , tem o Pronaf

mulher, mas quando você vai pra lá as pessoas não tem nem ideia do que precisa pra acessar um programa desses....a partir do momento que você está num programa de Educação do Campo, e tem um técnico que está lhe orientando ali, você já pode considerar esse tempo aí... Existe o recurso, mas tem tanta burocracia, uma barreira tão grande que eles desistem..

Eu dou um exemplo, já colocando você vai lá em Princesa Isabel lá tem duas granjas , o produtor grande tem mais chance de conseguir o crédito do que o pequeno, porque pode pagar...

Adiene- É uma política que tem uma proposta interessante mas que na prática não funciona, a própria política exclui. O grande produtor para o Banco, tem mais chances, mas e aí, o pequeno vai ser sempre pequeno? Se é uma política pra agricultura Familiar?

Karla- algo que não foi perguntado, e gostariam de falar sobre essa experiência de vocês...

Adiene- [...] Na minha concepção as políticas de Educação do Campo, elas tem que ter uma definição maior, a política sai lá de cima de uma forma, [...] mas quando ela vem chegar pro agricultor familiar, ela já vem tão comida pelas beiradas, que chega pra eles praticamente nada! E o papel dos conselhos é tentar potencializar para que essas políticas cheguem até o agricultor. [...] Na verdade tem que ter um olhar diferenciado, mesmo, principalmente pras regiões do sertão. Em todo esse processo de evolução que o Brasil vem passando... E que foi um Programa importante, que voltem mais esse apoio das formações, [...] não tem como a gente produzir bem ,estar bem se não tiver esse apoio técnico, esse apoio pedagógico, esses apoio financeiro, não tem como.

Ênio- Em realidade à vida dos agricultores isso é um programa, não é uma lei ainda,se deveria se colocar isso como lei pra verem que isso tá dando certo. As visões da Educação do Campo, elas estão sendo modificadas, perante a visão dos políticos, porque estão vendo que em muitas comunidades dá certo, basta nós como educadores com os alunos, agricultores, com os políticos, a gente tem aí, várias comunidades que estão progredindo, devido a um programa que poderia se tornar uma política e que estivesse ligada á vida do agricultor. Tem que ser do campo para o campo... senão jamais vai dar certo [...] Em muitos casos, é necessário ir pra cidade, será que só na cidade pode ter tudo? Isso também exigiria uma divulgação grande, tudo que entra na mídia, se torna mais fácil, uma mídia que apresentasse essa outra realidade, que está dando certo, [...] uma comunidade pode ser uma referência para o Estado. Muitas vezes a gente julga a sociedade, mas só que muitas vezes a sociedade nem sabe o que está acontecendo... Vamos fazer isso, mostrar as realidades que estão dando certo... Os movimentos estão aí lutando pra isso, pra que isso não se torne um elefante branco, que se constrói, acontece, e depois vão embora e não se faz mais nada... nada acontece. Só exigir do profissional e não dar condições pra ele trabalhar....

Adiene- É que eu vejo que para o Campo ainda se tem muita discriminação, a bolsa dos estudantes do campo, é a metade da dos estudante da cidade, nós que somos professores, do campo, somos locados na escola do Estado e quando vem esse 14°

eles perguntam por que é que a gente vai receber se a gente não faz nada na escola?

A gente sente essa rejeição das escolas normais, não só aqui em Quixaba, quando a gente vai aos encontros, quando a gente começa a falar existe uma rejeição nas escolas estaduais... Muita coisa que deveria mudar...

Karla- Muitas vezes o discurso é contra a discriminação, contra o preconceito, mas isso ainda é muito marcante, inclusive dentro de uma mesma categoria...

Adiene- Se você pegar um aluno do Projovem e um aluno da escola normal pra debater ou fazer uma palestra, sem dúvida, vocês vão ver que eles tem uma visão mais ampla, mais enriquecedora... Isso é o que faz a gente cada dia lutar mais, que a gente não só ensina, mas aprende demais...

APÊNDICE II

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM EDUCANDOS COMUNIDADE MENDES-QUIXABA-PE

O encontro foi marcado previamente através dos educadores, estiveram presentes apenas os educandos envolvidos no Projeto de Intervenção. Foram eles:

Jakeline Estevão de Souza
Roberval Mariano de Souza
Sebastião Edson F. da Silva
Roseni Maria do Nascimento de Souza
Arnaldo Mariano de Souza
Valdeane Mariano da Silva

Karla – Vamos dar início ao grupo focal com os educandos da Comunidade Mendes no município de Quixaba. Pra dar início eu gostaria que cada um de vocês se apresentasse e contasse um pouco sobre como foi pra vocês de ter participado do Projovem Campo- Saberes da Terra.

Jaqueline - Meu nome é Jaqueline Esteves de Souza. Participei do Programa Saberes da Terra em 2008. Para mim foi uma experiência muito importante porque quando eu era mais jovem não tive condições de terminar o primeiro grau. E pra mim foi uma oportunidade muito grande... Casei cedo e não tive a chance de terminar e consegui terminar aqui e logo após fui terminar em Quixaba, o segundo grau... Dei continuidade e isso foi muito importante pra mim. Terminei o primeiro e já encaixei no segundo já, então pra mim foi uma experiência que eu jamais pensei ter...

Roberval Mariano de Souza- Não estudei no Saberes da Terra, mas estou no EJA agora, terminando, é um prazer, não tive a oportunidade de estudar, mas agora to querendo terminar e continuar, que a gente não pode parar... estudo e tô focando, criando, não trabalho mais pra ninguém, trabalho pra mim mesmo, e isso foi iniciativa das escolas que veio pra o Campo. Não só eu como muitos também aqui, tá mexendo com essas coisas, com animais, criando galinha, porco... tá saindo, tá indo, pretendo terminar e seguir em frente.

Meu nome é **Roseni Maria do Nascimento de Souza**- Veio a escola praqui e eu também terminei a oitava... Eu achei muito bom, pra mim foi excelente trouxe muito conhecimento que eu não tinha, hoje eu tenho vários conhecimentos... Gostei, aprendi muita coisa. Através da escola veio esse projeto praqui, da criação de galinha, foi bom apesar dos obstáculos, porque tem né... Vamos tentar continuar no futuro....

Karla- O que foi bom, quais foram os obstáculos... Foi bom em que?

Roseni Maria - Na aprendizagem foi ótimo, ensinaram como a gente a trabalhar no próprio lugar da gente, porque muita gente tinha que se retirar daqui pra outro lugar, tinha que sair, os filhos da gente e agora a gente sabe trabalhar no próprio lugar...

Meu nome é **Sebastião Edson**- Pra mim foi muito bom esta escola ter surgido, porque tive muitas dificuldades na vida, antes de casar, na minha infância, não tive a oportunidade pra estudar, sempre ajudava meus pais na roça, [...] depois dos 19 anos é que comecei a estudar. Em outras cidades... Nas cidades grande. Eu tive que me deslocar daqui pra outra cidade, em busca de algum objetivo, da nossa sobrevivência. Que aqui a situação era muito difícil... O nordeste, semiárido é muito seco, a gente sofre muito com isso... Tive que me deslocar pro Rio de Janeiro,

estudei lá dois anos... mas aprendi muito pouco. Fui pra lá praticamente um analfabeto né, me alfabetizei lá e quando cheguei aqui era só alfabetizado. Aí comecei aqui mas num tinha nem a quarta série, quando surgiu essa escola aqui foi muito bom, eu tive como estudar mais que a minha vontade era sempre estudar, mesmo sem a quarta série, eu não tinha [...] No decorrer do tempo a gente fez uma prova e passei na prova e terminei até a oitava série. Pra mim foi uma maravilha...Logo quando eu entrei eu tinha um objetivo a seguir, que era tirar a carteira de habilitação para que eu possa né, graças a Deus eu consegui, quando tirei a carteira de habilitação pra mim foi uma conquista, fiquei muito feliz com isso. Terminei a oitava, pra mim foi uma maravilha essa escola... Estou cursando o ensino médio aqui e pretendo também terminar. A gente tem que estudar mesmo...

Sebastião Edson- Depois dessa escola daqui, principalmente o Saberes da Terra, da quarta à oitava série, eu num sabia praticamente nada, nem as quatro operações da matemática num sabia, e na área que eu comecei a trabalhar exigia muito a matemática, quando terminei a oitava fiquei pronto nas quatro operações, sabia tudo diretinho e quando comecei agora o ensino médio, tô estudando já apareceram outras coisas, me movimentando com outras coisas, trabalhando com construção civil, onde exige muita, muita matemática. Se não fosse essa escola do Saberes da Terra eu não estava onde estou agora. Hoje eu sou um encarregado geral de obras, trabalho bem em cinco cidades, sou responsável por tudo... Onde eu comecei praticamente do zero, praticamente um analfabeto... Uma pessoa só com o segundo ano de estudo não sabe quase nada e hoje eu pretendo terminar meus estudos e ir em busca cada vez mais... Fiquei triste porque não deu certo aqui, a criação de galinhas, por causa dos anos de seca, a gente teve essas dificuldade, comprando o milho caro, ração cara, água também, a quentura... Tudo isso atrapalhava muito a gente com essas criações. Surgiu também essas doenças... No começo tinha o acompanhamento do técnico, isso ajudou demais, por que se num tivesse a gente não tinha nem começado, aí depois que parou o Saberes da Terra parou também o acompanhamento... Ficou trabalhando por conta própria, aí não tem como a gente arrumar uma melhora, ir em busca de acabar com esses insetos, deve ser uma peste que tem nesse local pra acabar com essas galinhas... Muita gente... Tinha cinco ou seis famílias produzindo, todo final de semana vendendo seus animais, tendo uma renda boa... pensavam só em crescer mais. Mas só que depois que surgiu esse doencieiro aí... num teve como a gente trabalhar, a gente se queixa muito de uma assistência técnica que num tem pra nos ajudar. O município era pra ter um técnico pra nos ajudar, se tivesse um técnico pra ajudar num estava acontecendo essas coisas não... Paramos com a criação de galinhas, mas não paramos de todo, partimos pra outras coisas... eu parti pra área de construção, ele partiu pra criação de porco, pra depois quando melhorar mais o tempo a gente voltar pra nossas atividades que é a criação de galinha, que eu gostei muito e todo final de semana a gente tava com um dinheirinho no bolso... e é uma vantagem muito grande...

Meu nome é **Arnaldo Mariano de Souza**. Quero dizer que foi muito bom esse Programa Saberes da Terra, porque nós tínhamos um conhecimento, mas depois disso ficamos com mais conhecimento das coisas. Como o colega aqui falou, por causa dessa doença que gerou nos animais a gente deu uma parada, mas tá tudo organizado aí passar um tempo a gente vai continuar...

Karla- Tem que ver o que causou, pra poder eliminar a praga pra dar continuidade a criação, pois a estrutura toda vocês tem montada aí... (Algumas mulheres estavam

um pouco tímidas e inicialmente não quiseram falar) A gente vai continuar conversando e a hora que você quiser falar fique a vontade... Eu queria saber se com a participação no Programa, enquanto tava acontecendo as aulas, se isso ajudou a marcar alguma coisa na vida de vocês, na forma de vocês organizarem a agricultura, a criação, se houve alguma mudança no trabalho, o que mudou e como é que foi essa mudança?

Jaqueline- Pra mim mudou muita coisa, porque o estudo sempre é válido, a gente pensa que sabe tudo e no fim das contas a gente não sabe de nada. Quando comecei a estudar tinha certas coisas que eu já tinha esquecido porque tinha mais de dez anos que eu tinha deixado de estudar aí quando eu retornei... Eu não vou saber de nada, pensei que ia ficar pra trás de todo mundo. Mas quando a gente vai começando e tem aquela estrutura dos professores, da amizade deles também que conta muito, o aluno muitas vezes, deixa de aprender por causa do professor, o aluno querendo aprender e o professor ajudando, vai lá pra frente... Aí quando eu terminei aqui e fui pra Quixaba, muita dificuldade a gente teve porque não tinha transporte pra ir, o prefeito não queria disponibilizar o transporte porque era pouco aluno, mas a gente conseguiu porque foi perseverante. A educação pra gente é tudo, a gente pensa que aqui é só trabalhar, trabalhar, mas o estudo vale muito... Conhecimento, às vezes você participa de uma reunião você num sabendo falar, fica calado, num sabe o que falar e às vezes num tá por dentro do assunto e você estudando fica aquela coisa de se abrir mais, de falar mais. Já tem o que falar, já sabe se expressar. Sou dona de casa, trabalho geralmente em casa cuidando do esposo, dos filhos, da casa das outras coisas que vem, hoje participo de reuniões também, a gente precisa ficar focada no assunto da reunião, pra mim foi maravilhoso... Num tem palavras pra explicar a experiência que eu tive

Roberval Mariano- Antes desse Saberes da Terra vir praí, a gente não sabia de praticamente nada. Com as professoras, técnicos, formando, veio esse projeto das galinhas... Através do Saberes da Terra mudou muito a vida da gente, muito mesmo. A gente trabalhava pros outros, lascarado... Dependendo dos outros... Saía de casa duas horas da tarde e voltava no outro dia, à noite, trabalhando pros outros. E quando veio o projetozinho, a gente começou trabalhando com as galinhas, tava progredindo, gastava mas tinha um dinheirinho... Se num fosse essa praga que apareceu, a gente tava bem sucedido, que gastava muito dinheiro com remédio, apesar que pras vistas do que a gente tinha a gente já tá bem sucedido. Mudou muito que eu num to trabalhando pra ninguém, trabalho pra mim mesmo! Quero investir mais ainda, pra mim, e não depender de ninguém, depender de mim mesmo... Trabalhava muito durante o dia todo, agora sossego... Num tem esse negócio de quebrar a cabeça porque tinha que ir trabalhar... Hoje, a folga minha é o dia que eu quero, pros outros nem folga a gente num tinha... Tinha que trabalhar senão era descontado no pagamento...

Karla- Você trabalhava com que antes?

Roberval Com galinha também, na granja Princesa... fazendo entregas fora...

Karla- E o que foi que te motivou a passar da criação de galinhas pra trabalhar com porcos?

Roberval O que me motivou foi um colega meu, ali de Juru, a gente entregava galinha pra ele, ele tinha o criatório eu vi, me apaixonei, achei muito bonito. Ele que me deu essa dica, comecei com uma, aí ele me vendeu um porquinho pra fazer o barrão [...] Hoje eu tenho cinco porcas parindo... Tá prosperando e se Deus quiser meu interesse é crescer mais... investir mais, continuar progredindo...

Karla- E mais alguma coisa mudou na vida de vocês na forma como vocês se relacionam com os familiares, com os vizinhos?

Roberval- A gente vivia estressado, de mal humor um com o outro, a vida era muito puxada, hoje não, a gente vive de bom humor, de bem com o outro.... todo mundo é colega, se reúne, conversa, mudou muito... é muito gostoso...

Karla- Podem contar o que quiserem, pode ser algo pessoal também, que mudou na sua vida... a forma de você fazer as coisas... se a escola despertou em vocês o interesse em fazer alguma coisa, coisas que antes vocês não pensavam que poderiam fazer....

Sebastião Edson- Pra mim mudou muita coisa, eu fui seis viagens no Rio de Janeiro, trabalhar lá e duas pra São Paulo. Durante todo esse tempo que eu viajei e trabalhei muito e nunca arrumei nada pra mim. E depois, através dessa escola minha vida mudou completamente... Hoje, graças a Deus, a gente vive no sossego, a última vez que eu vim do RJ, casei, morei aqui numa casa bem pequenininha, passei dois anos e a porta da casa era flecha de agave, o chão não tinha nada... Depois que comecei a estudar, comecei a conhecer, porque quando a gente é analfabeto a gente não tem conhecimento não.... Tudo que acontece, principalmente o negócio público a gente não conhece nossos direitos, não sabe cobrar nossos direitos. Através da escola a gente vai adquirindo conhecimento. Hoje dentro de Quixaba mesmo, eu conheço muitas coisas, sei quais são os meus direitos... sou muito conhecido na região. Tudo graças a essa escola, essa escola que juntou a prefeitura, juntou o sindicato, e tudo isso a gente vai conhecendo melhor, vendo o modo deles trabalharem... Pra gente tirar aquele pensamento que tinha antigamente, que o sindicato só serve pra roubar.... A FETAPE só dava pra roubar, a prefeitura não ajudava em nada. Mudou, mudou totalmente essa visão que a gente tinha. E foi tudo isso através dessa escola do Saberes da Terra, essa escola que surgiu aqui na comunidade, até a oitava série, que agora a gente continua estudando, e tá adquirindo outros conhecimentos... mas que essas questões que a gente adquiriu foi através dessa escola daqui da comunidade. Porque antigamente era na Gia, mas a gente nem se interessava de saber o que era, se era pra criança, sabia quando chovia que as professoras mandavam avisar pelo rádio que não ia ter aula.... Nem sabia que escola era essa e quando terminou lá, as professoras, que nos ajudaram demais, puxaram logo pra cá, que é comunidade vizinha, pra gente foi bom demais... Eu posso dizer que a vida da gente mudou uns 75%, isso eu posso dizer porque eu sou um exemplo disso.... Antigamente não tinha nada na vida, num sonhava em nada, trabalhava o dia todinho e não tinha nada, a noite comprava o de comer e se no outro dia não aparecesse nada, não tinha nada. Antigamente não sonhava em nada, não tinha objetivo nenhum. E hoje, graças a Deus, a gente foca nos nossos objetivo, tamos em busca, estamos estudando, com aquela força de vontade a gente alcança nossos objetivos...

Karla- Foi o senhor que construiu sua casa foi? Que beleza!!

Sebastião Edson Foi eu, comecei aqui fiz uma casa bem miudinha, mas... um analfabeto, não sabia ler... muito pouco, não sabia escrever... Comecei a construir essa casinha e aprendi a profissão de pedreiro, aprendi a profissão de pedreiro, mas num sabia fazer cálculo, somar, chegasse uma pessoa pra pedir pra medir uma sala dessa, pra botar cerâmica eu num sabia... Porque a gente que é analfabeto num sabe... se tiver uma pessoa que mande vai, senão... se num tiver quem mande... Quer dizer o que?... Hoje graças a Deus, depois dessa escola, aprendi de tudo. Hoje eu desenrolo isso, trabalho mais nessa área, pego plantas e mais plantas, é cada

planta mais enrolada e eu vou lá e desenrolo. E eu dou graças primeiramente a Deus e ao nosso Saberes da Terra que veio e eu estou aqui!

Karla- É graças ao Saberes da Terra, mas graças principalmente a vocês porque pegaram essa oportunidade pelas mãos...

Roberval- E AGARRAMO!

Karla- Exatamente, e levaram adiante, porque muita gente não tem a perseverança, mas quando acredita, e resolve enfrentar o desafio... E vocês, gostariam de contar alguma coisa, algum projeto futuro? A escola despertou a vontade de fazer alguma coisa?

Maria-Ele também trabalha com ele(apontando para o marido), em construção!

Sebastião Edson Sempre ajudo a comunidade. Hoje eu posso dizer que sou um pequeno empresário, no município, tem muita gente da Comunidade Mendes Maria do

trabalhando comigo, no município de Quixaba e na região, trabalhei em três, quatro município e agora o pessoal da Comunidade Mendes, que antigamente não existia isso, a gente sabe que, logo que Quixaba passou a ser cidade, o pessoal aqui da comunidade era meio esquecido.

Karla- E porque Comunidade Mendes e não Comunidade Souza, já que todos aqui são Souza?

Sebastião Edson –Isso foi outro tempo, antigamente a primeira família que veio habitar aqui era os Mendes... Souza já foi depois... já veio de outros locais. E através de mim graças à Deus, tem muita gente da comunidade trabalhando... e a gente pretende subir mais... cada vez mais a gente pra frente né!

Karla- Quer contar alguma coisa pra gente, mudou alguma coisa na vida, melhorou alguma coisa ou tá tudo do mesmo jeito?

Maria José- Melhorou demais! Praticamente aqui a gente vivia, que nem diz a história, como se o pessoal vivesse preso, se soltou mesmo o pessoal, e agora é um lugar de gente alegre, feliz, sossegado em tudo...

Roberval- Aprenderam até a trabalhar com argila, costurando, crochê, aprenderam a fazer tudo na escola, aprenderam tudo no Saberes da Terra, inclusive até venderam umas peçinhas...

Maria José- Crochê... Agora mesmo era pra gente produzir umas peças pra vender na cidade Quixaba, mas falta reunir o pessoal, saber se eles querem ir e organizar. Porque veio um curso de SENAC. Fizemos o curso, recebemos o certificado. Pra trabalhar com argila, cerâmica, com barro... Que aqui é um lugar que um tempo pra trás existia as paneleiras. Aí as professoras articularam com o pessoal lá de Recife e elas vieram dar o curso, não só jarra como peça artesanal...

Karla- E vocês tem vontade de continuar?

Maria- Se reunisse o pessoal e aqui a prefeitura colaborasse com os recursos, porque o mais difícil está sendo pra quem vender, comercializar... se tivesse esse apoio... Antes eu não fazia nada disso, hoje faço costura, trabalho com emborrachado, com crochê, bordado, costura na máquina... foram todos cursos que a gente conseguiu através da escola.

Meu nome é **Valdeane Mariano da Silva-** Eu aprendi nessa escola Saberes da Terra, um bocado de coisa, que eu num sabia ler , quando eu estudava na Lagoa da Cruz, ia de pé que num tinha transporte, [...] tinha que sair daqui de dez horas pra chegar de doze na Lagoa, adoeci, minha mãe me tirou da escola que eu num podia andar de pé. Casei, passei uns anos aí sem estudar, vim estudar agora depois que apareceu essa escola aqui. Aprendi a ler que eu não sabia....ter conhecimento mais com as coisas que eu num tinha. Participo da reunião do sindicato, que é o grupo

das mulheres que nós temos, vamos ficar se reunindo uma vez por mês aqui na comunidade... isso aí foi através da escola que a gente era “recatado” e num tinha conhecimento de nada disso aí! Hoje o que melhorou mais pra mim foi essas cisternas calçadão, que aqui tinha muita dificuldade por água. Fizemos essa cisterna aí, tô fazendo os plantios, pro consumo de casa, isso tudo foi através da escola (Saberes da Terra) e vou terminar se Deus quiser, o EJA Campo, que eu estou estudando, eu era muito nervosa e sou ainda mas através dessa escola eu tô aprendendo muita coisa... (Valdeane Mariano da Silva)

Karla- Ela num queria falar, mas falou bem que só, falou muita coisa importante. As vezes a gente não sabe a importância das coisas que a gente sabe... Vamo lá...As professoras contaram que vocês começaram esta criação mesmo de sair o recurso do PI. Vocês já tinham dado início. O que estimulou vocês, como se organizaram, como foi esse processo desde tomar as decisões, ter uma produção, organizar tudo isso?

Sebastião Edson- Isso foi o incentivo do nosso professor, que era o técnico, que disse que era importante depois desses dois anos, deixar alguma coisa plantada através da escola. Ele citou algumas atividades, de cultivo, criação de cabra... Mas como aqui é uma comunidade muito seca, num tem onde perfurar poços, num tem barragem, tem esse problema da água, então pra horta já sabe que não podia dar certo, se juntou todo mundo e planejamos uma criação de galinhas. Tentamos fazer um projeto, não teve condições de fazer, aí reuniu todo mundo, uns diziam que queriam, outros não queriam. Mas quando foi pra entrar com a contra partida, que tinha que começar com recursos próprios aí a maioria desistiu. Juntei com o ‘cumpade’ Arnaldo, que estudava também e planejamos começar pra ver como era. Ficar só falando, falando, não, vamos começar... A gente se junta, como tinha o técnico pra nos orientar, começamos, inclusive ele nos indicou uma pessoa pra nos fornecer os pintos, compramos os pintos, os materiais pra essa construção... Como ele era o técnico e estava aqui todos os dias pra nos orientar, a fazer cerca, fazer casa, aquecer, num sabia de nada disso, nem como era... Aí começamos investindo aí um trocado, porque o dinheiro da gente também era pouco, começamos com cem pintos e depois fomos ampliando, todo mês a gente comprava mais cem... Até que surgiu esse projetozinho pra os ajudar, que a gente sabe que no início tudo é difícil, principalmente a gente tirando tudo do bolso. No primeiro lote de pinto, quando começamos, a gente gastou muito, mas do segundo lote em diante, quando a gente começou a vender aí melhorou, começamos a tirar o dinheiro do que tava vendendo pra comprar mais.[...] Até ficar aquela quantidade elevada [...] a gente vendia aqueles cem frangos e aí toda semana a gente queria que tivesse mais cem pra vender [...]. Tudo isso o gasto era muito grande... Se deslocava daqui pra outras comunidades pra passar o milho na forrageira, juntamos o dinheiro, o dinheiro que sobrava da venda dos frangos e vendendo compramos a forrageira, ampliamos, compramos madeira, telha [...]. Tudo isso era na intenção de ampliar, de melhorar, pra que a renda a gente tivesse depois, porque no início tiramos tudo do bolso, depois é que chegou esse projeto e pra nos ajudar. A gente tinha muito frango, compramos mais uma quantidade e compramos ração, milho... Se num fosse esse problema aqui dessas doenças, a gente teria bem umas mil e quinhentas...

Karla- E vcs tem interesse em dar continuidade?

Sebastião- Com certeza, na hora que melhorar o tempo, a gente vai limpar tudo, arrumar uma forma de dedetizar, passar veneno em tudo pra se for um inseto ver se mata e ir em busca de algum técnico que possa nos ajudar, ver se descobre uma

forma, se existe uma vacina, ou que combata ou que previna... Pra num acontecer o que tá acontecendo, porque a gente ter tanto trabalho e depois ver os animais morrer tudo e ficar só no prejuízo, é muito ruim né? Porque nosso objetivo é tirar nossa sobrevivência daqui que antigamente a gente só vivia nos corte de cana se deslocando, tem muitos daqui e com esses criatórios de galinha dá pra todo mundo viver aqui, se manter aqui tranquilo... Movimentar e vender... Coisa de comer é muito bom, todo mundo compra... Se fosse outras coisas não, mas galinha todo mundo compra. Num faltava gente, todo final de semana a gente tava com dinheiro no bolso, tranquilo né?

Karla- E como foi a adesão das outras pessoas? Só começaram vocês dois... Como foi que as outras pessoas vieram a participar?

Sebastião Edson- É porque quando nós começamos, começamos com recursos próprios e tinha um pessoal aí que num tinha o dinheiro pra começar. (Quando chegou o projeto), resolveu todo mundo junto, dividir pro pessoal que tinha a vontade mas num tinha a condição financeira pra começar...

Roberval- o capital!

Sebastião Edson- Aí dividiu tudo por igual, todo mundo ficou com uma partezinha, foi o pontapé inicial... Se num fosse esse problema tava rolando até hoje

Roberval- O que mais contribuiu pra gente dar um tempo, foi a seca, foi uma das causas que mais contribuiu, porque a doença veio, já foi uma causa e quando veio a seca é que arroucho mesmo, aí judiou muito, ia tirar da onde... A gente tinha que comprar ração caríssima chegamos a comprar ração de R\$54,00. A gente sofreu um grande golpe... Água muito difícil, tinha que comprar água também... E galinha bebe água. A gente resolveu dar um tempo pra descobrir qual o vírus que tá tomando de conta, pra poder acabar com ele e reiniciar.

Karla- Todas as casas tem cisternas?

Roberval- Tem, agora tem!

Sebastião Edson- E como era tempo de seca, a ração, a água, o milho era tudo muito caro e o frango tinha que ser barato, aí num tinha como não... O ano de seca é ruim pra tudo, tudo era caro pra produzir os animais e quando ia vender era muito barato... Frango que antes era acostumado a vender por uns 20 a gente passou a vender por 13 reais! Se ficasse era uns 20% pra tudo. Tudo isso influi...

Jaqueline- Em relação às cisternas, todas as casas agora tem uma cisterna pequena de 16.000 litros. Mas agora com esse Programa do governo tá implantando essas cisternas calçadão, que dá pra fazer plantio de horta, criar galinha, criar outros animais... Tá melhorando mais pra essas famílias. No caso de quem tem essa cisterna juntou água nessa chuva, tá com a cisterna cheia, graças a Deus, e com isso tá melhorando muito. E eu tô vendo que tem gente que antigamente ia comprar a horta, as verduras na feira e agora num tá comprando mais, tá produzindo em casa, o alface, o coentro, o cebolinho, o pimentão, antigamente ia comprar na rua e agora tudo isso tem em casa... e isso devido à cisterna. E se o governo continuar implementando essas cisternas calçadão em todas as casas vai melhorar demais, principalmente aqui no sítio Mendes, vai melhorar 100%! Porque aqui a dificuldade que a gente tem é a água.

Karla- E essa produção para o consumo de vocês, estão utilizando algum tipo de veneno?

Maria- De maneira alguma, e isso já aprendemos com o técnico pra num usar esses tipos de agrotóxicos...Eu já plantei ali um canteirinho...

Jaqueline- E principalmente pro nosso consumo é que num deve utilizar de jeito nenhum...

Karla- Por isso que as crianças tão tudo bonita, forte e saudável...

Roberval- A gente tem que aprender a tirar o próprio consumo da nossa própria terra! Quando não há água tudo bem, mas agora com as chuvas...facilita!

Maria- Já uma maneira de sobreviver no seu lugar...

Sebastião Edson- E com o solo bom que nem o nosso! Vê os pimentão aí, o coentro, o alface, um solo muito rico!

Maria- E tem o conhecimento de Ênio, antes tinha o problema da água e a gente não queria fazer a horta, mas mesmo assim, ele ensinou o manejo, a plantar a horta, num canteiro você planta pelo menos três diversidade de cultura diferente... Sempre gosto de acompanhar como ele ensinou! Fica ótimo... E a água que você utiliza em um já serve pro outro. E agora com cisterna e tudo....

Sebastião- Antigamente era uma coisa só ou alface ou coentro ou cebolinho, uma coisa só... e hoje não a gente planta diversificado, se juntar tem de tudo e com pouca água né!

Roberval- Eu num estudei no Saberes da Terra, mas to no EJA Campo, e pelo que eu aprendi, ao ver o técnico dar as dicas, as coisas que ele ensinava, eu aprendi. E graças à Deus eu aprendi, quero progredir e vou enfrente, tenho o olho grande, gosto de subir na vida, quero subir cada vez mais...

Jaqueline- Mas num é olho grande não... Uma pessoa que tem um objetivo na vida! Uma pessoa sem sonhar é uma pessoa morta, se você já é pobre em termo financeiro e num sonhar... Antigamente quando eu era mais jovem eu num sonhava de jeito nenhum, meu sonho era casar ter meus filhos e pronto, acabou! Estudar de jeito nenhum... num tinha condições, só dona de casa e pronto... e o conhecimento cadê? Eu disse peraí, vamos buscar fazer alguma coisa diferente, estudar, aprender a se comportar nos lugares... O ser humano tem que ser assim, sonhar sempre, porque se ele parar de sonhar morreu! É vivo e morto! Tá vivo em carne, mas tá morto em espírito... Porque sem sonhar a gente num é ninguém.

Karla- Que bonito isso que você falou!

Jaqueline- É verdade, isso é o que todos queriam dizer aqui, mas deixou preso na garganta. A gente é pobre em termos de riqueza material, mas em espírito a gente é muito rico. Principalmente aqui nos Mendes, estrutura aqui a gente não tem quase nada, mas fé e sonho a gente tem e muita vontade de vencer na vida...

Roberval- Sempre vem o obstáculo, vem derruba, mas sempre sobra uma raiz pra retornar...

Karla- Inverga mas num quebra

Roberval- Quebra não!!! Consegue não, nós vamos subir na vida, Deus quiser, cada vez mais!

Maria- Resta as famílias também, os que vem começando agora, a saber como é e os pais ensinarem aos filhos, como é que se faz... pros filhos seguir!

Karla- A gente educa muito mais pelo exemplo do que pela palavra... Se a gente tá numa comunidade que as pessoas veem, a gente trabalhando, estudando e crescendo... e melhorando as condições de vida

Maria- Vai crescer também a comunidade.

Karla-E quando acabou o acompanhamento do técnico, o recurso do Estado, quais foram os desafios e o que vocês acham que já conseguiram superar?

Jaqueline- Desafios foram muitos, primeiro porque a assistência do técnico era de suma importância, porque ele sempre dava acompanhamento em tudo, como melhorar a produção, resolver os problemas. Às vezes num tinha dinheiro pro bebedor, aí ele dizia 'uma garrafa de água sanitária também serve', já economiza o dinheiro... Aí faltou o comedor, ele ensinou a usar os pedaços de cano de 60, cortar

ao meio e fazer... Ele ajudou muito, foi difícil quando ele saiu, mas a gente já tava bem estruturado em conhecimento... A gente já sabia, as pequenas coisas que ele ensinava pra gente já era muito. E depois quando acabou a ajuda do governo, foi ruim pra gente, [...] mas como já tinha aquela estrutura, [...] vendia e já não tirava o dinheiro da gente, já era dos lotes vendidos... o problema foi essa crise. O problema é que essa peste num foi só em um galinheiro, foi no sítio inteiro [...]. Em todos os galinheiros teve essa peste e não só nas galinhas caipira, as capoeiras também... Poucas pessoas tem uma galinha de capoeira em casa... Qual foi a causa? O que foi?? A gente pensa várias coisas, mas precisa descobrir o que foi mesmo.

Roberval- Mas a gente vai descobrir e vai derrotá-la! Estudar como é que vai ser...

Karla- Tem que descobrir o que causou e buscar de preferência alguma alternativa natural pra enfrentar isso, imagina usar um veneno na comunidade toda, pode contaminar a água, as outras criações, os cultivos já que vocês tão tendo esse cuidado de produzir um alimento saudável... livre de veneno. Nesse caso a ajuda de um técnico é muito importante pra identificar o que aconteceu e a melhor forma de enfrentar....

Sebastião Edson- Pois eu digo que é na comunidade toda, mas só nos galinheiros. Começou eu e compadre Arnaldo, o projeto piloto, elas começaram de derradeiro, e a gente já tava penando com essa doença e elas com os frangos tudo bonito, saudável, de boa qualidade... Uma vez vieram uns estudantes do Recife [...] e nos deram várias dicas, tavam nos orientando, que os frangos num devia ter contato com as fezes, que precisa ter mais alguns cuidados... Se a gente tivesse seguido todas as orientações, eu digo que a coisa mudava, muitas e muitas coisas... Onde tem cimento, colocar areia, pra eles ficarem ciscando, em tempo quente molhar a areia. Na hora de dormir umas varas com mais espaço... Eu tava observando que tem uma verdade, se a gente tiver mais cuidados e buscar as formas tem como melhorar isso. Como o nosso foi o primeiro eu acredito que essa doença tenha surgido no nosso... e é isso o acompanhamento técnico que a gente num tá tendo...

Roberval- Talvez seja uma coisa bem simples e por falta do conhecimento a gente não teja resolvendo...

Sebastião Edson- A gente vai na farmácia veterinária, explica o que tá acontecendo, eles vendem o remédio, a gente usa e nada! Botam o dinheiro no bolso e pronto, ninguém vem aqui pra ver qual é o problema e nos orientar [...].

Karla- Eu fiquei curiosa com esse grupo de mulheres no sindicato, que você falou, quer contar mais alguma coisa, como começou, foi iniciativa de quem, como vocês estão se organizando, o que vocês discutem lá...

Maria- É que a gente tá fazendo a formação agora, sabe... inda num tá muito entendida. Foi iniciativa do sindicato... A gente sabe que pra trás a mulher era 'recantada', entendia que só o homem que podia fazer tudo. Mas hoje a gente sabe que num é só o homem que pode ser alguma coisa, ter alguma coisa na vida, a gente também pode. Hoje já tem a presidenta da Associação que já é um exemplo pra nós... E a gente vai pras reuniões e estão nos orientando e a gente fazer agora aqui no sítio. Eu sou a suplente, ela é a titular, A gente pretende arrastar esse bando de mulher preguiçosa

Cumadi- E através dessa reunião nossa a gente vai debater os temas que a gente queira trabalhar, pra vir alguém debater com agente, organizar cursos ou vim algum recurso...

Karla- E vocês estudaram algo sobre isso durante o Projovem, discutiram essas coisas em sala de aula?

Maria- Sim, era Adiene a professora de História, ela sempre falava disso pra nós, que a gente tem que se organizar, num podia parar, nem ficar sempre esperando pelos maridos ou dependendo deles. A mulher tem que batalhar e conseguir um seu cantinho pra progredir...

Sebastião- Tanto faz um grupo de mulheres registrado ou uma associação, tem a mesma força! Tem a presidente, a tesoureira...

Jaqueline- Sempre, todo grupo ou associação tem que ter os 'enfrentantes'. Sempre tem que ter a presidente, a vice presidente, a tesoureira, aquele pessoal pra colocar força no restante do pessoal. O grupo de mulheres é bom por isso, pra gente, a mulher começa a entender seus direitos, não que ela venha a perder o respeito, mas precisa procurar seu espaço também, ela merece o espaço dela, porque foi através dela que vieram os homens, então a gente num pode baixar a cabeça pros maridos da gente, nem pra ninguém... O que a gente quiser a gente consegue... Porque a gente tem força também...

Sebastião- Certeza, vamo pegar uma queda de braço então!

Jaqueline- Isso eu num consigo não!

Karla- É uma brincadeira, mas no fundo, é uma brincadeira machista, porque o homem tem mais poder ou sempre é a voz da decisão... E é uma conquista muito importante isso que vocês estão fazendo, além de discutir sobre isso, se propor a criar um grupo de mulheres que pode estar discutindo o que fazer pra viver melhor, pra viver em comunidade, porque se a mulher se fortalece, ela num se fortalece sozinha, fortalece a sua família, a comunidade... Eu penso que isso ajuda muito no crescimento de toda comunidade, num é uma mulher sozinha, mesmo que seja só um grupo, mas esse grupo num vive isolado... Se a gente tá em comunidade pode discutir essas coisas dentro de casa, repensar a criação dos filhos, a divisão das tarefas, as responsabilidades, na divisão também da riqueza que é gerada e a gente saber que nosso trabalho gera frutos... Isso é importante demais!

Sebastião – E os direitos são iguais pra todos! Tanto da mulher como do homem...

Jaqueline- Mas no tempo que a gente tá, em pleno século 21 inda tem muito homem machista, num é falando de todos. Geralmente a maioria dos homens são machista e num quer mulher participando de reunião, nem fazendo um exame de prevenção. Quer dizer que o dever da mulher é ficar submissa atrás de um fogão, sob as ordens dos maridos. Num é tempo de escravidão mais não, a gente tem que ver que nosso espaço está aberto, mas a gente tem que ir atrás. E eu acho isso muito triste que ainda em pleno século 21 que marido tem a autoridade de dizer que num pode fazer aquele exame... Hoje ainda tem mulher que tá morrendo porque num pode fazer um exame de prevenção e quando vai ver já é tarde, e aí você vai entregar a sua vida pra seu marido? [...] E aí?

Karla- Vocês já deram muitas informações muito importantes, mas agora eu queria saber na opinião de vocês, qual a importância da escola vim pra dentro da comunidade? Qual a importância da Educação estar acontecendo aqui dentro, pra vocês individualmente e pra Comunidade Mendes como um todo?

Roberval- É muito importante porque a gente trabalha e durante a noite vai estudar, trabalha e estuda ao mesmo tempo... todo dia é a mesma rotina..

Maria- A escola quando vem pra dentro da comunidade é muito importante porque pra mulher, dona de casa, mãe de família, se fosse pra ir pra rua ia deixar muita preocupação pra trás... assim, aqui é outra coisa.

Jaqueline- A escola trouxe muitos benefícios pra comunidade, veio muito conhecimento, os projetos, pessoas de fora vieram conhecer a comunidade, através do Projovem a gente ficou conhecido na cidade do Recife, no Ceará. Até em Brasília

que a gente fez um relato, um histórico dos Mendes, uma pesquisa da história da comunidade, saber os primeiros moradores, quem foi que teve o primeiro rádio, uma televisão [...]. Pra gente a escola foi o pontapé inicial, foi muito importante pra mostrar que a comunidade tá viva e progredindo.

Maria- E a Comunidade Mendes foi um espelho pra outras comunidades, que tão vendo as coisas acontecerem e querendo e fazendo também.

Roberval- Nossa tendência é crescer, é progredir! A gente quer progredir cada vez mais, isso é apenas o começo!

Sebastião, Edson- Realmente foi uma coisa que ajudou muito trazer essa escola pra cá, porque aqui tem muita mãe de família, por exemplo, com dois filhos pequenos, como é que vai estudar na rua... muitas vezes a sala de aula ficava cheia de menino, a gente estudando e as mães, vai prum canto pra outro, dá de mamar, faz o exercício e se fosse na rua isso ia poder.... Foi um caso bem pensado... Trabalho direto quando chega à noite tá cansado, mas a escola tá aí, encima de casa, se fosse pra ir pra rua.... acho que não!

Jaqueline- E pra gente que é mulher, a gente vê que a ajuda dos esposos é muito importante, eu sou um exemplo, quando acabou aqui e a gente foi pra Quixaba estudar, foi muita dificuldade, a primeira foi o carro, que num tinha antes, que a prefeitura demorou a dar porque tinha pouco aluno. Pra eu ir estudar saía as quatro, quatro e meia, esperava o esposo chegar do trabalho, tinha que ficar com as crianças pra eu poder ir, chegava as nove, dez horas. Se num fosse a ajuda dele eu teria começado, mas num teria terminado. A esposa e o esposo, a família unida, se ajudando, todo mundo avança, a gente consegue ir pra frente... agora sozinha a gente num consegue não!

Roberval- Quando vieram aqui com a lista pra ver quem queria estudar, pegaram o nome de todo mundo e me perguntaram, Roberval tu vai? E eu disse eu num vou não, meio preguiçoso, num queria mais estudar, achando que já tava progredido, que tava sabido já. Parece que foi Deus que deu aquela força, eu disse bote meu nome, eu vou, se eu num for eu desisto, e fui e gostei e quando hoje num tem aula eu acho ruim... E vou terminar se Deus quiser e quando aparecer de novo eu quero de novo!

Maria- E ele é merendeiro também, faz a merenda em casa com a esposa e leva pra escola.

Karla- E se num aparecer a gente vai atrás e exige nossos direitos. Existe um decreto que garante a todas as populações que vivem e trabalham no Campo tem direito à Educação básica, de completarem seus estudos, inclusive de fazer uma faculdade, uma universidade.

Roberval- Que é o que a gente quer!

Karla- O Estado, a prefeitura tem que contribuir com isso. Ou com transporte, ou ofertando a própria escola... Que na prática é uma luta que individualmente é muito difícil de se concretizar mas quando a gente se une, a família, a comunidade e utiliza a estratégia do sindicato, do grupo de mulheres, todas as formas de organização que a gente puder fazer pra fortalecer a nossa comunidade, e através disso a gente vai, além de aprender o direito, entender como acessar aquele direito, que é o mais difícil e mais importante porque às vezes o direito existe, mas pra gente acessar tocar nele, se beneficiar, as vezes é muito difícil...

Maria- No momento eu e meu marido, a gente não tá estudando, mas quem sabe no futuro né... mas os meus filhos já estão indo pra escola, eu queria até que o mais velho fosse, mas é cabeça dura...

Karla- De repente o pai e a mãe indo, já é um exemplo, um estímulo... e ele se anima também.

Roberval- E uma oportunidade dessas não é fácil não é difícil. Portanto a gente tem que agarrar com unhas e dentes... Eu lutei muito, batalhei muito pra tentar terminar em São Paulo, chegava nas escolas, mas num tinha a sétima série à noite, só de dia e eu tinha que trabalhar, estava lá pra trabalhar... Eu tinha que arrumar uma vaga pra estudar de noite, mas num tinha, então num deu pra terminar. Aí pronto depois que eu voltei pra cá, apareceu essa chance e agora eu vou agarrar terminar.

Ahhhh... eu sonho alto!

Karla- Cada um conte seu sonho! O que ainda quer melhorar, fazer, realizar...

Sebastião- Se eu tivesse 24 anos eu ia fazer uma Faculdade, estudar.

Jaqueline- Olha o exemplo, uma senhora de 89 anos fez o Prouni no Ceará, ela passou em primeiro lugar e vai fazer a Universidade. Pra você ver que nunca é tarde, pra fazer aquilo que você quer.

Karla- Por isso que foi criada a EJA, hoje já tem da terceira idade, porque todas as pessoas independente da idade podem e tem o direito de estudar. Sempre é tempo de aprender, sempre é tempo de ensinar... Enquanto houver vida, há movimento e se há movimento há possibilidade de mudança!

Sebastião Edson- Concordo! Num adianta eu estudar só por estudar, eu sei que o estudo é uma coisa boa, que a gente leva pra gente. Mas como seria bom se você pudesse estudar pra ter lucro no que tá estudando

Jaqueline- Mas é do conhecimento que ela tá falando

Sebastião Edson-... Eu vou estudar aqui, sem objetivo nenhum, simplesmente pra aprender a ler e escrever. Eu tenho 42 anos, minha idade já é avançada, eu to estudando aqui porque tenho que ir em busca de alguma coisa. Se eu tivesse 24 anos eu ia em busca de ser uma dessas coisas, mas já tenho a idade avançada pra ser um médico, pra ser alguma coisa assim...

Jaqueline- Um advogado hein?

Sebastião Edson- Agora posso ir em busca do que eu já estou trabalhando na minha área. Vamos supor eu tenho 42, eu poderia muito bem fazer uma engenharia civil, mas por causa do tempo, porque eu trabalho muito, porque eu sou encarregado geral de várias obras por aí fico num corre- corre pra lá e pra cá... Outro dia mesmo, estava na sala de aula, quando ligaram pra mim durante a aula e eu tive que ir lá em Serra Talhada resolver um bocado de coisa... meia noite é que cheguei em casa...Sei lá se eu tivesse um emprego fixo e só trabalhasse oito horas por dia com carteira assinada, seria diferente... Mas eu num trabalho com isso, trabalho por minha conta, eu que organizo tudo...

Jaqueline- Mas assim num é melhor!

Sebastião Edson- Nós temos uma vantagem aqui, porque hoje em dia nos conseguimos, nós temos o apoio do Sindicato, da prefeitura, da FETAPE. Quando a gente precisa eles estão dispostos a nos ajudar então a comunidade só tem a crescer

Robson-Eu mesmo sonho em terminar e fazer uma faculdade

Jaqueline- Mas pra estudar faculdade você tem que querer ser alguma coisa, professor, engenheiro, advogado

Quando chegar o tempo eu vou decidir que eu num quero coisa pequena, quero coisa grande... Quando fui pra SP, procurei fazer um curso pra trabalhar na agricultura, um curso pra tratorista, colheteadeira de cana, puxa cana no meio da roça, como? Sem uma habilitação, Quando voltei pra cá, as coisas mudara. Agora,

vou terminar o terceiro ano, já tenho minha habilitação e vou procurar melhora porque você nascer e morrer na mesma coisa é muito ruim...

Jaqueline- Ah o meu sonho por enquanto tá parado, eu sempre tive vontade de ensinar, de ser professora... Podem passar 60 anos mas meu sonho vai continuar a ser esse. Num é que eu desisti, ele só tá parado, por enquanto!

Sebastião Edson- Tantas portas abertas e tantas pra abrir, que nem aquela propaganda do ENEM... E uma moça tão sabida, tão decidida.

Karla- Teve alguma coisa que eu não perguntei mas vocês gostariam de falar, complementar, ou perguntar sobre algo que não falamos? Algo que acham importante registrar...

Jaqueline- Nós só temos a agradecer a presença da senhora, senhorita ter vindo conhecer a Comunidade Mendes. Principalmente a nossa história de vida, o jeito que a gente vive, os sonhos da gente. É importante ter pessoas que se interessam pela história da gente. Saber sobre nossa comunidade, o que está acontecendo, o que melhorou, sobre o que estamos precisando, como estamos vivendo, o que esse programa trouxe pra gente, o governo... Porque é importante a senhorita estar aqui e levar a história da gente pra longe.

Robson- A gente tem muita precisão... Esse projetos que o governo traz, então um incentivo pra gente continuar

Karla- Uma coisa importante pra gente aprender e compreender é que na verdade o governo não tá dando nada.

Sebastião- A gente paga por isso!

Karla- É. Em tudo aquilo que compramos, seja uma panela pra cozinhar, um remédio pra doença das galinhas, o combustível do transporte, o lápis...Nós somos um dos países do mundo onde mais se paga imposto, então deveríamos ser o mais

Jaqueline- Mais desenvolvido!

Karla- E ter o Estado que mais investe na população. E na verdade estão necessitando em muitas áreas mais investimento É obrigação de um bom gestor saber fazer uso do dinheiro público de acordo com as necessidade daquela população

Jaqueline- Eu queria falar sobre o Bolsa Família, é um programa do governo que veio pra agregar, pra dar um apoio, um complemento... Mas o que acontece é que muitos pais de família que pararam, estacionaram só nele, se acomodaram alí e pronto. Quando eles veem a gente trabalhando, eles perguntam pra que vocês vão trabalhar se todo mês tem aquela ajuda, mas apesar de ser uma ajuda boa num dá imagine duzentos e poucos reais pra quatro pessoas...

Muita gente diz Robson tem olho grande, tenho não sou ambicioso, gosto de trabalhar pra avançar

Maria- Espero que com esse Grupo das Mulheres a gente consiga mais conquistas. Que venham mais cursos, pra que a gente possa continuar aprendendo e trabalhando. Eles sempre mandam novos cursos que a gente pede. Eu mesma queria um curso de costura.

Karla- Então eu desejo boa sorte a vocês, que continuem na luta. Obrigada pela atenção por esse tempo que vocês dedicaram pra essa conversa, por compartilhar esses sonhos comigo. E vocês estão de parabéns, por todas essas mudanças, que são fruto do trabalho de vocês. E que a gente possa se encontrar novamente, quando o trabalho tiver concluído eu vou avisar a data da apresentação e se vocês quiserem eu posso voltar aqui pra gente conversar sobre as reflexões os resultados desse trabalho.

Jaqueline- A gente que agradece a presença e estamos sempre aqui à disposição.

Grupo de educandos da Comunidade Mendes



Fonte: Arquivo pessoal